



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**LIVIA MARIA DUARTE DE CASTRO**

**CULTURA DE PAZ, EXTENSÃO E FORMAÇÃO DE EDUCADORES: PRÁTICAS  
DE EDUCAÇÃO PARA A PAZ**

**FORTALEZA**

**2018**

LIVIA MARIA DUARTE DE CASTRO

CULTURA DE PAZ, EXTENSÃO E FORMAÇÃO DE EDUCADORES: PRÁTICAS DE  
EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito final para obtenção do título de doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kelma Socorro Lopes de Matos.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- C351c Castro, Livia Maria Duarte de.  
Cultura de Paz, Extensão e Formação de Educadores : Páticas de Educação para a Paz / Livia Maria Duarte de Castro. – 2018.  
157 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Profª. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos.
1. Cultura de Paz. 2. Formação de Educadores. 3. Educação para a Paz. I. Título.

CDD 370

---

LIVIA MARIA DUARTE DE CASTRO

CULTURA DE PAZ, EXTENSÃO E FORMAÇÃO DE EDUCADORES: PRÁTICAS DE  
EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito final para obtenção do título de doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kelma Socorro Lopes de Matos (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro de Sousa Rodrigues  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Carmo Alves do Bomfim  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Lúcia Conde de Oliveira  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minha querida mãe Maria Antonia Rodrigues Duarte, por ser a maior incentivadora de todas as minhas conquistas, e pelo amor sincero sempre dedicado.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pelas conquistas concedidas.

À minha mãe, Maria Antonia, base de todas as minhas ações, dedicada, que sempre me orientou com palavras sábias, amizade e sabedoria.

A meu pai, Miguel Murilo, pela vida.

Aos meus Irmãos, Ana Ligia e Hully Fideles, pelo companheirismo e aprendizados.

Aos meus Sobrinhos, Yuri, Hanry e Ayla, fonte de esperança na construção de um mundo de paz.

Ao meu companheiro querido, Antonio, pela cumplicidade, incentivo, paciência e dedicação.

À orientadora professora Dr<sup>a</sup> Kelma Matos, gratidão pelo apoio e parceria, pelos anos de aprendizagens acadêmica e pessoal, pelos muitos ensinamentos para a vida.

Ao grupo de pesquisa “Cultura de Paz, Juventudes e Docentes” pelos momentos de partilha e reflexões.

À banca formada pelos professores doutores João Figueiredo, Lúcia Conde, Socorro Sousa e Maria do Carmo Bomfim, que prontamente se dispuseram a participar, e pelas preciosas contribuições.

À equipe da Secretaria Municipal de Educação – SME, sujeitos participantes desta ação, pela troca e possibilidade de poder contribuir com a ampliação dessa discussão.

À Roberlúcia pelo apoio, disponibilidade e acolhimento.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a transformação desse sonho em realidade.

À agência de fomento CAPES.

Paz, para ser vivida, tem de ser construída, dia a dia, nos pequenos atos, de onde germinam as grandes transformações. Paz é para ser realizada, não só idealizada. Paz se faz, não é dada. (Sílvio Vaz de Almeida)

## RESUMO

Este estudo teve como objeto práticas de Educação para a Paz que ocorreram a partir da formação em Cultura de Paz dos educadores pertencentes à rede pública municipal de ensino de Fortaleza, os quais atuavam desempenhando a função de técnicos, formadores e coordenadores da modalidade Educação de Jovens e Adultos. Buscou-se contribuir com formação em Cultura de Paz, por meio de conhecimento teórico e prático, com novas iniciativas e ações voltadas à promoção dessa cultura. Nesse sentido, o objetivo do estudo foi investigar como se desenvolvem, a partir do processo formativo, as possibilidades de práticas para uma Educação para a Paz. Fundamentamo-nos por meio do apoio teórico de autores, como Jares (2002, 2007), Guimarães (2005, 2006) e Matos (2008, 2010, 2011, 2014, 2015, 2016), que discutem sobre a temática em questão. Dentre as possibilidades de pesquisa relacionadas ao enfoque qualitativo, utilizamos a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1988). Agregamos, também, à metodologia de oficinas, um recurso que favorece melhores diálogos e vivências, facilitando, assim, a compreensão teórica e, ainda, a educação a distância por meio do uso de um ambiente virtual de aprendizagem, e de outras ferramentas associadas às novas tecnologias. Como procedimento metodológico, lançamos mão da técnica observação participante, tendo como instrumentos de coleta questionário, entrevista e registros do diário de campo durante a formação presencial e a distância. Os resultados obtidos indicam que a formação realizada contribuiu para uma aprendizagem teórica e prática, as quais reverberaram em ações concretas em três distritos de educação. A pesquisa apontou ser necessário pensarmos e, sobretudo, buscarmos a efetivação de ações e políticas permanentes que visem ao desenvolvimento das ações voltadas à promoção da paz. Destacou-se que tal trabalho favorece aprendizagens que estimulam ações transformadoras nos espaços educativos, e, também, na maneira que passamos a atuar no mundo. Ressaltamos que foram valiosas as trocas durante o desdobramento das ações, mas, em especial, no processo formativo, no qual pudemos registrar as compreensões e elaborações conceituais dos participantes acerca da temática.

**Palavras-chave:** Cultura de Paz. Formação de Educadores. Educação para a Paz.

## ABSTRAT

This study had as object Peace Education practices that occurred from the formation in Culture of Peace of the educators belonging to the municipal public education network of Fortaleza, who acted as technicians, trainers and coordinators of the modality of Youth Education and Adults. It was sought to contribute with training in Culture of Peace, through theoretical and practical knowledge, with new initiatives and actions aimed at the promotion of this culture. In this sense, the objective of the study was to investigate how the possibilities of practices for an Education for Peace are developed from the formative process. We are based on the theoretical support of authors such as Jares (2002, 2007), Guimarães (2005, 2006) and Matos (2008, 2010, 2011, 2014, 2015, 2016), who discuss the theme in question. Among the research possibilities related to the qualitative approach, we use action research (THIOLLENT, 1988). We also add to the workshop methodology a resource that favors better dialogues and experiences, thus facilitating theoretical understanding and, also, distance education through the use of a virtual learning environment, and other tools associated with new technologies. As a methodological procedure, we used the participant observation technique, having as instruments of questionnaire collection, interviews and field diary records during monthly and distance training. The results indicate that the training provided contributed to a theoretical and practical learning, which reverberated in concrete actions in three districts of education. The research pointed out that it is necessary to think and, above all, to seek the implementation of permanent actions and policies aimed at the development of actions aimed at promoting peace. It was pointed out that such work favors learning that stimulates transformative actions in educational spaces, and also in the way we come to act in the world. We emphasize that exchanges were valuable during the unfolding of the actions, but especially in the formative process, in which we were able to record the participants' conceptual understandings and elaborations about the theme.

**Keywords:** Training of Educators. Education for Peace.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Faculdade de Educação (2017) .....	36
Figura 2 –	Primeira oficina do curso de formação de educadores em Cultura de Paz (2016) .....	65
Figura 3 –	Produções da primeira oficina – a (2016).....	66
Figura 4 –	Produções da primeira oficina – b (2016).....	67
Figura 5 –	Produções da primeira oficina – c (2016).....	67
Figura 6 –	Produções da primeira oficina – d (2016).....	68
Figura 7 –	Produções da primeira oficina – e (2016).....	69
Figura 8 –	Produções da primeira oficina – f (2016).....	70
Figura 9 –	Segunda oficina – a (2016).....	71
Figura 10 –	Segunda oficina – b (2016).....	72
Figura 11 –	Vivência segunda oficina (2016).....	73
Figura 12 –	Segunda oficina – c (2016).....	73
Figura 13 –	Terceira oficina (2016).....	75
Figura 14 –	Estudo do texto - terceira oficina (2016).....	76
Figura 15 –	Momento inicial quarta oficina (2016).....	77
Figura 16 –	Quinta oficina – a (2016).....	79
Figura 17 –	Quinta oficina – b (2016).....	80
Figura 18 –	Produção na quinta oficina – c.....	80
Figura 19 –	Distrito Educação VI – Oficina Por uma Cultura de Paz: compreendendo o conceito de empatia (2016).....	97
Figura 20 –	Oficina ministrada pelo Distrito Educação VI (2016).....	99
Figura 21 –	Oficina Distrito Educação VI (2016).....	102
Figura 22 –	Vivência final oficina Distrito VI (2016).....	104
Figura 23 –	Oficina Distrito Educação IV – a (2016).....	108
Figura 24 –	Oficina Distrito Educação IV – b (2016).....	109
Figura 25 –	Quadro de conceito – Oficina Distrito Educação IV(2016).....	109
Figura 26 –	Oficina Distrito Educação IV – c (2016).....	111
Figura 27 –	Oficina Distrito Educação V(2016).....	114
Figura 28 –	Confecção Material – oficina Distrito Educação IV(2016).....	115
Figura 29 –	Momento apresentações – oficina Distrito Educação V(2016).....	116

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização das Produções da UFC sobre Cultura de Paz.....	52
Quadro 2 – Organização das Produções da UFPI sobre Cultura de Paz.....	56

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
- AZC – Associação Zumbi Capoeira
- CAPES – Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CDVHS – Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa
- CED – Centro de Educação a Distância
- CEMTI – Ensino Médio em Tempo Integral
- EAD – Ensino a Distância
- EEMWR – Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- EP – Educação para Paz
- EPAC – Escola Professor Plácido Aderaldo Castelo
- EVH – Educação em Valores Humanos
- FACED/UFC – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará
- IC – Iniciação Científica
- ISSSEB – Instituto Sri Sathya Sai de Educação do Brasil
- JAP – Curso Jovens Agentes da Paz
- LDB – Lei de Diretrizes e Base
- NEPEGECEI – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania
- ONGs – Organização Não-Governamental
- PEA – Programa Escola Aberta
- PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
- PNEDH – Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos
- PPP – Projeto Político Pedagógico
- PSSEVH – Programa Sathya Sai de Educação em Valores Humanos
- PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens
- SME – Secretaria Municipal de Educação
- UECE – Universidade Estadual do Ceará
- UFC – Universidade Federal do Ceará
- UFPI – Universidade Federal do Piauí
- UNESCO – Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
- VIVE – Vivendo Valores na Educação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>MEMÓRIAS DA PESQUISADORA E O CAMINHO METODOLÓGICO.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>Retomando minhas memórias e fortalecendo-me como agente da paz: o caminho e a relação com o tema estudado.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1.1</b>	<i>Caracterização da pesquisa.....</i>	<i>29</i>
<b>2.1.2</b>	<i>O cenário da investigação – FACED.....</i>	<i>36</i>
<b>2.1.2.1</b>	<i>Os sujeitos da pesquisa.....</i>	<i>38</i>
<b>3</b>	<b>CONSTRUINDO OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS – DISCUTINDO CONCEITOS.....</b>	<b>42</b>
<b>3.1</b>	<b>Reflexões sobre a formação de educadores.....</b>	<b>42</b>
<b>3.1.1</b>	<i>Na busca por um conceito de paz.....</i>	<i>47</i>
<b>3.1.2</b>	<i>Educação para a Paz e Cultura de Paz.....</i>	<i>48</i>
<b>3.1.2.1</b>	<i>A produção acadêmica sobre Cultura de Paz.....</i>	<i>51</i>
<b>4</b>	<b>A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES NA ÓTICA DA CULTURA DE PAZ.....</b>	<b>60</b>
<b>4.1</b>	<b>A extensão: possibilitando o encontro com a temática da Cultura de Paz</b>	<b>60</b>
<b>4.1.1</b>	<i>As oficinas da paz como espaço de formação.....</i>	<i>63</i>
<b>4.1.1.1</b>	<i>Contribuições da educação a distância para a formação em Cultura de Paz...</i>	<i>81</i>
<b>5</b>	<b>EXPERIÊNCIAS RESULTANTES DA FORMAÇÃO: É POSSÍVEL SEMEAR A PAZ.....</b>	<b>96</b>
<b>5.1</b>	<b>Empatia: caminho para vivenciar a Cultura de Paz.....</b>	<b>97</b>
<b>5.1.1</b>	<i>Compreendo o conflito como parte do processo de construção da paz.....</i>	<i>108</i>
<b>5.1.1.1</b>	<i>Direitos Humanos, outros ensaios e achados.....</i>	<i>114</i>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>119</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>123</b>
	<b>APÊNDICES A – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>133</b>
	<b>APÊNDICES B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>134</b>
	<b>APÊNDICES C – ESTRUTURA DO CURSO .....</b>	<b>136</b>
	<b>APÊNDICES D – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>140</b>

<b>ANEXO A – IDENTIDADE PACIFISTA.....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO B – MÚSICA MINHA ALMA.....</b>	<b>142</b>
<b>ANEXO C – TEXTO VALORES HUMANOS.....</b>	<b>144</b>
<b>ANEXO D – CONTOS TRABALHAR VALORES.....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO E – TEXTO OS DOIS MONSTROS.....</b>	<b>147</b>
<b>ANEXO F – CHAPEUZINHO.....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXO G – JORNALISTA.....</b>	<b>150</b>
<b>ANEXO H – JULGAMENTO DA COLMEIA.....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXO I – QUADRO VAN GOGH .....</b>	<b>152</b>
<b>ANEXO J – TEXTO CULTURA DE PAZ: TEORIA DO CONFLITO.....</b>	<b>153</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Ampliar espaços de formação em cultura de paz e multiplicar educadores comprometidos com a educação para a paz surgem como iniciativas indispensáveis para estimular uma nova forma de pensar, sentir e fazer das pessoas que colaboram com a construção de uma sociedade mais harmônica, fraterna, justa e engajada na promoção constante da paz”.

(MATOS; PIERRE; RODRIGUES, 2014).

O interesse em investigar questões relacionadas à paz surgiu ao longo de nossa trajetória na graduação. Durante esse percurso, pudemos observar, estudar e vivenciar diferentes aspectos relacionados ao tema (WEIL, 1993; JARES, 2002; MONTESSORI, 2004; MATOS, 2006, 2007, 2008, 2010; MATOS e BOMFIM, 2006), o qual adquiriu diferentes conformações. Essa experiência, agregada às reflexões e observações realizadas no período da pesquisa de mestrado, nos levou a perceber a necessidade dos professores no que se refere à obtenção de conhecimento teórico sobre a Paz, tendo em vista que desenvolviam ações a partir do senso comum, o que, algumas vezes, fragilizava o trabalho realizado.

Pensando em como possibilitar a esses sujeitos um contato e melhor entendimento com os aspectos teóricos que envolvem a questão da paz, despertou-nos o interesse em desenvolver um trabalho que contemplasse esses educadores; então, surgiu nossa pesquisa. Em um primeiro momento, o estudo visava à formação de professores em Cultura de Paz, assim como, também, dar uma maior visibilidade às questões que envolvem a temática, além de trazer a possibilidade do diálogo, no que se refere à realização de um trabalho que buscasse contribuir com proposições práticas, e de abordar de forma mais direta o tratamento dado ao tema na universidade e nos demais espaços educativos, destacando a escola.

A discussão acerca do tema *paz* não é recente (JARES, 2007), mas nas últimas décadas tem se fortalecido. Ela é percebida como uma ação cada vez mais necessária diante das diversas situações de violência presentes no cotidiano das escolas e da nossa sociedade. É preciso evoluir com ações práticas e propostas que possam contribuir para vivenciarmos outra realidade. Assim, fomentou-se o desejo de oferecer aos educadores uma formação por meio da

qual possam realizar iniciativas voltadas para a promoção da Cultura de Paz no âmbito educacional e, conseqüentemente, na sociedade.

Vivencia-se um tempo de muitas incertezas. A violência é noticiada constantemente pelos meios de comunicação e tem se expressado de diferentes maneiras e em diversos segmentos da sociedade, causando sofrimento e medo. No entanto, em sentido oposto a essa realidade, e até mesmo permeando-a, existem ações que buscam minimizá-la e impulsionar outras formas de relações, iniciativas que visam a contribuir para a vivência de outra realidade, em que esteja presente uma convivência mais democrática. Para fortalecer esses trabalhos que buscam superar os diferentes tipos de violências, é importante que outras pessoas estejam preparadas e possam colaborar, sendo necessário, portanto, capacitá-las para atuar na perspectiva da paz.

Segundo Ahmad (2009, p. 2), com essas circunstâncias em que predominam o medo, o desrespeito e as agressões acabam sendo características da nossa sociedade:

[...] vivencia-se hoje uma época de conflitos de proporções mundiais. Nossa sociedade atravessa um período de turbulência, diante da corrupção, dos jogos de poder, da violência, do desprezo pelo ser humano e pelo meio ambiente. E muitos desses problemas são reflexos de comportamentos sociais que não observaram a importância dos valores e, ao não cultivá-los, propiciaram a formação de adultos sem referências de cidadania e de respeito ao próximo.

É preciso romper com esses tipos de comportamento, com modelos de convivência que desconsideram os valores humanos. Daí a necessidade de pensar em propostas educativas que trabalhem no sentido de oferecer uma educação para viver bem, com qualidade, que considere o humano e as diversas dimensões que o compõem. O debate sobre valores humanos na educação pode contribuir para que sejam incorporadas novas práticas, em especial com relação à questão da paz nas escolas (MATOS; NONATO JUNIOR, 2006). E acreditamos, mais que no debate, na possibilidade de inserção desses temas no currículo, relacionando-os aos conteúdos das diferentes disciplinas. Isso estimularia nas crianças, jovens, estudantes de um modo geral, uma nova maneira de estar no mundo.

Esse cenário nos leva a refletir sobre as condições de vida em sociedade, a repensarmos nossas posturas, a buscarmos alternativas e realizarmos ações que visem a uma reflexão sobre o modo de viver, contribuindo para a criação de relações saudáveis e positivas. É imprescindível que possamos trabalhar valores, direitos humanos, dentre outros temas relevantes à formação integral do indivíduo.

Esses aspectos justificam por si só a necessidade de nosso estudo, o qual buscou apresentar alternativas e conhecimentos a educadores, trazendo essa discussão por meio da formação, visando a contribuir para modificar essa realidade. Consideramos possível uma educação pautada na paz e nos valores humanos como forma de fomentar iniciativas em favor da promoção de uma Cultura de Paz.

A educação do século XXI vem passando por mudanças significativas e aponta uma pequena evolução nesse sentido, com o surgimento da discussão sobre novos paradigmas (SALLES FILHO, 2011), a qual vem proporcionando recentes reflexões acerca de determinados temas, antes pouco ou não discutidos e valorizados como, por exemplo, valores humanos, espiritualidade, afetividade e cultura de paz. No estudo que realizamos, agregamos outros temas, como formação em Cultura de Paz para educadores, e também contemplamos a discussão sobre a contribuição da Educação a Distância (EaD) nesse processo formativo.

Assim, realizamos este estudo, que visava inicialmente a mostrar as práticas em Cultura de Paz com educadores da rede municipal de ensino que ocorreram a partir da formação de educadores em Cultura de Paz. Posteriormente, buscamos conhecer em que medida a formação de educadores em Cultura de Paz contribui para que educadores da rede municipal de ensino busquem construir novas práticas voltadas à promoção de uma Cultura de Paz, em seus espaços de atuação.

Assinalamos que, em todo nosso processo formativo, optamos por conhecer e discutir as ideias dos autores Serrano (2002), Yus (2002), Matos (2006), Jares (2007); pelas práticas que tivessem uma proposta diferenciada de formação, de construção de uma sociedade mais justa; e pela presença de uma proposta de educação que contemplasse tanto o afetivo quanto o cognitivo, ou seja, práticas que desenvolvessem um trabalho na perspectiva de transformação do ser humano. Assim, fomos nos constituindo e também nos transformando ressaltamos tal perspectiva como algo concreto. Por estar implicado nesse universo, temos constatado que a esperança numa sociedade mais justa e pacífica depende e se faz por atores e educadores que insistem e se comprometem com o trabalho nessa perspectiva.

A partir de experiências em pesquisas já realizadas por Matos (2006, 2008, 2010) e Castro (2012), constatamos que práticas e ações nessa perspectiva têm dado um novo sentido aos diversos espaços, sobretudo, os educacionais. Segundo Matos (2010), esse movimento deve ser registrado e divulgado para dar visibilidade e multiplicação, pois são essas ações que favorecem o acolhimento e a expressão do amor entre as pessoas. O que é importante e deve ser propagado.

Pontuamos assim a relevância do desenvolvimento dessas ações, assim como a permanência de um trabalho mais sólido e disseminação dessas iniciativas. Para que isso concretize-se, destacamos que tais atividades devem ser cuidadosamente pensadas e articuladas para que possam tornar-se permanentes, tendo em vista que constatamos, em estudos realizados, que, em algumas escolas, os trabalhos desenvolvidos acerca do tema proposto, em sua maioria, vêm sendo criados e desenvolvidos a partir de vivências, cada uma de forma distinta, sendo, por sua vez, marcadas predominantemente pelo senso comum, sem uma base conceitual. Essa prática, muitas vezes, implica em trabalhos pontuais, e dessa forma, é preciso fortalecer tais iniciativas, sob a perspectiva de incorporá-las de modo significativo e permanente nos espaços educativos.

Nessa perspectiva, o trabalho desenvolvido visou a melhorar as ações voltadas à promoção da paz, pois consideramos necessário que os educadores aprofundem seus conhecimentos sobre o tema, obtendo uma compreensão mais ampla sobre os conceitos indispensáveis ao trabalho que promove a Cultura de Paz. Destacamos, dentre alguns, os conceitos de paz e educação para a paz, pois, como explica Macêdo (2011, p. 100), qualquer abordagem sobre a paz desenvolve, antes de tudo, uma reflexão em torno do seu conceito.

Logo, este estudo tem como objetivo geral investigar como se desenvolvem, a partir do processo formativo, as possibilidades de práticas para uma educação para a paz. Traçamos como objetivos específicos: 1) analisar em que medida a formação contribuiu para que os educadores ressignificassem o conceito de paz, 2) registrar as ações que foram realizadas a partir da formação, 3) Descobrir que mudanças os educadores identificam em suas concepções a partir da formação sobre paz.

O grupo com o qual desenvolvemos o trabalho foi composto inicialmente por 25 educadores da rede pública do município de Fortaleza, técnicos da Secretaria Municipal de Educação – SME, formadores dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos – EJA, coordenadores dessa modalidade nos distritos de educação das regionais e coordenadores da EJA nas escolas. A escolha por esse grupo se deu inicialmente pela demanda de formação por essas próprias categorias. Em dezembro de 2015, uma das formadoras procurou a coordenação do grupo de pesquisa Cultura de Paz, Juventudes e Docentes, do qual fazemos parte, e manifestou interesse, expressando que membros responsáveis pela modalidade de Educação de Jovens e Adultos gostariam de conhecer mais sobre a temática, solicitando assim uma formação. Aliado a esse desejo, vimos a possibilidade de semear a proposta de uma educação voltada para a cultura de paz numa proporção maior, pois, como expressam Dias e Matos (2015), esses sujeitos teriam mais facilidades em

construir grupos e espaços capazes de mover-se em torno das propostas por uma cultura de paz, tendo em vista que estes profissionais trabalham formando, orientando e auxiliando docentes. Portanto, a ideia era fazer com que a discussão e as vivências também pudessem chegar ao âmbito escolar, daí a importância de capacitá-los. Acreditamos assim, como Matos e Sampaio (2010, p. 50), que o papel da educação – e, em particular, dos educadores – na solidificação de uma cultura de paz é fundamental. Tais profissionais são responsáveis pela orientação, diálogo e reflexão em relação ao conhecimento cognitivo, bem como por mediar um aprendizado intrapessoal e o despertar para questões que envolvem relações sociais e o modo de atuar e compreender o mundo.

Dessa forma, far-se-á imprescindível desenvolver diálogo com os educadores, levando-os a refletirem sobre novas propostas e práticas que os ajudem a entender que seu trabalho está voltado para além de uma formação mecânica. Esse diálogo também deve permitir a percepção de que se faz necessário discutirmos e vivenciarmos práticas voltadas à formação na perspectiva da paz e da vivência de valores humanos.

Buscando responder como a formação contribui para que os educadores busquem construir novas práticas voltadas à promoção da paz, utilizamos a pesquisa ação (THIOLLENT, 1988), oferecendo a um grupo de educadores formação realizada com momentos presenciais – contando com a execução de cinco oficinas – articuladas com momentos a distância por meio de propostas de atividades realizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Apresentaremos a seguir como ocorreu a realização dessa proposta formativa no capítulo metodológico.

Discutir a temática da Cultura de Paz e possibilitar uma formação nesse sentido aos educadores é uma iniciativa mais do que necessária. Dessa maneira, acreditamos na importância desse estudo para superarmos a violência, estabelecer relações e interações positivas e, conseqüentemente, contribuir para uma sociedade melhor, além de subsidiar outros profissionais que tenham a mesma linha de atuação.

Destacamos que ao longo do texto trataremos a discussão de categorias centrais, reflexão que iremos aprofundar com o desdobramento da escrita. São elas: **Cultura de Paz, Educação para a Paz e Formação de Educadores.**

Apresentamos o trabalho realizado a partir desse estudo estruturado da seguinte maneira: esta introdução, que traz as primeiras reflexões acerca do tema, alguns apontamentos de nossa trajetória, em que expressamos como ocorreu nosso contato com a temática da paz e especificamente a nossa escolha por desenvolver este estudo. Apontamos ainda objetivos e

outros elementos essenciais a esta pesquisa e uma breve apresentação de como se compõe todo o trabalho.

A construção do percurso metodológico, com aspectos relacionados a nossa trajetória de vida e acadêmica, a relação com o tema estudado, a caracterização da pesquisa, os sujeitos que a compõem bem como procedimentos utilizados para a sua realização serão objetos do segundo capítulo.

No terceiro capítulo, apresentamos os principais conceitos que fazem parte do estudo, Cultura de Paz, Educação para a Paz e Formação de Professores. Além de discutirmos tais conceitos, apresentamos ao leitor diversas produções acadêmicas relacionadas à temática Cultura de Paz.

Estruturamos o quarto capítulo com o processo de formação dos educadores participantes da pesquisa, ressaltando a importância da extensão e as contribuições da educação a distância como modalidade também utilizada na formação de educadores – em especial, para essa iniciativa.

E, no quinto capítulo, exploramos as experiências resultantes da formação, apresentando três ações e discutindo sobre os achados. Por fim, no último capítulo, tecemos as conclusões, seguindo-se as referências, os apêndices e os anexos.

## 2 MEMÓRIAS DA PESQUISADORA E O CAMINHO METODOLÓGICO

“Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

(FREIRE, 2000, p. 32)

O objetivo deste capítulo é apresentar o caminho percorrido durante a pesquisa – no qual não apenas fomos compondo essa trajetória, mas também fomos tecidos – durante a construção da proposta metodológica.

### 2.1 Retomando minhas memórias e fortalecendo-me como agente da paz: o caminho e a relação com o tema estudado

Escrever sobre o percurso em que nos constituímos como pessoa e pesquisadora é enriquecedor. Poder lembrar a trajetória que, com muita dedicação, foi construída significa retomar minhas superações, inquietações, conquistas e influências. Assim, a seguir apresentamos como vem sendo tecida nossa história como pesquisadora e agente da paz.

Iremos inicialmente explicar e discutir sobre a concretização de um sonho, uma das etapas mais importantes da nossa vida: o ingresso e percurso formativo no ensino superior.

Após concluir o ensino médio uma nova etapa iniciou-se: a busca por conseguir uma vaga na universidade e cursar o ensino superior. Um desejo que, com dedicação e persistência, conseguimos tornar realidade. Na primeira tentativa do vestibular, ficamos nos “classificáveis<sup>1</sup>”; na segunda, tornamo-nos estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Logo no início, várias dificuldades apresentaram-se, como a distância da família e o impasse financeiro, uma vez que minha mãe não teria condições de arcar com moradia e alimentação, dentre outras necessidades. No entanto, logo veio a “luz”: um primo que estava cursando o ensino superior falou sobre o programa de residência universitária<sup>2</sup> oferecido pela UFC. No que se refere às residências femininas, destaca-se que

---

<sup>1</sup> Habilitado a uma classificação. Passível de ser convocado a assumir vaga em concurso.

elas ainda vistas com preconceito pela população, pois muitas mães não permitem que suas filhas tenham essa experiência por estigmas sociais, vícios, dentre outras questões. Enquanto participava e esperava pelos trâmites da seleção para o programa, tive o apoio de uma das minhas tias maternas, que me acolheu em Fortaleza.

Morar numa residência universitária foi uma experiência muito importante, pois tive que superar muitos entraves, como a distância da família, e exercer muitos ensinamentos e valores repassados pela minha mãe. Afinal, morar com 42 universitárias de diferentes costumes é tarefa pouco fácil.

A experiência foi enriquecedora. Atuamos por dois anos como diretora da residência nº 2216, conhecida por “convento”, desempenhando funções administrativas, articulando reuniões com as moradoras e levando as demandas da residência junto à pró-reitoria de assuntos estudantis. Participamos de encontros regionais de estudantes residentes que tinham como propósito discutir melhorias relacionadas à assistência daqueles que utilizavam o programa de residência e fizemos amizades que permanecem até hoje. Foi também um momento de descobertas. Ressaltamos a importância desse programa para muitos estudantes que, por diversos fatores, não teriam condições de cursar o ensino superior sem esse suporte.

Iniciamos a graduação em Pedagogia no primeiro semestre de 2005, com muitas expectativas, descobertas e boas lembranças. Aproveitamos, ao máximo, tudo que a universidade oferecia. Assim, começamos a trilhar nosso percurso acadêmico, profissional, e também pessoal, pois algumas vivências ajudaram-nos a crescer como ser humano. Nesse período, adquirimos independência financeira, atuando logo no segundo semestre como bolsista de monitoria da disciplina Pesquisa Educacional, experiência que nos proporcionou conhecer a nossa atual orientadora. A monitoria:

é a modalidade de ensino-aprendizagem, dentro das necessidades de formação acadêmica, destinada aos alunos regularmente matriculados. Objetiva despertar o interesse pela docência, mediante o desempenho de atividades ligadas ao ensino, possibilitando a experiência da vida acadêmica, por meio da participação em diversas funções da organização e desenvolvimento das disciplinas dos cursos, além de possibilitar a apropriação de habilidades em atividades didáticas. (GUIA DO PROFESSOR - ORIENTADOR, 2007)

---

<sup>2</sup> O Programa de Residência Universitária tem por objetivo proporcionar a permanência do estudante – em situação de vulnerabilidade socioeconômica comprovada – oriundo do interior do Estado, ou de outros estados, na Universidade Federal do Ceará, assegurando-lhe moradia, alimentação e apoio psicossocial durante todo o período previsto para a realização do curso.

Com essa atuação, pudemos fazer novas descobertas em relação à academia. Tudo ia se desvelando e cada dia mais nos encantava com as possibilidades de aprendizagem, pois além de atuarmos junto à professora responsável pela disciplina, contribuindo com o processo formativo de outros discentes, fortalecendo o interesse pela docência e aprendendo mais sobre pesquisa, também tínhamos de participar de grupo de estudo com outros estudantes que também atuavam como monitores de disciplinas oferecidas pelo Departamento de Fundamentos da Educação. Eram muitas as trocas e aprendizagens que iam sendo construídas.

Fomos bolsista de extensão no projeto UNIESCOLA<sup>3</sup>. Com esse trabalho, pudemos conhecer um dos eixos que aprofundamos durante a graduação e a etapa à qual nos dedicamos nos anos iniciais de atuação na educação básica, a educação infantil. Foi por meio desse projeto que pudemos conhecer a realidade da escola e, mais do que isso, contribuir com o processo formativo de professores que atuavam há anos na educação, levando a estes professores possibilidade de novas aprendizagens por meio de estudos em grupo no qual atuávamos como mediadores, novas atividades e jogos que pudessem ser inseridos no seu fazer docente, melhorando assim a prática em relação às atividades que envolvessem em especial a temática alfabetização, letramento e cultura.

Foi uma experiência única, um grupo de bolsistas estudantes, da graduação, com as coordenadoras do projeto pensavam e estruturavam na academia a formação que era ministrada por nós, bolsistas, a grupos de professores nas diferentes escolas de Fortaleza. As aprendizagens teóricas passaram a ser significadas com atividades práticas, pois repassavam a formação e construía com as docentes os momentos a serem realizados em sala de aula, acompanhando e fazendo junto a elas. Constatamos que a nossa aproximação com a formação continuada ocorreu ainda enquanto estudante da graduação.

Da experiência nas escolas, pudemos ter a teoria e a prática caminhando de mãos dadas. Registramos também a dedicação por parte das docentes que tentavam superar com entusiasmo as limitações do sistema, e o florir não só de uma relação profissional, mas também de amizade, com momentos de carinho que guardamos até hoje.

Ainda com relação à atuação na extensão, fomos bolsistas também do projeto “Formação de Professores do PROJOVEM<sup>4</sup> em Fortaleza”, que ocorreu em regime de colaboração entre a Universidade Federal do Ceará e a Prefeitura Municipal de Fortaleza.

---

<sup>3</sup> Projeto de extensão universitária, fruto de convênio entre a Universidade Federal do Ceará e a Prefeitura Municipal de Fortaleza, apoiado pela Secretaria de Educação e Assistência Social deste Município, cujo objetivo central é a formação docente nas áreas da alfabetização, do letramento e da cultura.

<sup>4</sup> Programa Nacional de Inclusão de Jovens

Essa foi uma proposta à formação continuada dos professores, que trabalhavam diretamente com os jovens atendidos pelo programa. Essa experiência também nos levou à escola, mas agora numa perspectiva diversa, pois o público atendido tinha uma realidade diferente. Eram jovens em estado de vulnerabilidade social, com carências nos mais diferentes aspectos.

Cada vez mais, o trabalho ampliava nossos conhecimentos. Estivemos na formação dos docentes acompanhando os formadores, atuamos junto às juventudes, promovendo oficinas que também abordavam a temática da Cultura de Paz.

Essas experiências de extensão nos possibilitaram um avanço no nosso processo formativo. Estarmos envolvidos nessa relação Universidade-Escola foi de grande valor para o nosso crescimento profissional e também pessoal. Conhecermos a realidade das escolas é, inicialmente, balançar, temer o exercício da docência. Afinal, discutir a teoria no próprio “reduto” e enfrentar a prática são situações em seu sentido real nada próximas. Somente ao vivenciar a escola surgem as inquietações e indagações sobre como aplicar essa teoria em algo tão diverso do que estudamos. Entretanto, foram essas vivências que nos fizeram perceber o potencial transformador da educação, o quanto nós, educadores, podemos contribuir para melhorar a vida das crianças e jovens e, assim, seguir acreditando no nosso papel docente.

As experiências de estágio nos oportunizaram um contato ainda mais próximo com a realidade da escola. Todas as experiências tiveram sua contribuição e foram valorativas para nosso processo formativo de educadora e também de pesquisadora. No entanto, destacamos que foi como bolsista de iniciação científica que fomos aperfeiçoando e fortalecendo as aprendizagens necessárias à atuação como pesquisadora, quando passamos a estudar e pesquisar sobre o tema “Paz”.

Foi durante a graduação, na disciplina de Pesquisa Educacional, que conhecemos a temática Cultura de Paz. Portanto, esse tema esteve presente desde os semestres iniciais da nossa graduação, mais especificamente no semestre 2006.1. Ressaltamos que, apesar de ter conhecido o tema durante a graduação, essa dimensão não fazia parte do processo de formação inicial. Realizamos um trabalho para a referida disciplina e, dentre os temas elencados, a Cultura de Paz foi o escolhido. Fizemos a pesquisa na “Escola Vila<sup>5</sup>” e discutimos sobre a relação entre Educação Ambiental e Cultura de Paz. A partir desse período

---

<sup>5</sup>A Escola Vila, instituição particular localizada em Fortaleza, tem uma proposta diferenciada de formação. Dentre as diversas temáticas trabalhadas, expressa a preocupação com a valorização da diversidade humana. As atividades desenvolvidas no currículo buscam promover o aprendizado de forma transdisciplinar, interligando o fazer, o sentir e o pensar.

até os dias atuais, viemos estudando e desenvolvendo diversas atividades relacionadas à temática.

Nosso interesse em continuar o trabalho na perspectiva da Cultura de Paz foi fortalecido no período em que fomos bolsista de iniciação científica. A partir dessa experiência fomos constituindo-nos pesquisadora. Poder participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)<sup>6</sup> possibilitou-nos ampliar o conhecimento acerca da pesquisa em si, o que para Minayo (2012) é uma atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade, que nutre o ensino e o atualiza diante da realidade do mundo. Apesar de ser uma prática conhecida por teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Portanto, fomos descobrindo os aspectos teóricos, as questões iniciais desse processo com estudos bibliográficos, a inserção no campo onde passamos a questionar a realidade apresentada, a realizar ações e pesquisas, e a transformar tudo isso em publicações em eventos. Assim fomos aprendendo as técnicas necessárias ao ato de pesquisar.

Foi como bolsista de iniciação que estivemos diretamente envolvidos com o Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Juventudes e Docentes: Experiências de Escolas, Ongs e Secretarias de Educação Estadual e Municipal, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Kelma Socorro Lopes de Matos, participando de pesquisas realizadas desde 2007. O grupo tem como objetivo investigar experiências com foco em Cultura de Paz nas escolas, contribuindo para o estudo e a divulgação de experiências bem-sucedidas, na perspectiva da paz (MATOS, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016; CASTRO, 2012). Pontuamos que essa experiência no grupo foi muito importante para nossa constituição enquanto pesquisadora e para nosso crescimento pessoal, passando assim por um processo de transformação. Poder conhecer realidades e experiências significativas nos ambientes escolares fortaleceu ainda mais nosso desejo de poder contribuir com a promoção da paz e encheu-nos de esperança, ao acreditar que é possível construirmos uma realidade melhor.

Acreditávamos, assim como Freire (2000), que a nossa presença no mundo estava para além da adaptação de apenas inserir-se. No entanto, o ideal era o de dedicação, como sujeito que busca não ser um mero objeto na sociedade, mas também fazer história. Ou seja, propor-nos, além de falar sobre paz, também ser um sujeito que a pratica, no intuito de favorecer sua promoção.

---

<sup>6</sup> O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) visa a apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica.

Assim, o que inicialmente era uma atividade desenvolvida por meio de um grupo de pesquisa, em que articulávamos com atividades que iam para além da pesquisa incluindo ações de extensão, minicurso, seminários etc, foi tomando outra forma, enchendo-nos de desejo, e se transformando no desenvolvimento da nossa dissertação de mestrado intitulada *Valores Humanos na Escola: em busca da sensibilidade nas práticas docentes*, defendida no ano de 2012. A realização dessa pesquisa nos possibilitou o contato com teorias relacionadas ao objeto de estudo como valores humanos (MARTINELE, 1996; SERRANO, 2002), mas também permitiu uma maior compreensão de conceitos, como Cultura de Paz (GUIMARÃES, 2007; JARES, 2007), que mostram a importância de vivenciarmos práticas que tenham como especiais propulsores das relações o diálogo e o respeito, mostrando-nos em vivências práticas a possibilidade de ser realizado um trabalho no qual seja efetiva a construção de espaço de convivência positivo.

Neste estudo, buscamos refletir sobre os valores humanos a partir de práticas docentes de professores da Escola Liceu Domingos Sávio, localizada no município de Baturité – CE, que tinham como base a proposta do programa “Cinco Minutos de Valores Humanos para a escola”. O programa oferece subsídios às escolas, por meio de material impresso Nousiainen (2008, 2009) ou disponível para *downloads*<sup>7</sup>, possibilitando desenvolver nesses espaços atividades, de forma a contribuir para a formação humana, o que favorece a construção de uma cultura de paz.

Nossa opção por selecionar a escola Domingos Sávio como lócus de pesquisa se deu pelas iniciativas de trabalho com valores, adotando o programa acima citado, o qual se propõe à construção de uma cultura de paz. Escolhemos a pesquisa qualitativa e o estudo de caso que nos permitiu coletar o máximo de informações sobre o trabalho realizado na escola. Dentre os nossos achados pontuamos que a maioria dos docentes percebe a relevância dos valores humanos no seu fazer pedagógico. Destacam a proposta do programa de maneira positiva e constatamos que a prática docente voltada a uma educação em valores tem avançado. Os docentes aos poucos têm internalizado esse trabalho como um aspecto indispensável à condição humana. Por outro lado, pontuamos que ainda está em construção a habilidade dos docentes em trabalhar com essas dimensões, o que nos leva a pensar em alguns direcionamentos, como na necessidade de formações que considerem a Cultura de Paz, bem como os valores humanos.

---

<sup>7</sup> [www.cincominutos.org](http://www.cincominutos.org)

Assim, a partir das observações surgem questionamentos: por que não existir, seja na formação inicial, seja na continuada, um trabalho que oportunize aos educadores conhecerem aspectos que contemplam o ser na sua integralidade? Que dimensões estão presentes nas formações dos educadores? Assim, a partir dessas inquietações e reflexões que surgiram nessa pesquisa, nasceu o nosso projeto de doutorado.

O conhecimento adquirido com o estudo ainda como estudante de graduação, nas experiências vivenciadas em atividades realizadas pelo grupo de pesquisa, como a experiência de oficinas pedagógicas em Cultura de Paz e o estudo realizado no mestrado no ano de 2011 fortaleceram ainda mais o nosso interesse em investigar e contribuir com iniciativas voltadas para a disseminação de uma Cultura de Paz. Dessa forma, diante das observações realizadas, percebemos a necessidade de ampliar o olhar também para a formação de educadores na perspectiva da paz. Logo, a experiência durante o mestrado nos motivou a articular um trabalho direcionado à formação de educadores, trabalhando conhecimento com pessoas que, por meio de suas práticas cotidianas, construíssem nos espaços onde atuam a reflexão e, conseqüentemente, ações que objetivassem a “formação do ser”, no que se refere a aspectos cognitivos, e também espirituais e afetivos, promovendo assim a cultura de paz.

Com isto, construímos a proposta de trabalho, desenvolvida no doutorado com o intuito de oferecer aos educadores uma formação que viesse a proporcionar subsídios para compreenderem o conceito de paz e contribuir com o debate e o estudo sobre temas fundamentais para construção de uma cultura de paz – temas que devem ser apreendidos como complemento necessário à formação curricular. Dessa maneira, esperamos colaborar para a difusão de práticas sensíveis a dimensões afetivas e cognitivas que visam a uma educação mais humanizada.

Portanto, temos como proposta de pesquisa a realização de um trabalho direcionado à formação de educadores para a paz a fim de verificar a inserção de práticas em cultura de paz no cotidiano dos(as) educadores (as) participantes.

Trabalhar com essa temática (e propor essa pesquisa) envolve diretamente o que acreditamos e defendemos. A capacidade de “cultivarmos sementes” que possam “brotar a mudança e a esperança” para construir uma realidade mais justa. Precisamos, assim como pontua Boff (2006), de pessoas seminais, que despertem em nós dimensões que busquem o melhor em cada um, que tendem a superar e propor uma maneira de atuação que ultrapasse o medo, a competição, a injustiça. Esse é um caminho para a construção de um mundo melhor em que os valores positivos se efetivem e que todos sejam capazes de vivenciar e praticar ações que visem ao bem-estar social e planetário.

Vemos a educação como um dos principais meios para que isso aconteça. Assim, acreditamos nas propostas criativas e inovadoras que se voltam, sobretudo, para a formação humana, ou seja, que estão para além de aprendizagens de conteúdos, e buscam estimular e desenvolver outras dimensões que compõem o ser humano.

Nesse sentido passamos a refletir sobre como iríamos desenvolver a pesquisa. Tínhamos claro que queríamos trabalhar com formação, mas o que havíamos proposto inicialmente no projeto de doutorado foi criando outras formas e intenções. Desejávamos alcançar um número significativo de educadores. No entanto, questionávamo-nos como procederíamos o intento.

Depois de muito pensar e repensar, surgiu uma ideia. Estávamos cursando especialização em Educação a Distância (EaD) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e ministrando aula no curso de Pedagogia semipresencial da UFC. O conhecimento e a experiência adquirida com a EaD nos levaram a mudar o projeto inicial, dando lugar a uma proposta de formação diferenciada. Assim, resolvemos realizar um curso, utilizando também a modalidade EaD, intercalando, entre os encontros presenciais os momentos de interação e as atividades a distância.

A pretensão inicial era realizar um trabalho que pudéssemos alcançar o maior número de educadores. A proposta estava feita. Estruturamos o curso de formação, mas não contávamos com um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) em que pudessem ser desenvolvidas as atividades a distância. Como estavam sendo realizados vários cursos de formação por meio do Centro de Educação a Distância do Ceará – CED, que utiliza o SOLAR<sup>8</sup>, logo o cogitamos. Mas como conseguir promover o curso por meio do Centro de Educação a Distância do Ceará? Buscamos saber quem era o responsável por essas ações, e estabelecemos contato com o diretor do CED, e também coordenador dos cursos ofertados, o professor Herbert Lima, que possibilitou a realização do nosso trabalho.

O curso foi realizado no período de 16 de outubro a 20 de dezembro de 2014, com carga horária de 120 horas/aula. Com quatro encontros presenciais, totalizando 16 horas e as demais, a distância, o curso contou com quatro módulos. Cada módulo trazia a discussão de temas relacionados diretamente aos temas gerais, que eram estes: educação para a paz, direitos humanos, não-violência, convivência. A ideia era possibilitar aos participantes a compreensão teórica desses conceitos e experiências práticas. Era importante que fossem

---

<sup>8</sup> SOLAR (<http://www.solar.virtual.ufc.br/>) é um ambiente virtual de aprendizagem desenvolvido pelo Instituto UFC virtual, da Universidade Federal do Ceará. Ele é orientado ao professor e ao aluno, possibilitando a publicação de cursos e a interação com os mesmos.

desenvolvidas nos encontros presenciais para que pudessem servir de auxílio aos profissionais na elaboração de um projeto de intervenção, a ser realizado nas escolas onde atuavam. Após o curso, pretendíamos acompanhar o desenvolvimento desses projetos.

Estávamos ansiosos e cheios de expectativas. Foram muitas inscrições realizadas: Inicialmente, duas turmas foram formadas, cada uma com 40 alunos. No entanto, ao iniciar efetivamente o curso, deparamo-nos com alguns contratemplos.

Entre outras exigências, a certificação era condicionada à participação nos encontros presenciais, realizados na cidade de Sobral, onde está localizado o CED. No entanto, a maioria dos participantes inscritos eram residentes em Fortaleza ou regiões vizinhas, decaindo o número de pessoas inscritas no momento em que sabiam do local dos encontros presenciais, efetuando a inscrição, mas não comparecendo nos encontros.

Seguimos as atividades do curso com aproximadamente 30 inscritos que se prontificaram a participar dos encontros presenciais – 20 eram da região de Sobral e 10, de Fortaleza. Nos encontros presenciais apenas uma das alunas, que residia em Fortaleza, participou. Ao final, 20 participantes cumpriram todas as exigências para certificação.

Prosseguindo a pesquisa, surgiu outro contratempo: uma vez que os participantes do curso residiam na região de Sobral e nós, em Fortaleza, como acompanhar os trabalhos a serem desenvolvidos dentro da proposta de projeto realizada por eles durante o curso? Coletamos um bom material, o que motivou a participação no curso, as impressões dos sujeitos sobre sua compreensão da temática, a situação de como estava a escola, as atividades elaboradas em relação a cada tema, dentre outros.

Alguns concluintes não prosseguiram com o projeto sobre a paz que haviam desenvolvido para realizarem nas escolas onde trabalhavam. Entre outros, a não permanência na mesma escola, a necessidade de assumir outra função, o afastamento da escola para cursar mestrado foram alguns motivos apresentados pelos cursistas. Assim, não foi possível realizar a pesquisa.

Vieram os momentos de angústia. O que fazer? Em 2015, realizamos outra tentativa, sem sucesso. Dessa vez, a formação ocorreu de modo presencial, com educadores populares que faziam parte do projeto “Sim a Vida”, uma das atividades propostas pelo Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim, estruturada em 10 encontros presenciais, contanto com o acompanhamento dos espaços educativos, elaboração e realização de atividades relacionadas à paz juntamente com os educadores nesses espaços. A realização do trabalho se deu a partir do convite do coordenador do Movimento a coordenadora do grupo de pesquisa em cultura para que realizasse ações com a proposta de levar aos educadores práticas

em cultura de paz que pudessem chegar aos adolescentes e crianças atendidas pelo projeto. Quanto ao instrumento de EaD, utilizamos o *facebook* para a disponibilização de materiais. Surgiu a possibilidade de continuar a pesquisa da maneira inicialmente traçada, aliando a educação a distância proposta, possibilitando realizar um acompanhamento das ações resultantes dos projetos e das intervenções que seriam realizadas pelos educadores participantes do processo formativo.

Com a realização do VI Seminário Cultura de Paz, Educação e Espiritualidade, surgiram muitas solicitações às atividades realizadas pelo grupo de pesquisa Cultura de Paz, Juventudes e Docentes, inclusive por formação nessa área. Então, passamos a repensar e reorganizar nossa pesquisa. Diante da demanda, a coordenadora do grupo de pesquisa citado e a orientadora desse trabalho passaram a articular várias ações a serem desenvolvidas por membros do grupo. A nossa não poderia ser outra senão trabalhar com formação de educadores em Cultura de Paz. Apesar de o grupo de pesquisa desenvolver diversos trabalhos, seja a realização de seminários nos encaminhando no ano de 2017 para a 8ª edição, evento este que procura articular a teoria com experiências práticas, trazendo palestrantes como José Pacheco, Ana Maria Freire, dentre outros, que discutem temas relacionados a cultura de paz e experiências educativas relacionadas à temática, com a participação de escolas estaduais e municipais do Ceará; oficinas pedagógicas voltadas a professores e gestores as quais possibilitam o aprendizado na proposta de um trabalho direcionado à cultura de paz; estudo semanal de teóricos como Montessori (2004), Jares (2008), Freire (2004), Pesquisa, dentre outras que se centralizam como ações do grupo de pesquisa, a ideia é também trabalharmos com a extensão possibilitando um processo educativo e científico que envolva a dimensão do ensino e pesquisa de maneira articulada e indissociável, contribuindo para estudos acadêmicos e proporcionando impactos reais para a sociedade. Portanto, nossa pesquisa está inserida na proposta do projeto de extensão intitulado “Cultura de Paz na FACED: Ações e Educação, Espiritualidade e Saúde”, que tem como objetivo oferecer formação em Cultura de Paz e valores humanos, assim como aulas de yoga e aplicação de reiki à comunidade da FACED, visando ao bem-estar e a construção da cultura de paz nesse espaço.

Assim, a partir do desejo de um grupo de educadores pertencentes ao setor da modalidade de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação Municipal de Fortaleza, demanda que chegou a nós por meio de uma ex-integrante do grupo de pesquisa e que, mesmo distante, por muitos motivos, continua acreditando no trabalho, estruturamos um novo curso de formação que visasse a oferecer subsídios teóricos e práticos relacionados à educação para a paz, possibilitando ampliar o trabalho na perspectiva de uma cultura de paz

nos espaços em que atuam, sendo agentes transformadores. Enquanto tais, esses educadores visam a contribuir com a modificação dos espaços e das relações que atendem o público da Educação de Jovens e Adultos - EJA, que vem sofrendo com situações de violência e desrespeito. O intento foi proporcionar práticas baseadas em valores humanos, uma convivência harmoniosa em que exista respeito e tolerância.

Nesse momento, apesar de ter estruturado um material para a primeira experiência, passamos a repensar e reestruturar a formação, pois o grupo atual apresenta outras características. Como a proposta era também fazer uma formação que utilizasse as novas tecnologias, da educação a distância, além de pensar nos encontros presenciais, passamos a pensar e criar maneiras de interação utilizando essas novas tecnologias como e-mail, telefonia e outros, acrescentando ainda as redes sociais. Uma delas é a utilização do *facebook*, com a criação de um grupo que possibilitasse a disponibilização de materiais, como textos e vídeos, que enriquecesse e ampliasse o que era proposto no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e nos encontros presenciais e do *whatsApp*<sup>9</sup> criando grupo que facilitasse a comunicação, proporcionando a divulgação de informações relacionadas à temática, assim como um contato mais rápido referente a informações relacionadas ao curso.

Após apresentar o caminho percorrido na busca de encontrar a direção para o desenvolvimento da pesquisa, dissertamos nas linhas a seguir como constitui o método.

### **2.1.1 Caracterização da pesquisa**

É por meio da realização de pesquisas que se chega a produzir novos conhecimentos ou aprofundar o que já foi elaborado em termos de avanço científico e tecnológico (OLIVEIRA, 2010). Então, o que é pesquisa? Trazemos aqui o conceito apresentado por Demo (1996) que diz ser uma atitude, um questionamento sistemático, crítico e criativo, somado a uma intervenção competente na realidade ou o diálogo crítico permanente com o universo a ser pesquisado em sentido teórico e prático.

Partindo dessa concepção, desenvolvemos essa pesquisa, traçando nosso percurso no sentido de produzir ciência, ou seja, construir conhecimentos acerca da temática que elencamos, possibilitando reflexões e diálogo que visam a novas iniciativas e descobertas.

Procuramos, nesse primeiro momento, caracterizar nossa pesquisa, considerando que metodologia é:

---

<sup>9</sup> Software desenvolvido para smartphones, utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, sendo possível também o envio de vídeos, fotos e áudio.

o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, ou seja, inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) MINAYO, 2012, p. 14).

Para a realização dessa investigação, a proposta foi guiar-nos por uma pesquisa qualitativa, que se mostra a mais adequada ao que pretendemos. De acordo com Oliveira (2010), essa perspectiva nos permite uma aproximação maior com o estudo a que nos propomos, considerando aspectos singulares do processo, além do que “dá visibilidade e aprofunda o significado da questão” (MATOS; VIEIRA, 2001, p. 36). A referida abordagem permite focar a realidade, de maneira contextualizada, assim como reunir os dados a partir de conhecimentos e valores do fenômeno estudado, respondendo assim questões particulares nesse processo. “Ou seja, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2012, p. 21). Nessa abordagem, é útil para o estudo, como nos apresenta Bogdan e Biklen (1994), a capacidade de gerar teoria, descrição ou compreensão.

Essa perspectiva epistemológica é definida por Kauark, Manhães e Medeiros (2010), considerando que:

há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 27)

Ainda no campo da definição, trazemos a compreensão de Oliveira (2010, p. 37): “como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Nesse processo estão presentes, de acordo com Ludke e André (1986): o pesquisador como principal instrumento, tendo contato direto com o ambiente e a situação estudada; os dados coletados, que são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo sendo muito maior do que com o produto; uma preocupação especial em retratar a perspectiva dos participantes. Acrescentando mais, “os planos evoluem à medida que se familiarizam com o ambiente, pessoas e outras fontes de dados, os quais são adquiridos através da observação direta. Após a conclusão do estudo, efetua-se a narração dos fatos, tal

como se passaram, e é elaborado, em retrospectiva, um relatório detalhado do método utilizado” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 83).

Para desenvolver essa investigação a partir da proposta da pesquisa qualitativa, em um primeiro momento, realizamos um estudo bibliográfico, buscando compreender e complementar saberes quanto ao tema em questão, bem como conhecer e aprofundar leituras relacionadas à metodologia das oficinas e ao tema da Educação a Distância. Tal tema está presente no trabalho, pois é o meio utilizado para desenvolvimento de uma parte da formação, uma vez que essa foi realizada de modo presencial por meio das oficinas, de onde desenvolvemos uma parte da formação. Em paralelo, utilizamos a modalidade de Educação a Distância – EaD, com interação e desenvolvimento de atividades por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA. Autores como Belloni (2006) foram fundamentais para entender essa modalidade. Para Matos e Vieira (2001, p. 40), “a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de um levantamento de material com dados já analisados e publicados por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites, sobre o tema que desejamos conhecer”.

Junto ao estudo bibliográfico e com o grupo que participou da formação definido, realizamos pesquisa do tipo exploratória no sentido de levantar quais as perspectivas dos sujeitos envolvidos com relação ao trabalho de formação em Cultura de Paz, por meio de questionário (Apêndice A) enviado virtualmente, pesquisa essa que foi ampliada no primeiro encontro presencial por meio de dinâmica. Este tipo de pesquisa permite ao investigador aumentar sua experiência em torno do objeto (TRIVIÑOS, 1987).

Na mesma perspectiva, partimos para outra etapa. Buscamos entender o que motivou os sujeitos a participarem de uma iniciativa que visasse à formação de educadores para a construção de uma cultura de paz, e qual a compreensão destes sobre o tema. Obtivemos essa informação por meio da gravação de suas falas durante a dinâmica realizada em uma roda de conversa no primeiro encontro presencial que nos possibilitou a discussão e a construção de ideias a respeito do tema. Optamos por essas técnicas buscando coletar o maior número de informações que, certamente, subsidiaram nossas reflexões e descobertas.

Ainda na abordagem qualitativa, escolhemos, dentre os diversos modos de investigação associados a este tipo de pesquisa para realizar o trabalho, desenvolver uma “pesquisa-ação”. De acordo com Thiollent e Colette (2014, p. 2), tal pesquisa tem sua origem na abordagem proposta nos Estados Unidos da América - EUA, na década de 1940, com “Action Research” em psicologia social, por Kurt Lewin (1890-1947).

Dentre as diversas concepções de pesquisa-ação, a que traduz melhor a questão participativa é apresentada por Thiollent:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa empírica que é concebida e realizada com estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2003, p. 14).

Partindo dessa concepção, a proposta foi realizar uma formação em Cultura de Paz, como já mencionado, com educadores (técnicos, coordenadores e formadores) da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. A partir disso, buscou-se possibilitar a esses sujeitos compreenderem a concepção teórica sobre a Cultura de Paz, contribuindo para que ressignifiquem as suas práticas à medida em que entendam e agreguem elementos da Educação para a Paz nos espaços em que atuam, colaborando assim para a formação de multiplicadores no âmbito educativo e ao seu redor. Portanto, como destacam Thiollent e Colette (2014), dentre suas diferentes formas, a pesquisa-ação se insere em práticas pedagógicas, seja nas da educação de jovens e adultos ou em outras, como a formação de professores, tendo ambas um objetivo emancipatório. Essa proposta de pesquisa:

é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração, da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas. (SEVERINO, 2007, p. 120).

Ou seja, propõe-se levar os participantes do curso a pensar e efetivarem práticas que visem a uma nova realidade. Assim, compartilhando com que nos traz Thiollent e Colette (2014), o trabalho com a pesquisa-ação deve contribuir para transformar processos, mentalidades, habilidades e promover situações de interação entre os diferentes sujeitos.

A ideia é que o trabalho possa contribuir com ações voltadas à construção de uma cultura de paz, oferecendo subsídios teórico-práticos e indicativos práticos para que esses educadores possam criar, possibilitar e fortalecer inovações no espaço escolar. Portanto, essa proposta visa a contribuir com a formação dos sujeitos e incentivar práticas em cultura de paz, na medida em que após a capacitação possam realizar trabalhos nos espaços em que atuam, seja junto às formações de professores, em sala de aula ou nas escolas. A partir dessa vivência,

estimulamos, nesses espaços, a inserção de elementos vistos durante a formação, os quais se voltam à construção de uma cultura de paz e estão baseados na educação para a paz.

Jares (1999) expressa o conceito de Cultura de Paz utilizado pela resolução da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), pontuando ser uma cultura constituída por valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, à pessoa humana e à sua dignidade, aos direitos humanos, entendidos em articulação, interdependentes e inseparáveis. E a educação para paz, ainda segundo o autor (2002), é estabelecida como um processo educativo, dinâmico, contínuo e permanente, embasado nos conceitos de paz positiva e na perspectiva criativa do conflito, elementos relevantes que contribuem para a construção de um novo tipo de cultura, a cultura de paz. Portanto, a educação para a paz é um importante instrumento para promoção da cultura de paz. Nesse sentido utilizamos elementos dessa proposta educativa no processo formativo dos participantes.

Dentre as técnicas disponíveis, realizamos oficinas, pois essa proposta de trabalho é a que melhor se adequa à formação presencial. Ressaltamos que a metodologia das oficinas constitui um recurso pedagógico que tem ganhado espaço no modo como se organiza o processo de aprender e ensinar, pois envolve os sujeitos de forma integral (GUIMARÃES, 2006, p. 26). Portanto, mais que espaços de formação, essa é uma oportunidade de criar e recriar, construir e refletir. Para Matos *et al.* (2014, p. 71) “é um espaço de reflexão e ação, onde se procura superar a separação entre teoria e prática, na qual se permite pensar o cotidiano e enriquecer o processo de construção do conhecimento”.

Essa proposta visa a sensibilizar e oferecer um aprofundamento sobre o tema estudado em seus diversos aspectos. Para Guimarães (2006, p. 20) a metodologia de oficinas se constitui em espaço de reflexão, criação e construção do conhecimento, fatores que reiteram a consagrada expressão pedagógica do “aprender fazendo”. A utilização da oficina no processo de uma formação direcionada a educadores que visam à construção de uma cultura de paz, segundo o autor, tem como objetivo a possibilidade da fundamentação do tema ser discutido e estudado, oportunizando a qualificação, tanto prática como teórica, dos sujeitos envolvidos no processo formativo. Nesse sentido, a oficina é o espaço que possibilita contemplar o que propomos. É um momento em que ocorre a junção da teoria com a prática, possibilitando os educadores entenderem os aspectos teóricos que envolvem a temática e perceber quais atividades podem ser desenvolvidas com seu grupo de trabalho, aplicadas nos espaços em que atuam, fortalecendo suas práticas e ações (MATOS; ALMEIDA MATOS; CASTRO, 2012).

Destacamos que a parte presencial, em cada formação, foi constituída por cinco encontros com duração de quatro horas, totalizando 20 horas/aula, realizadas no período de 16 de março a 08 de junho de 2016. Cada oficina compreendeu um módulo disponibilizado por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA. A primeira oficina trouxe como temas centrais “A paz”, “A Educação para Paz” e “A Cultura de Paz”. A segunda oficina teve como tema “Os Valores Humanos”; a terceira, “A resolução não-violenta de conflitos”; a quarta, por sua vez, tratou da “Relação entre Direitos Humanos e Cultura de Paz”; e, na quinta, trabalhamos aspectos metodológicos para auxílio na preparação da ação – destacamos o conhecimento de práticas de harmonização. Aliado a isso, proporcionamos um momento vivencial com a metodologia de História de Vida, ou seja, foi realizada uma atividade em que os educadores passaram pela experiência de compartilhar oralmente suas vidas. Vivenciar essa prática de compartilhar sua história de vida com o outro contribui para o fortalecimento de ações voltadas à construção da cultura de paz, tendo em vista que:

compartilhar Histórias de Vida passa a ser uma estratégia na construção de uma educação para a paz, pois aproxima os participantes de um mesmo ambiente educativo de forma positiva, gerando relações de afeto, tolerância, união e cooperação. A difusão dessa prática colabora para que os mais diversos ambientes social, familiar, profissional, religioso, educacional adquiram um caráter mais humanizado (MATOS *et al.*, 2014, p. 70).

A partir do primeiro encontro presencial, foram também iniciadas as atividades a distância, que seguiram de 16 de março até 02 de julho. Nesse sentido, estruturamos a parte do curso também no âmbito da educação a distância, utilizando-nos de um ambiente virtual de aprendizagem, apoiando-nos em objetivos, desse ambiente, apresentados por Schlemmer (2005, p. 36): “apoiar, ampliar e enriquecer os espaços de convivência, privilegiando a atividade do sujeito na construção do conhecimento; oportunizar o desenvolvimento, a pesquisa e a capacitação, vivenciando uma aprendizagem que implique rupturas paradigmáticas”.

Por meio do ambiente virtual, foi estruturado o curso a distância. Cada módulo presencial correspondeu a um módulo virtual, ou seja, foram disponibilizados cinco módulos. O primeiro tratou sobre os diferentes aspectos que compõem a Cultura de Paz. O segundo relacionou-se à discussão sobre valores humanos. O terceiro compreendeu a resolução não violenta de conflitos. O quarto tratou sobre a relação entre direitos humanos e Cultura de Paz. E o quinto, sobre os aspectos metodológicos que auxiliam a organização dos planos de ação. Ressaltamos que todos os módulos estão interligados para facilitar o entendimento do que foi

abordado no encontro presencial e a compreensão dos aspectos que contribuem para promoção da cultura de paz.

Por meio do AVA, foram disponibilizados textos, vídeos, com a proposição de diferentes atividades, o que teve como objetivo ampliar as reflexões propostas nos encontros presenciais, possibilitando um acompanhamento de todo o processo formativo, durante o percurso. Para isso, utilizamos diferentes propostas de atividades no ambiente, disponibilizando ferramentas como fóruns. Para Rodrigues (2014, p. 14), esses ambientes são conhecidos como ferramentas de comunicação para troca de mensagens, de modo organizado e assíncrono. Portanto, a proposta é que se possa, a partir de uma mensagem inicial, realizar uma discussão, incentivando os participantes a refletirem e registrarem uma comunicação, suas opiniões e respostas. Além disso, também fez parte do ambiente a tarefa, o *chat*, dentre outros instrumentos. Utilizamos ainda, como citado, outros recursos, disponibilizados pelas novas tecnologias, para que possam enriquecer o que propomos, como *facebook* – “rede social digital em que cada usuário, através do cadastro de uma conta pessoal, utilizando seu endereço de e-mail, constrói uma rede de relacionamentos virtual, por meio de uma página na web” (COSTA; OLIVEIRA, 2013) e WhatsApp – “aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Além das mensagens básicas, os usuários podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio (SOUZA, 2015).

Dentre as diferentes atividades propostas, as mais utilizadas foram os fóruns de discussão, no sentido de promover reflexões e compartilhamento de ideias acerca dos conceitos dos diferentes elementos que compõem a proposta de construção de uma cultura de paz, além de propor produções coletivas de atividades e ações relacionadas ao tema.

Após essa primeira etapa de trabalho investigativo e sistematização dos dados coletados, demos continuidade à proposta formativa com a realização de oficinas e acompanhamento sistemático de tudo que foi proposto por meio do AVA.

Ressaltamos que, além das oficinas e do ambiente virtual de aprendizagem, usamos outras técnicas de coletas de dados, como o diário de campo com registros do que envolveu o processo formativo e as ações realizadas pelos educadores, além de observação participante, a qual possibilitou descrever as ações realizadas, as interações, reflexões e posicionamentos dos educadores. Para Severino (2007, p. 125), a observação “é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa”.

Utilizamos ainda entrevistas com os educadores participantes do curso. Buscamos conhecer as análises dos sujeitos envolvidos sobre o processo de formação e outros aspectos relacionados à ação desenvolvida por eles nos espaços educativos e suas reverberações. Minayo (2007) concebe a entrevista como instrumento que visa a contemplar o ponto de vista dos atores sociais previstos nos objetivos da pesquisa.

O processo formativo foi finalizado com a produção de planos de ação elaborados pelos educadores, os quais tinham que ser desenvolvidos nos espaços onde atuam. Portanto, nesse momento, passamos a saber sobre as ações desenvolvidas a favor da construção de uma cultura de paz. A proposta foi que pudéssemos acompanhar essas intervenções, as quais nos auxiliaram para verificar, presencialmente, as contribuições efetivas como desenvolvimento das práticas. Essas ações foram realizadas no segundo semestre de 2016. Fizemos o acompanhamento nesse período e, no primeiro semestre de 2017, contatamos novamente os educadores, realizando novas entrevistas, a fim de verificarmos como estava o trabalho. Após a observação dos aspectos metodológicos, partimos para o processo de análise dos dados coletados.

A seguir, apresentamos aspectos sobre formação no que se refere a momentos presenciais, com a realização das oficinas, pontuando reflexões acerca da importância de ocorrer no espaço da universidade.

### ***2.1.2. O cenário da investigação – FACED***

O estudo foi desenvolvido inicialmente por meio de uma formação oferecida e realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, nos meses de março a julho de 2016.

Figura 1 – Faculdade de Educação (2017)



Fonte: Autoria própria.

O ambiente escolhido para o desenvolvimento desse momento inicial da pesquisa se deu por ser um espaço formativo, que precisa abrir suas portas para as diversas atividades que compreendem a formação de educadores, seja ela inicial ou continuada. Aliado a isso, acreditamos que é necessário que os educadores mantenham contato constante com as ações realizadas na universidade, no sentido de fortalecer suas práticas e possibilitar um diálogo com a produção científica e a realidade vivenciada em outros espaços – em especial, a escola.

Localizada no município de Fortaleza, com 50 anos de existência, essa Faculdade já contribuiu para a formação de muitos educadores. De suas dependências, além do curso de Pedagogia, criado no ano de 1963, já fez parte o curso de Educação Física. Atualmente, constituem suas dependências o Curso de Pedagogia e o Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira.

Retomando um pouco a história dessa importante faculdade, Fernandes (1999) conta que foi criada no ano de 1968, após desligar-se da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, época em que a estrutura funcionava como departamento de Educação. Ainda segundo a autora, a princípio, existia o departamento de Teoria e Fundamentos; posteriormente, somou-se o departamento de Método e Técnicas, tendo como primeiro diretor o Professor Antônio Gomes Pereira. Desse período, gostaríamos de compartilhar as palavras da professora Lindyr Saldanha, do texto *Memórias de Meu Tempo de Aluna na FACED (1968 – 1971)*:

A Faculdade se compunha fisicamente de um só prédio grande, o bloco 123, e a casinha em anexo onde funcionava o Laboratório de Psicologia do Professor Francisco José do Amaral Vieira, onde atualmente funciona o novo auditório. Assim como as instalações, a “população” era também pequena e todos se conheciam. Rodeada de árvores e vegetação, a FACED era um local agradável como um sítio. Silenciosa, nem parecia estar situada próxima a uma avenida movimentada. Nos altos, ficava a pequena biblioteca, com duas salas – a do acervo e a de leitura. Embaixo as salas de aula. Os professores se localizavam nos gabinetes e a Sala de Reuniões era no final do corredor. (SALDANHA, 2014, p. 161).

Por volta do ano de 1973, em consequência de uma Reforma Universitária, a UFC realizou algumas modificações na estrutura, implantando centros universitários. Assim a faculdade passou novamente a ser denominada por Departamento de Educação. Como podemos perceber, ao longo desses anos, a Faculdade vem passando por modificações. Segundo Pereira (2014), dez anos depois, passou a ser Faculdade novamente.

Em 1983, nova alteração na estrutura da UFC recriou as Faculdades, ficando então, na FACED, os Departamentos de Fundamentos de Educação com 30

professores, o Departamento de Teoria e Prática de Ensino, com aproximadamente 20 professores, e o Departamento de Estudos Especializados, com 15 docentes, ao qual cabia a coordenação do Curso de Mestrado em Educação. (PEREIRA, 2014, p. 175).

Atualmente, esse quadro está amplo, a estrutura física encontra-se bem maior, concentrando outras atividades, como laboratórios, brinquedoteca, salas específicas para realização de determinadas disciplinas, salas reservadas exclusivamente ao programa de pós-graduação em Educação Brasileira, que oferta cursos de mestrado e doutorado, além de outras atividades desenvolvidas pelos diversos grupos de pesquisa que compõem a Faculdade.

De acordo com Fernandes (1999), esse espaço tem como missão formar professores e gestores para a educação básica e superior nos cursos de Pedagogia, nas diversas disciplinas pedagógicas das demais licenciaturas da universidade e na pós-graduação, desenvolvendo a pesquisa e a extensão nas diversas áreas do campo educacional.

Registramos que essa pesquisa, como já mencionado, faz parte de uma das ações desenvolvidas no projeto de extensão “Cultura de Paz na FACED: Ações de Educação, Espiritualidade e Saúde”, realizado na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará, sob a coordenação da professora Dr<sup>a</sup> Kelma Socorro Lopes de Matos. A proposta do projeto é de realizar nas dependências desse espaço diferentes ações que visam à promoção de uma Cultura de Paz, possibilitando à comunidade acadêmica, a professores e educadores o contato com experiências formativas, numa perspectiva mais humana. Ressaltamos que, desde o primeiro semestre de 2016, quatro ações vêm sendo oferecidas: Yoga, Reiki e formação aos educadores, sendo uma em Valores Humanos e outra, resultado da nossa proposta de trabalho, a Formação em Cultura de Paz. Destacamos que, para o desenvolvimento da nossa pesquisa, escolhemos para acompanhamento e aprofundamento a primeira turma do curso ofertado que detalharemos a seguir.

A seguir, apresentaremos os sujeitos que compõem as etapas deste estudo.

#### *2.1.2.1. Os sujeitos da pesquisa*

Os sujeitos participantes deste estudo são educadores da rede pública do município de Fortaleza. O grupo iniciou com 25 educadores que desempenhavam função de técnicos, coordenadores e formadores, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, pertencentes ao quadro de funcionários da Secretaria Municipal de Educação (SME) e aos seis distritos de educação que a compõem. Os cursistas desejavam conhecer e aprofundar

conhecimentos sobre a Cultura de Paz para incorporar às suas práticas e ações nessa perspectiva e, conseqüentemente, melhorar e desenvolver iniciativas no sentido da promoção da paz.

Desses 25 participantes, finalizaram o processo formativo 15 educadores – a saber, quatro técnicos da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza; uma formadora do distrito de educação II, que posteriormente vinculou-se para realizar a ação no distrito de educação VI; duas formadoras do segmento Jovens e Adultos e uma coordenadora do distrito de educação IV; duas formadoras e um coordenador do distrito de educação V; uma técnica, duas formadoras e um coordenador do distrito de educação VI.

Do universo dos 15 educadores que fizeram a formação e desenvolveram as ações nos espaços onde atuam, foram sujeitos dessa pesquisa nove educadores – uma formadora lotada na própria SME, a formadora do distrito de educação II, todos os membros do distrito de educação IV, uma formadora do distrito de educação V, a técnica e as duas formadoras do distrito de educação VI. A escolha ocorreu pela disponibilidade em participar de todo o processo de formação, desenvolvimento da ação e das etapas posteriores da investigação, tendo em vista que encontramos desafios, durante o processo, em contatar e realizar a proposta com os demais. Pontuamos ainda que, no primeiro semestre de 2017, houve uma reconfiguração de funções, e alguns assumiram novos papéis ou foram redistribuídos para atuarem em outros segmentos. A coordenadora do distrito V passou a atuar como formadora, uma formadora do distrito VI voltou a atuar como docente, e a outra formadora passou a compor a equipe da educação inclusiva. Percebemos assim uma rotatividade nessas equipes.

Inicialmente, fizemos, por meio de questionário enviado por e-mail, uma sondagem para saber como ocorreu o interesse pela temática, além das concepções iniciais acerca desta. Pela análise das respostas do questionário, pontuamos a predominância de duas questões: a primeira aponta que o interesse pela temática ocorreu devido ao público que atendem, notam que é forte a presença de violência entre jovens, assim desejam poder possibilitar um trabalho que “auxilie no enfrentamento crítico da realidade violenta em busca de modificá-la” (JARES, 2007), e a segunda relaciona-se ao apresentado no sentido de buscarem subsídios práticos para intervir na sua prática profissional. No que se refere às concepções iniciais acerca da temática, é possível verificar que a predominância se associa a princípios, atitudes e valores. Isso foi melhor compreendido em atividades realizadas durante o processo inicial de formação, em que realizamos atividades que levaram os educadores a partilharem por meio da arte e da oratória o que compreendiam sobre Cultura de Paz. Com o desenvolvimento das etapas seguintes do processo de pesquisa, a observação, o

acompanhamento das ações e a entrevista, pudemos compreender melhor os sujeitos pesquisados.

Para que possamos garantir a não exposição dos educadores, utilizamos para identificá-los adjetivos escolhidos por eles mesmos durante a atividade realizada no primeiro encontro presencial, quando traçaram, de forma breve, sua “identidade” pacifista. A atividade buscou saber as experiências anteriores em relação à temática, bem como objetivou visualizar como pensavam sobre realizar futuras práticas nessa perspectiva (Anexo A).

Na atividade proposta, um item pedia para que escrevessem seu nome e em uma palavra um adjetivo que o definisse. Os adjetivos escolhidos pelos nove educadores foram: Dinâmica, Corajosa, Alegre, Solidária, Pacificadora, Alegre 1, Alegre 2, Paciente, Líder. Portanto, cada educador aparecerá nesse estudo representado pelo adjetivo que escolheram para definir-se. Acrescentamos ainda que cada educador tem sua trajetória, portanto, são expressão de um movimento mais amplo que envolve vivências, aspectos qualitativos, dentre outras dimensões, assim, de maneira breve, apresentamos um perfil biográfico no sentido de conhecermos melhor como são alguns desses educadores, como construíram o pensamento sobre a temática abordada nesse estudo. Entendemos assim como Tardif (2007) que o educador:

é uma pessoa comprometida com e por sua própria história – pessoal, familiar, escolar, social – que lhe proporciona um lastro de certezas a partir das quais ele compreende e interpreta as novas situações que o afetam e constrói, por meio de suas próprias ações, a continuação de sua história. (TARDIF, 2007, p. 104).

Esses educadores compartilham uma parte de suas histórias ao decidirem ser profissionais da educação, portanto, são funcionários concursados da Prefeitura Municipal de Educação de Fortaleza que atuam nos seis Distritos de Educação e na Secretaria de Educação Municipal, os quais têm buscado fazer o melhor para proporcionar uma educação de qualidade ao segmento que atendem, a Educação de Jovens e Adultos. A maioria nunca havia realizado um curso com essa abordagem, mas como pontua a Pacificadora, a qual afirma que sempre vivenciou em sua família valores, colocando que aprendeu muito sobre isso com seus pais e atualmente, ensina aos seus filhos. Outros como Alegre 1 pontuam que já participou de algumas atividades relacionada ao tema, e que sempre buscou em sua prática educativa e nas suas relações familiares vivenciar valores. Assim, temos que, em suas narrativas, de alguma maneira, seja no âmbito familiar ou profissional, tiveram contato com a dimensão dos valores, esta que é uma das temáticas presentes no trabalho com Cultura de Paz.

Importante dizermos que a coleta desses dados, a realização dessa pesquisa foi autêntica, e isso é comprovado por meio do consentimento dos sujeitos, pois logo no primeiro encontro presencial da formação fizemos a apresentação dos objetivos da pesquisa. A formalização ocorreu com a permissão de todos, por meio de assinatura do termo de consentimento por parte da pesquisadora e dos sujeitos pesquisados (Apêndice B).

Assim, após construirmos a nossa trajetória metodológica, no capítulo seguinte, apresentaremos uma discussão sobre os fundamentos teóricos, que constituem o nosso trabalho.

### 3 CONSTRUINDO OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS – DISCUTINDO CONCEITOS

“Construir uma Cultura de Paz é promover as transformações necessárias e indispensáveis para que a paz seja o princípio governante de todas relações humanas e sociais”.

(MILANI, 2003, p. 01)

Objetivamos com este capítulo realizar uma discussão acerca das categorias presentes no nosso trabalho que são: Formação de Professores, Cultura de Paz, Educação para a Paz, possibilitando uma melhor compreensão em relação às temáticas apresentadas. A temática Cultura de Paz, como já mencionado no item que tem como título “Retomando minhas memórias e fortalecendo-me como agente da Paz: o caminho e a relação com tema estudado”, faz parte de nossa trajetória desde a graduação e vem tomando novas formas, ampliando-se à medida que vamos realizando novas leituras. O tema “Formação de Educadores” se deu por acreditarmos que estes são fundamentais, no sentido de fazer com que essa discussão chegue nos diferentes espaços, sendo, portanto, multiplicadores efetivos da educação para a paz. Para Guimarães (2006) “não haverá paz no mundo sem educação para a paz”. Assim, trabalhamos na perspectiva de que possamos contribuir com essa educação.

#### 3.1 Reflexões sobre a formação de educadores

A educação é um dos principais caminhos para apostarmos e propormos na vivência de uma educação para a paz. Por meio dela, podemos pensar e dar visibilidade a propostas transformadoras que contemplem os valores e uma convivência humana e solidária. A educação deve possibilitar, de forma eficaz, cada vez mais saberes e saberes-fazer evolutivos (SCHIFFER; PEROZA, 2009) que trabalhem para além da cognição, para servir à vida, à realização humana, social e ambiental (SAMPAIO, 2007). No entanto, é importante ressaltar que essas propostas são resultantes de um grupo que vive imerso na busca constante de melhorar a realidade educacional, os educadores. Estes desempenham importante papel nesse processo, contribuindo com a formação que envolve não só a cognição, mas, especialmente, a cidadania, dentre outros aspectos. Por isso, faz-se necessária a contribuição com a formação dos educadores, para que possam inovar e melhorar suas práticas.

Fazendo um apanhando histórico, constatamos que a ideia de formar/educar está presente desde os primórdios da humanidade. Como apresenta Hengemuhle (2008), o ser humano sempre buscou caminhos para compreender a situação em que vive, sente necessidade de formação para que possa ser inserido no convívio social.

A cada período histórico, essa ideia associou-se a distintos elementos e vinha se fortalecendo dentro de cada sociedade. Sobretudo nas universidades medievais, houve uma maior preocupação com a formação, e elas contribuíram, significativamente, no preparo dos mestres (HENGEMUHLE, 2008).

No século XIX, como nos apresenta Hengemuhle (2008), o sistema norte-americano de educação, desde seu início, contou com a preparação dos professores, o que nos leva a entender que esse processo foi considerado importante na implantação do sistema educativo.

Ainda ao que se refere à formação de professores, Tanuri (2000) explica que as primeiras instituições que se propunham à formação docente eram destinadas ao ensino mútuo<sup>10</sup>, que tinha como uma de suas principais preocupações a preparação dos docentes. No Brasil, uma instituição criada especificamente para formar docentes foi a escola normal. De acordo com Hengemuhle (2008) essa escola foi fundada em 1835 e era sediada em Niterói. Ainda sobre a criação das escolas normais Aranha (2006) escreve:

Para melhorar a formação de mestres, foram fundadas as escolas normais. A primeira delas foi a Escola Normal de Niterói (1835), capital da província do Rio de Janeiro. Funcionava precariamente com um só professor e poucos alunos. Fechou em 1849 por falta de alunos, para retornar mais tarde às atividades. Em seguida, surgiram várias outras escolas normais nas diversas províncias. (ARANHA, 2006, p. 227).

Ainda segundo essa autora, as escolas tinham duração instável. Portanto, percebemos que não existia um cuidado para que essa formação de fato ocorresse, nem mesmo com qualidade. “O descaso pelo preparo do mestre fazia sentido em uma sociedade não comprometida em priorizar a educação elementar” (ARANHA, 2006, p. 227). Assim, podemos perceber que, ao longo dos anos, a formação docente vem se modificando, e, podemos dizer também, sendo articulada de acordo com interesses políticos.

Pontuamos que, apesar dos avanços, ainda há muito o que melhorar. Compactuamos com Imbernón (2009) ao dizer que são necessárias mudanças na formação

---

<sup>10</sup> O ensino mútuo utilizado na preparação dos docentes instruíam-os no domínio do método. Era uma maneira de preparar os docentes exclusivamente pela prática, sem nenhuma base teórica.

dos professores deste século. Consideremos aqui uma formação que se preocupe com o que se pretende ensinar e com a forma como se vai fazer. Destacamos, em especial, a inserção nas propostas formativas da discussão da formação humana. Afinal, compartilhamos com Freire (2003) que a prática educativa deve estar além da capacitação técnica, fomentando o lado humano. Ou seja, formar é educar o ser humano para a vida. Portanto, os educadores devem ter, em sua formação, o contato com discussões que envolvam a afetividade, os valores, os conflitos. Ainda segundo o autor, é preciso cultivar vários dos saberes necessários à prática educativa transformadora (FREIRE, 2000). Estes devem ser significativos e fazer sentido para os discentes; caso contrário, não atenderão à proposta formativa.

Nesse sentido, continuamos com as reflexões acerca da formação, pontuando a existência, ainda tímida, de uma maior discussão sobre a temática Cultura de Paz nos espaços formativos, em especial, nas universidades, instituição responsável pela formação inicial docente.

Apesar dos avanços em áreas como a educação ambiental, a física quântica, dentre outras, a academia ainda se mostra “tímida” quanto à discussão e ao estudo de determinados temas. Compartilhamos com Jares (2007) a denúncia à manifestação de expressões de incredulidade e rejeição da “cientificidade” dos estudos relacionados à formação humana, que contemplem valores e outras dimensões na academia. É necessária a modificação dessa estrutura e uma maior sensibilidade, pois, como explicitado por Matos, Castro e Almeida de Matos (2011), as necessidades do mundo atual demandam uma formação diferenciada, envolvendo mais que aspectos mecânicos.

Assim, segundo Yus (2002), o propósito da educação é alimentar o crescimento do potencial intelectual, emocional, social, físico, artístico e espiritual de toda pessoa. “Formar é mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 2000, p. 15). É potencializar aspectos que o compõem. E estimulá-lo a ser crítico, conhecedor e transformador da realidade em que está inserido.

Não há formação significativa do educador sem contextualização, porque sem esta se faz apenas inculcação de conhecimentos, conteúdos a serem reproduzidos. Cabe possibilitar a compreensão e importância do que se quer conhecer e do que é necessário para ensinar-aprender (FIGUEIREDO, 2007, p. 4).

É importante que os educadores analisem as realidades em que estão inseridos e, partindo dessas, possam refletir sobre o verdadeiro significado de participar da formação,

compreendendo não só conceitos, mas como eles contribuem com a prática educativa no âmbito escolar ou educativo em que estão inseridos.

É por isso que percebemos a prática docente como uma das peças fundamentais na constituição e formação do indivíduo. Portanto, é oportuno investir na pesquisa e reflexão sobre o trabalho que contribui para o desenvolvimento de práticas que visam à construção de uma cultura de paz, na nossa sociedade. É de grande proveito entender melhor o tema e oportunizar outras produções, contribuindo com uma maior discussão em âmbito acadêmico sobre a formação docente que promova a cultura de paz.

Diante disso, é imprescindível repensar os currículos nos cursos de graduação em Pedagogia e outras licenciaturas, pois essa é uma iniciativa impulsionadora de uma educação diferente para as futuras gerações, possibilitando uma reflexão sobre temas ainda pouco discutidos nos espaços formais. Guimarães (2005) indica a necessidade de a educação para a paz ser estudada, discutida e descoberta por aqueles que não a conhecem. Na medida em que isso acontecer, as propostas de educação para a paz vão ser mais disseminadas e fortalecidas nos diferentes espaços brasileiros.

Ressaltamos que, no Brasil, pesquisas nessa perspectiva têm tido maior visibilidade, ganhado espaço e avançado por meio do trabalho da pesquisadora e professora Kelma Socorro Lopes de Matos, que, desde 2007, com a criação do grupo de pesquisa “Cultura de Paz, Juventudes e Docentes: Experiências de Escolas”, e por meio de ONGs e secretarias de Educação Estadual e Municipal, vem desenvolvendo diversas ações no espaço acadêmico nesse sentido. O trabalho do grupo se materializa com seus pesquisadores envolvidos na coordenação de pesquisas, produção de artigos, orientação de dissertações e teses, todas relacionadas e voltadas às discussões que tratam sobre a Cultura de Paz (NASCIMENTO, 2012, 2014; CASTRO, 2012; MACEDO, 2012; CARNEIRO, 2014; DIAS, 2016), promovendo oficinas e seminários, os quais possibilitam um contato mais próximo com professores, viabilizando o conhecimento sobre a temática, possibilitando um diálogo entre a universidade e a realidade das escolas, e disseminando iniciativas na perspectiva da paz. Além disso, há a organização e publicação de livros (MATOS, 2014, 2015, 2016) que contribuem para que sejam estudadas e divulgadas as experiências de cultura de paz, estimulando e mostrando que a paz pode ser construída diariamente.

A discussão da temática não faz parte ainda diretamente da formação inicial, mas a perpassa na medida em que possibilita aos alunos conhecerem o trabalho realizado pelo grupo – e, para alguns deles, até os estimula a se inserir para contribuir. Ressaltamos que é

preciso coragem para romper com estigmas que infelizmente ainda se fazem presentes no meio acadêmico, e esta pesquisadora vem tentando fazer isso com determinação e leveza.

Compreendemos ser necessário que os educadores, durante sua trajetória formativa tenham acesso a essa discussão, tendo em vista que, em sua prática, muitos enfrentam dificuldades relacionadas à violência cotidiana. Os profissionais precisam entender e buscar estratégias para tentarem inserir outras discussões e percepções nos espaços educativos, fortalecendo ações permanentes, significativas e contínuas.

É preciso romper com um processo de formação, nos cursos de graduação, que ainda preza apenas pela obtenção de conteúdos e formação do intelecto, ao tempo em que é fundamental acolher outras dimensões também importantes ao indivíduo. Tal formação se mostra precária em relação às temáticas como paz, espiritualidade, entre outras.

Mesmo que não seja na perspectiva da formação inicial, é preciso começar um trabalho nesse sentido, como vem sendo realizado na Universidade Federal do Ceará. O que vale ressaltar é a relevância das ações, pois, como pontua Atié (2002), passos importantes estão sendo dados, por isso, como em todo processo educativo, a formação de professores e de cidadãos preocupados com a paz, que até pode ser lenta, precisa ser empreendida. Diante disso, infere-se que é preciso estimular educadores a desenvolverem práticas alternativas, na perspectiva de uma educação para a paz.

Assim, ainda não sendo possível essa temática na matriz curricular da formação inicial, apresentamos a iniciativa de disseminá-la na formação continuada, pois sabemos da necessidade dos educadores e dos espaços educativos da inserção em suas discussões dos projetos e das práticas relacionados a esse tema. A ideia foi de uma formação baseada nos princípios freirianos (2000), criando e possibilitando aos educadores o conhecimento acerca da temática, mas sobretudo inspirando a produção e a construção de práticas voltadas à Cultura de Paz, levando-os não só a teorizar, mas sobretudo a pensar suas práticas.

E para pensar seu fazer cotidiano agregando um trabalho diferenciado que vise à promoção da cultura de paz, faz-se necessário que estes tenham não apenas a vontade, mas que possam tornar suas ações efetivas. Portanto, devem fortalecer o que pensam e desejam realizando atividades tendo a compreensão de aspectos teóricos que possam contribuir com atividades práticas. Assim, é em torno de um dos conceitos que se compreende a discussão mais ampla, que versa o próximo item de discussão deste estudo.

### ***3.1.1 Na busca por um conceito de paz***

De acordo com Guimarães (2011) a temática da Paz é um dos principais pontos da agenda do final do século XX. As discussões acerca do tema Paz datam desde a década de 1930, com os estudos e o discurso da grande educadora e psiquiatra italiana Maria Montessori, que teve como uma de suas “bandeiras” a busca da paz por meio da educação. Dentre suas iniciativas, destacamos a realização de “Conferências de Educação para Paz”, ocorridas entre 1932 e 1939, que, para Montessori (2004), visavam a defender uma proposta educacional transformadora. No tocante aos estudos sistemáticos, ainda sobre esse tema, segundo Diskin (2008), datam de 1950, ganhando assim status acadêmico.

Afinal, o que é paz? No dicionário Borba (2011), encontramos as seguintes definições: “1) ausência de guerra ou de conflito; cessação de hostilidades; 2) relação tranquila entre pessoas; ausência de disputas e de violência; harmonia; concórdia; 3) descanso; tranquilidade; 4) cessação de disputas e agressões” (BORBA, 2011, p. 1042). Este conceito está relacionado ao entendimento tradicional, herdando-o da “pax romana”. Jares (2007) diz que este conceito identifica a paz como ausência de conflitos bélicos e, em nossos tempos, como ausência de todo e qualquer tipo de conflito. Entretanto, a paz que se pretende estudar nesse trabalho está para além da ausência de conflito. É a paz positiva que considera os conflitos, trabalha no sentido de gerar ganhos no âmbito social, e também no educativo (JARES, 2007).

A paz aqui proposta se aproxima da paz anunciada por Montessori (2004), que não é apenas ausência de guerra, ou resultado de negociações, e sim uma construção permanente. É uma ciência, uma arte e uma cultura que se aprende. Portanto, é uma paz possível de ser construída e conquistada. A paz que pretendemos trabalhar está ligada à dimensão social e é defendida por Freire, ao falar com assertividade: “a paz se cria e se constrói com a superação das realidades sociais perversas. A paz se cria e se constrói com a edificação incessante da justiça social” (1986, p. 46).

A paz que queremos vivenciar é também expressa nas palavras de Annan Pureza no ano de 2000, em mensagem lida por ocasião do lançamento do Ano Internacional da Cultura de Paz:

A verdadeira paz é muito mais do que ausência de guerra. É um fenômeno que envolve desenvolvimento econômico e justiça social. Supõe a salvaguarda do ambiente global e o decréscimo da corrida aos armamentos. Significa democracia, diversidade e dignidade; respeito aos direitos humanos e pelo estado de direito, e mais. (PUREZA, 2000, p. 36)

O conceito de paz adquire novo significado “ao associá-la não como antítese de guerra, mas de violência” (JARES, 2007, p. 31) dado que a guerra é apenas um tipo de violência, e não o único. Essa paz é positiva e, como já pontuado por Matos e Castro (2011), assim como o conceito de Cultura de Paz, apresentado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), relaciona-se às ideias de justiça social, direitos humanos e democracia. Assim, levamos aos sujeitos participantes da formação essa concepção, propondo que refletissem relacionando com suas práticas, construindo juntos um caminho para promover a cultura de paz.

Partindo desse conceito de paz em que exige a participação da cidadania, passamos a pensar sobre como promover uma educação voltada à Cultura de Paz; sendo, portanto, necessário também inserirmos no estudo a compreensão conceitual das temáticas elencadas a seguir.

### ***3.1.2 Educação para a Paz e Cultura de Paz***

É pensando em como chegaremos à cultura de paz que utilizamos e discutimos sobre uma das principais ferramentas que visam a essa construção, a educação para a paz, que tem indícios em autores anteriores ao século XX, como Comenius. O autor expressa suas ideias acerca da paz a partir de três pontos: 1) fé na natureza humana e em sua harmonia; 2) proposta universal de educação, e 3) criação de organismo internacional (JARES, 2002). Assim, como Comenius outro autor que apresenta indícios dessa discussão é Rousseau, que pontua ser o homem pacífico por natureza (JARES, 2002). Somente no século XXI, porém, tais ideias passaram a se configurar como proposta pedagógica. Nessa perspectiva, ela se assenta em dois conceitos: o de paz positiva, já apresentado, e o de conflito compreendido como natural e inevitável à existência humana. Daí retomar a questão da perspectiva criativa dos conflitos trazendo o verdadeiro sentido do conflito, visto por meio de uma leitura positiva que, de acordo com Jares (2007, p. 36), é um processo natural e intrínseco à vida – se focado de modo positivo, pode ser um fator de desenvolvimento pessoal, social e educativo. Portanto, o conflito faz parte do processo; o que o diferencia é a maneira como o percebemos e lidamos com ele.

Para Jares (2002), a Educação para Paz (EP) está fundamentada nos dois conceitos ora apresentados, os quais são elementos significativos e definidores. O autor pontua ainda que a EP é um processo educativo, contínuo e permanente que visa a desenvolver a cultura de paz.

Pretendemos contribuir com a formação dessa nova cultura na medida em que colaboramos com a realização de seminários, palestras e outras ações, como a formação que realizamos. Essas iniciativas buscam levar reflexões e, sobretudo, entendimentos críticos sobre a realidade em que estamos imersos, para que possamos desenvolver ações positivas. A educação para a paz é uma iniciativa contínua, em que nossa atuação é essencial enquanto construtores dessa cultura, “se assim o desejarmos e trabalharmos nesse sentido” (MATOS, 2006, p. 177).

Portanto, a educação para a paz não se vincula à passividade, e sim busca fazer com que as pessoas reflitam trazendo um novo olhar, dando uma nova roupagem diante dos impasses cotidianos. Assim, concordamos com Matos (2010) quando diz ser necessário desnaturalizar o conceito de paz.

A educação para a paz também está associada aos valores humanos. Segundo Serrano (2002), essa educação apresenta-se a nós como uma educação em determinados valores, os quais trazem consigo uma cultura de paz. Pontuamos alguns dos valores que podem ser trabalhados nessa perspectiva: a não-violência, o respeito e a cooperação.

A partir do conceito de educação para paz que trazemos, percebemos o quanto está associado a diversas experiências que estruturamos no curso de formação de educadores em Cultura de Paz, do qual somos idealizadores, além de ministrar as oficinas. Buscamos levá-los a conhecer e compreenderem alguns dos componentes que contribuem com o processo educativo voltado à promoção de uma Cultura de Paz. Ressaltamos que não exploramos e não trabalhamos com todos, foram elencados três: a “não-violência” que, segundo Guimarães (2006), tem suas raízes no século XIX, com o descobrimento por grupos nacionalistas de que a ação não-violenta era útil na resistência a inimigos, contra aquilo que consideravam um sistema social injusto. Discutir esses componentes é contribuir para que enriqueçam suas práticas, agregando novas discussões e atividades no seu fazer cotidiano.

Outro componente que fez parte dos conceitos estudados foi a “educação para os Direitos Humanos”, compreendida a partir de Jares (2007) como uma educação pela ação e para a ação. Ou seja, uma educação que se vincula sobretudo à prática. E por fim a “educação para a convivência”, que visa a sensibilizar quanto à necessidade de eliminar toda forma de violência como meio de resolução de conflitos (JARES, 2007). Aprender a conviver é necessário e fundamental nos diferentes espaços, e, em especial, no educativo. Aprender a conviver é um dos quatro pilares previstos para a educação do século XXI, um importante aprendizado para aprender a viver com os outros, compreendendo, aceitando as diversidades, administrando bem os conflitos (DELORS, 1998), superando o desafio da convivência, com o

entendimento entre todos. Pretendemos ainda associar essa discussão sobre a educação para tolerância, pontuada por Freire (2004), como virtude da convivência humana.

Portanto, compreendemos a educação para a paz como Salles Filho (2011, p.163) que a percebe, como outros educadores do mundo, como uma tentativa de olhar pedagógico sobre a utilização da educação para a contribuição na criação de uma cultura de paz. Nesse sentido, utilizamos para o desenvolvimento deste trabalho da educação para a paz.

Ressaltamos, ainda, que adotamos como referência, para definir Cultura de Paz, o conceito sugerido pela Organização das nações unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), publicado na declaração sobre uma Cultura de Paz e respectivo programa de ação em 1999.

A cultura de paz é um conjunto de princípios, atitudes, costumes, modos de comportamento e estilos de vida que se assentam: a) no respeito pela vida, no fim da violência e na prática da não-violência, através da educação, do diálogo e da cooperação; b) no respeito profundo pelos princípios de soberania, integridade territorial e independência política dos estados e não intervenções em questões que, na sua essência, pertencem à jurisdição nacional de cada estado, em conformidade com a Carta das Nações Unidas e com o direito internacional; c) no profundo respeito e na promoção dos direitos humanos fundamentais; d) no empenho na resolução pacífica de conflitos; e) nos esforços destinados a satisfazer as necessidades ambientais e de desenvolvimento das gerações atuais vindouras; f) no respeito e na promoção do direito ao desenvolvimento. (GUIMARÃES, 2006).

De acordo com Milani esse conceito de Cultura de Paz ainda está se solidificando, sendo importante realizarmos debates a respeito da temática para “que equilibre especificidade e abrangência, consistência e fluidez, bem como aplicabilidade aos inúmeros contextos e realidade” (MILANI, 2003, p. 37).

Como podemos perceber, o conceito apresentado associa-se a valores como respeito, por exemplo, que devem ser compreendidos de maneira articulada e interdependentes, favorecendo uma construção mais sólida da cultura de paz. A partir do conceito apresentado, formulamos e desenvolvemos nossa proposta de trabalho no intuito de oferecer subsídios aos educadores para entenderem aspectos teóricos e, a partir disso, facilitar a programação de ações práticas à vivência de uma cultura de paz.

De acordo com a resolução da UNESCO (A/RES/53/243, 1999), viver em uma cultura de paz significa repudiar todas as formas de violência, especialmente a cotidiana, além de promover os princípios da liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular a compreensão entre os povos. Ou seja, vivenciar essa cultura é combater todo e qualquer ato que se caracteriza como violência, é buscar compartilhar valores, assim como

favorecer o entendimento entre os seres humanos e contribuir para que prevaleça sempre um ambiente harmônico.

Portanto, é partindo da concepção da UNESCO, já citada, e tendo como pilar a “Educação para a paz” que estruturamos essa proposta. Concordamos com Matos (2006) quando afirma que o trabalho voltado para a Cultura de Paz precisa ser fortalecido, enquanto uma política permanente, nas instituições em geral.

Nos pontos anteriores conhecemos e discutimos alguns conceitos importantes para melhor entender e contribuir com a construção de uma cultura de paz. No seguinte, conheceremos pesquisas já publicadas que também se propuseram a discutir essa construção.

### *3.1.2.1 A produção acadêmica sobre Cultura de Paz*

Neste tópico, buscamos conhecer sobre as produções até agora desenvolvidas que têm relação com a Cultura de Paz, pois consideramos importante divulgar como vem ocorrendo esse trabalho, fortalecendo assim as pesquisas existentes e contribuindo para que outras possam ser iniciadas. Como fazer um levantamento em âmbitos mundial e nacional seria muito extenso, dedicamo-nos a estudar os trabalhos realizados na região nordeste e, especificamente, nas instituições de ensino federal. Ao acessar o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e também os repositórios institucionais de todas as universidades federais da região nordeste, constatamos que até o momento a predominância das produções nessa perspectiva são de dois programas de pós-graduação: um da Universidade Federal do Ceará, sendo dessa universidade a pesquisadora que mais tem orientado trabalhos sobre a temática, bem como produzido, com publicações de livros, participação em eventos com apresentação de trabalhos e publicações em anais, além de promover seminários anuais. Por sua vez, o segundo programa que tem contribuído com esses estudos é o da Universidade Federal do Piauí.

Inicialmente, elegemos os descritores cultura de paz e formação de professores, mas com a pesquisa percebemos que se nos limitássemos apenas a esses seria difícil encontrar as produções, por isso apresentaremos todos que têm relação com a Cultura de Paz.

As produções no âmbito da Universidade Federal do Ceará iniciaram com uma tese de doutoramento intitulada “A promoção da cultura de paz nas Escolas: a Ótica da Juventude”, de autoria de Verônica Salgueiro do Nascimento. No entanto, destacamos que outras produções, no âmbito de artigos, já haviam sido publicadas por Matos (2006, 2008).

Pontuamos que a maioria dessas produções estão associadas a pesquisas do grupo de pesquisa Cultura de Paz, Juventudes e Docentes, coordenado pela professora doutora Kelma Socorro Lopes de Matos, que desde 2007 realiza ações e pesquisas relacionadas à temática em discussão. A seguir, apresentamos o resultado de alguns desses estudos, que são dissertações e teses, orientadas pela referida professora.

Quadro 1 – Organização das Produções da UFC sobre Cultura de Paz

<b>Autor</b>	<b>Tema</b>	<b>Ano da Defesa</b>
<b>VERÔNICA SALGUEIRO DO NASCIMENTO</b>	A promoção da Cultura de Paz nas escolas: a ótica da juventude	2009 Tese
<b>ROSA MARIA DE ALMEIDA MACÊDO</b>	Juventudes, Cultura de Paz e Escola: transformando possibilidades em realidade	2012 Tese
<b>DANIELA DIAS FURLANI SAMPAIO</b>	Cultura de Paz, Educação e Meditação com jovens em escola pública estadual de Fortaleza – Ceará	2012 Tese
<b>ELIZANGELA LIMA DO NASCIMENTO</b>	Semeando paz nas escolas do Bom Jardim: estudo de caso no curso jovens agentes da paz – JAP	2012 Dissertação
<b>LIVIA MARIA DUARTE DE CASTRO</b>	Valores humanos na escola: em busca da sensibilidade nas práticas docentes	2012 Dissertação
<b>DÁRIO GOMES DO NASCIMENTO</b>	O Reiki na escola: educação e cultura de paz na escola estadual professor plácido Aderaldo Castelo	2014 Dissertação
<b>MARIA JOYCE MAIA COSTA CARNEIRO</b>	Jovens da escola de ensino médio Wladimir Roriz: construção da cultura de paz e dos valores humanos	2014 Tese
<b>CLAUDIA MARIA MOURA PIERRE</b>	Convivência democrática e relações de paz e conflito: estudo na escola municipal de ensino fundamental desembargador Amorim Lima	2016 Tese
<b>LÚCIA VANDA RODRIGUES DIAS</b>	Se é de paz, pode chegar, entrar na roda e jogar: formação de educadores da associação zumbi capoeira em cultura de paz	2016

Continua.

Quadro 1 – Organização das Produções da UFC sobre Cultura de Paz (*Conclusão*)

<b>Autor</b>	<b>Tema</b>	<b>Ano da Defesa</b>
<b>ELIZANGELA LIMA DO NASCIMENTO</b>	Ruah, o sopro da vida: cultura de paz, sonhos e esperanças nas juventudes do lar Fabiano de Cristo.	2016 Tese

Fonte: Elaboração Própria

Como já mencionado, no âmbito da Universidade Federal do Ceará, desde 2007, estudos vêm sendo realizados. Destacamos ainda que, anterior a este ano, a pesquisadora Kelma Matos já publicava livros e artigos abordando a temática (MATOS, 2006, 2007, 2008), e em 2009 é defendida sob sua orientação a primeira tese de doutorado intitulada “A promoção da Cultura de Paz nas Escolas: a ótica da juventude”. Esse trabalho consistiu no acompanhamento de processos educativos, que tinham como objetivo o desenvolvimento da cultura de paz, o lócus foram duas escolas de ensino fundamental de Fortaleza, sendo uma pública e outra privada. Os sujeitos investigados foram jovens, e o objetivo foi conhecer sobre o que pensavam e avaliavam as atividades desenvolvidas por um projeto que visava à promoção da paz.

O trabalho, também uma tese, de autoria de Rosa Maria de Almeida Macêdo, intitulado “Juventudes, Cultura de Paz e Escola: transformando possibilidades em realidade”, é uma investigação que se utilizou da pesquisa intervenção e tinha como objetivo contribuir com a construção de uma cultura de paz na escola Maria Melo, localizada em Teresina-Piauí.

De autoria de Daniela Dias Furlani Sampaio, nessa linha de Cultura de Paz, Educação e meditação com jovens em escola pública estadual de Fortaleza – Ceará, foi realizada uma investigação com jovens da escola pública estadual e profissionalizante no estado do Ceará, a Joaquim Antônio Albano. Tal investigação visava a saber as percepções destes acerca do “programa Fortaleza em Paz” que convida a meditação coletiva, sendo este uma dentre tantas possibilidades de trabalhos de Cultura de Paz.

Outro trabalho é uma dissertação de mestrado cujo título é “Semeando Paz nas escolas do Bom Jardim: estudo de caso no curso jovens agentes da paz – JAP”, de autoria de Elizangela Lima do Nascimento. Este, por sua vez, foi realizado com as juventudes participantes do Curso Jovens Agentes da Paz (JAP) que tinha como objetivo capacitar as juventudes para que se tornassem multiplicadores da paz e da promoção dos direitos humanos no espaço escolar ou na comunidade, promovido pela Organização não-governamental Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS), no Grande Bom Jardim. O objetivo da

investigação era refletir sobre a experiência formativa, a partir da ótica das juventudes, buscando coletar seus saberes e impressões quanto à vivência e o trabalho com a paz.

Em sequência ao estudo acima, temos a dissertação de mestrado por nós defendida que, como mencionado, buscou refletir acerca dos valores humanos a partir das práticas docentes de professores da Escola Liceu Domingos Sávio, valendo-se da proposta do programa Cinco Minutos em Valores Humanos, possibilitando assim a construção de uma cultura de paz.

Após dois anos, mais uma dissertação foi defendida, “O Reiki na escola: educação e cultura de paz na escola estadual professor plácido Aderaldo Castelo”, trabalho realizado por Dário Gomes do Nascimento. Trata-se de uma pesquisa realizada com a comunidade escolar da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Plácido Aderaldo Castelo (EPAC), localizada na cidade de Fortaleza – CE. A proposta foi investigar sobre a construção de uma cultura de paz nessa instituição, tendo a terapia Reiki como foco. Essa investigação partiu de uma pesquisa-ação, pois com sujeitos do contexto investigado, foi produzida uma intervenção no ambiente escolar, aplicando e iniciando docentes nessa terapia. A partir dessa ação, o autor procurou entender como os resultados podem servir para a construção de uma cultura de paz no espaço pesquisado.

Ainda em 2014, tivemos a defesa da tese de Maria Joyce Maia Costa Carneiro, intitulada “Jovens da escola de ensino médio Wladimir Roriz: construção da cultura de paz e dos Valores Humanos”. Essa pesquisa foi realizada com os jovens alunos da Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz (EEMWR). O objetivo foi levar a comunidade escolar, em especial os jovens, a refletirem, por meio dos Valores Humanos, sobre atitudes no ambiente escolar que propiciaram uma cultura de paz, utilizando-se do “Programa Vivendo Valores na Educação” (VIVE). Dentre os resultados, destacamos que: os alunos compreenderam o seu papel no cenário da construção da cultura de paz e solicitaram maior presença dos professores que ainda não se envolviam com o VIVE.

Após dois anos, em 2016, tivemos mais três teses defendidas: a de Claudia Maria Moura Pierre, intitulada “Convivência Democrática e relações de paz e conflito: estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima”, que teve como objetivo apresentar as dinâmicas dos modos democrático e autoritário de convivências e averiguar a expressão de alunos e professores da escola, no que se refere à convivência democrática e às suas relações de paz e conflito. Relações aluno-professor no contexto da democracia, satisfação dos alunos com a escola e a resolução dos conflitos são o foco da pesquisa. O estudo demonstrou que a democracia não impede conflitos, mas gera relações

humanas nas quais há maior possibilidade de resolução não-violenta, e quando não há encontro na emoção, há problemas relacionais. Importante dizer que essa escola adota um modelo diferenciado de ensino que modifica as relações com os estudantes, esse modelo é inspirado na escola da ponte de Portugal.

A tese de Lúcia Vanda Rodrigues Dias, cujo título é “Se é de paz, pode chegar, entrar na roda e jogar: formação de educadores da associação zumbi capoeira em Cultura de Paz”, é uma das que mais se aproxima do meu estudo. A proposta de trabalho teve como objetivo investigar em que medida a Formação em Cultura de Paz contribuiu para as práticas pedagógicas de 20 educadores da Associação Zumbi Capoeira (AZC), a partir da inserção de elementos constituintes de uma Educação para a Paz em seus cotidianos de ensino-aprendizagem, colaborando para a construção de uma cultura de paz na sociedade. Após a formação, os educadores da AZC realizaram ações em cultura de paz em seus respectivos núcleos de ensino. Como resultado temos que a pesquisa aponta para a escola de capoeira como um espaço onde a paz pode ser ensinada e aprendida, além de sinalizar as formações em Cultura de Paz como estratégia fundamental para ampliar espaços formativos comprometidos com uma educação para a paz e multiplicar educadores empenhados nessa tarefa.

Por fim, a tese mais recente, defendida em 2016 foi de Elizangela Lima do Nascimento Ruah, “O sopro da vida: Cultura de Paz, sonhos e esperanças nas juventudes do Lar Fabiano de Cristo”. Os sujeitos da pesquisa foram jovens participantes do Grupo Ruah, da Casa de Fernando Melo, sede do Lar Fabiano do Cristo, localizado no bairro Jurema, em Caucaia, Ceará. A pesquisa priorizou a ótica dos jovens sobre a experiência no grupo e as repercussões das ações formativas em suas vidas e na comunidade na qual estão inseridos. As experiências com o Grupo Ruah mostram mudança de postura em suas trajetórias e histórias de vida, favorecendo o despertar para noções de ética, tolerância e empatia no cotidiano. Pontuamos ainda o impacto das oficinas temáticas junto aos jovens, denotando em suas falas e experiências uma mudança considerável e significativa de valores e uma nova ótica em favor da Cultura de Paz.

Os estudos acerca da temática Cultura de Paz da Universidade Federal do Piauí estão ligados ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGEI) que desenvolve as pesquisas nas linhas Educação, Cultura de Paz e Violência na Escola e Educação e Diversidade Culturais: Gênero, Afrodescendência, Gerações; Juventudes e Cultura de Paz e Juventudes e Violência na Escola. Esse grupo é coordenado pela professora Doutora Maria do Carmo Alves do Bomfim. No quadro 2, seguem, em ordem crescente de publicação, as produções.

Quadro 2 - Organização das Produções da UFPI sobre Cultura de Paz

<b>Autor</b>	<b>Tema</b>	<b>Ano da Defesa</b>
<b>MARIA DA CRUZ SOARES DA CUNHA LAURENTINO</b>	Ações do Programa Escola Aberta/Escola da Gente como prática de cultura de paz.	30/08/2013 Dissertação
<b>MARIA GESSI-LEILA MEDEIROS</b>	Mediação de Conflitos no Espaço Escolar: linguagens de Cultura de Paz na Escola Pública de Teresina/PI	30/08/2013 Dissertação
<b>MARIA DO SOCORRO PEREIRA DA SILVA</b>	Juventudes da Periferia e Educação de Paz: ações educativas do Movimento pela Paz na Periferia (MP3) no processo de implantação de políticas públicas (2000-2012)	25/02/2014 Dissertação
<b>CLAUDILENE SANTOS DE LIMA</b>	Juventudes e Cultura de Paz: a educação musical no enfrentamento das violências na unidade escolar "Lourival Parente"	28/02/2014 Dissertação
<b>MARIA GESSI-LEILA MEDEIROS</b>	Possibilidades de uma Educação para a Paz na Formação Inicial de Pedagogo: vivência/experiência no curso de pedagogia da UFPI	17/03/2017 Tese
<b>MARIA DA CRUZ SOARES DA CUNHA LAURENTINO</b>	Relações de Gênero em Práticas Educativas no Ensino Médio: contribuições para uma cultura de paz	27/06/2017 Tese

Fonte: Elaboração própria

O primeiro trabalho de autoria de Maria da Cruz Soares da Cunha Laurentino (2013) é uma dissertação que teve como objetivo analisar o Programa Escola Aberta (PEA) como política pública de construção de práticas educativas para a paz na Escola Municipal “Raimundo Nonato Monteiro Santana”, em Teresina (PI). O PEA é uma das políticas públicas desenvolvidas para a juventude. Nesse trabalho, foi possível constatar que o PEA, considerando as situações contextuais, sociais, culturais, políticas, econômicas em que está situada a comunidade da Vila Irmã Dulce, apresenta-se como uma política pública reparadora, que procura, principalmente, por meio de seus principais atores, atenuar os problemas provocados pela ausência de espaços de lazer, de cultura e de formação profissional. Insiste em plantar sementes de Cultura de Paz. Esse trabalho entrelaça-se com o nosso estudo por ser de natureza qualitativa e no quesito de buscar semear a Cultura de Paz.

O segundo é uma dissertação defendida por Maria Gessi-Leila Medeiros (2013) e tem como temática a mediação de conflitos na escola pública de Teresina-PI. Seu objetivo geral foi analisar as práticas de violência na Unidade Escolar Maria Melo. É uma pesquisa de natureza qualitativa, a qual empregou como método a pesquisa-ação. Foram apontados como violências mais presentes: agressões verbais, brigas, uso de drogas e atos obscenos; pichações, depredação escolar e furtos de objetos e equipamentos escolares. Ficou evidenciado que tanto alunos quanto professores são vítimas de violência. A pesquisadora realizou três oficinas que compunham o curso de formação com alunos do oitavo ano. Pude perceber que havia possibilidades de construção de um projeto de mediação de conflitos nessa escola, em decorrência das potencialidades observadas no percurso da pesquisa, pois os participantes demonstraram em vários momentos de suas produções que são capazes de desenvolver e cultivar valores positivos como a tolerância, o respeito, a solidariedade, a amizade, características essenciais para a boa convivência humana e para a mediação.

Assim, como a nossa pesquisa, o método utilizado foi a pesquisa-ação, com a proposta de formação de um grupo. Além das características apresentadas destacamos a presença do tema, mediação de conflitos, algo também discutido dentro do nosso estudo e a presença da temática valores humanos nesse processo. Ambos componentes de uma proposta voltada à promoção de uma Cultura de Paz.

O terceiro trabalho, defendido em fevereiro de 2014, de autoria Maria do Socorro Pereira da Silva, investigou a prática educativa realizada pelo Movimento Pela Paz na Periferia (MP3) em Teresina, em parceria com o Estado do Piauí, entre 2000-2012, o objetivo geral era analisar as ações educativas realizadas pelo MP3 no processo de promoção da educação para a paz da periferia de Teresina, nos sentidos atribuídos pelos protagonistas desse movimento. A abordagem metodológica escolhida é de natureza qualitativa, de caráter exploratório e analítico. Dentre os resultados evidenciados foram destacados: o papel fundamental do MP3 nas lutas por políticas públicas para/de/com as juventudes no Piauí; a educação para a paz contribui para o cultivo de valores positivos, convivência grupal, protagonismo juvenil, respeito, solidariedade, combate ao uso de drogas, a profissionalização e empregabilidade. Destacamos aqui a relação com nosso estudo no tocante à análise de ações realizadas pelos educadores no processo de promoção da paz.

A quarta pesquisa, de autoria da Claudilene Santos de Lima (2014), teve como foco a educação musical instrumentalizada pelo piano e violão, realizada por jovens estudantes da Unidade Escolar "Lourival Parente", localizada no bairro Lourival Parente, em Teresina-PI. O objetivo geral foi analisar as contribuições da educação musical no

enfrentamento da violência na instituição pesquisada. Foi uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, de cunho descritivo analítico. Os resultados mostraram que os impactos da educação musical na escola interferem positivamente na vida pessoal, estudantil e profissional dos alunos e no clima escolar. Destacamos como ponto comum a promoção da paz.

O penúltimo trabalho produzido foi uma tese de autoria de Maria Gessi-Leila Medeiros, defendida em março de 2017, que teve como objetivo geral: investigar como o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) prepara o futuro pedagogo para uma prática de Educação para a Paz. O problema da pesquisa constitui-se a partir do seguinte questionamento: como o curso de Pedagogia da UFPI vem preparando os futuros professores para enfrentar as violências que ocorrem no espaço escolar, na perspectiva da Educação para a Paz? Destacamos o estudo de documentos oficiais, pois a pesquisa analisou as atuais Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia, a normatização presente na LDB, a Matriz Curricular e o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. Essa análise busca identificar se existe orientação política pedagógica na formação dos futuros professores no curso de Pedagogia a partir do paradigma da Educação para a Paz.

Um dos pontos relacionados ao nosso estudo é a questão da formação, da preparação desses profissionais de forma teórica e prática em relação a conceitos e desenvolvimento de ações voltadas ao trabalho para a promoção da paz. Destacamos que essa é uma das pesquisas que se aproxima diretamente da nossa investigação no tocante ao descritor formação e Cultura de Paz, sendo o que relaciona a formação inicial de estudantes de pedagogia, buscando compreender como esse processo de formação inicial nessa área prepara para uma atuação voltada para a paz.

O trabalho mais recente publicado até o momento da coleta dessas informações foi a tese que tem como título “Relações de Gênero em Práticas Educativas no Ensino Médio: contribuições para uma cultura de paz”, de autoria de Maria da Cruz Soares da Cunha Laurentino, que teve como objetivo geral analisar os processos de relações de gênero que vêm se estabelecendo entre docentes, discentes e equipe gestora de uma escola estadual do Ensino Médio em Tempo Integral (CEMTI), situada na zona sul de Teresina. Foram registradas/os concepções e problemas no campo do gênero, que afetam os aprendizados de crianças e jovens quanto aos conhecimentos no âmbito das convivências. Após pesquisa teórica e empírica, os resultados foram agrupados em duas categorias analíticas: (1) Relações de Gênero e Poder – nessa foi possível perceber que as relações de gênero na escola *ainda* são marcadas por relações de poder, permeadas de violências simbólicas; (2) Relações de Gênero

e Cultura de Paz nas práticas educativas, nas quais evidenciou-se que as atividades desenvolvidas no CEMTI contribuem para o enfrentamento da reprodução de práticas opressoras e das desigualdades sociais e, mesmo indiretamente, primam para a construção de uma cultura de paz.

Todas essas produções, apesar das suas especificidades em relação ao direcionamento, objetivos, metodologias dentre outros aspectos, possuem o mesmo propósito, que é promover uma Cultura de Paz, seja acompanhando processos educativos, desenvolvendo ações, capacitando jovens e educadores.

Destacamos ainda que essas pesquisas vêm contribuindo com a promoção da Cultura de Paz, envolvendo diferentes aspectos, instituições e agentes. A escola tem se beneficiado com o desenvolvimento de projetos que trabalham a mediação, os valores humanos, a música. Os jovens colaboram, envolvem-se e são beneficiados, assim como os professores que se tornam agentes essenciais na consolidação de ações envolvendo-se com a temática.

Vimos, portanto, que cada vez mais ações vêm sendo realizadas nos diferentes espaços educativos, inseridas de fato no cotidiano, contribuindo para que a paz seja aprendida e sobretudo vivenciada. Nesse sentido, a seguir, discutiremos a formação dos educadores na perspectiva da Cultura de Paz, a qual possibilitou, por meio das aprendizagens desse processo formativo, que ações pudessem ser inseridas nos Distritos de Educação da Prefeitura de Fortaleza, destacando o papel da extensão nessa experiência aqui delineada.

## 4 A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES NA ÓTICA DA CULTURA DE PAZ

“A cultura de paz, mais do que nunca, se estabelece a partir de um longo trabalho em rede”.

(GUIMARÃES, 2009, 179.)

Neste capítulo, detalharemos o processo formativo e seus desdobramentos, destacando elementos essenciais de um conjunto de atividades de extensão: as oficinas realizadas e o trabalho desenvolvido com a proposta de educação a distância, por meio da utilização do ambiente virtual de aprendizagem.

### 4.1 A extensão: possibilitando o encontro com a temática da Cultura de Paz

Decidimos escrever esse tópico para você leitor compreender um pouco mais sobre o importante papel que a extensão universitária tem desempenhado, possibilitando o crescimento dos acadêmicos e, sobretudo, colaborando com a comunidade de uma forma geral, pois é estabelecendo vínculos entre a universidade e a comunidade que aquela tem contribuído com o social. Levando conhecimento para fora desse espaço formativo, trazendo também a população para ocupar e usufruir dos espaços e dos conhecimentos formulados. Destacamos que desenvolver este estudo contando com o desenvolvimento dessa função foi bastante proveitoso, uma vez que possibilitou a propagação e a prática do que temos estudado e formulado há algum tempo.

A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações socioeducativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes. E, na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. (ROCHA, 2007 *apud* SILVA, 2011, p. 2).

Nesse sentido, buscamos solidificar e fortalecer a relação comunidade e universidade, proporcionando aos educadores repensarem suas práticas e articularem ações que possam contribuir para superar as dificuldades elencadas nos seus espaços de trabalho, em especial no que se refere à questão de situações que envolvem a violência.

A extensão, segundo Rodrigues *et al.* (2013) surgiu na Inglaterra do século XIX, com a intenção de direcionar novos caminhos para a sociedade e promover a educação continuada. Nos dias atuais, surge como instrumento a ser utilizado pela Universidade para a efetivação do seu compromisso social.

Ampliando nosso conhecimento acerca da extensão, vemos que, de acordo com Silva Filho (2001) o conceito de extensão foi introduzido nos Estados Unidos para as Land Grant Universities, que foram criadas em terras doadas aos estados pelo governo federal com a condição de ali criarem universidades, as quais tinham como obrigação primordial auxiliar o desenvolvimento agropecuário regional para torná-lo mais eficiente. Este autor a define como:

uma ampla variedade de ações projetadas e montadas pela IES ou por um de seus setores, utilizando seus meios físicos e de recursos humanos, para oferecer à sociedade serviços que vão além de cursos formais regulares que fornecem diplomas de graduação, títulos de mestres e doutores e de atividades regulares de pesquisas científicas e tecnológicas e criações culturais de fronteira, mas que tenham impacto direto no desenvolvimento socioeconômico, científico e cultural desta sociedade. A extensão já foi definida como "a ligação entre a população e a pesquisa". A sociedade espera por esta ligação.

Ainda no campo da definição, trazemos Silva (1996) que a conceitua como uma maneira de interação que deve ocorrer entre universidade e comunidade. É uma espécie de articulação entre a universidade e os diversos setores da sociedade, que se inter-relacionam de modo que a universidade possa contribuir oferecendo conhecimento ou determinada assistência à comunidade e, em contrapartida, esta retorna com defluências positivas. Ou seja, apresentando respostas ao conhecimento adquirido, reverberando em ações que beneficiam a comunidade.

Essa definição aproxima-se da pró-reitoria de extensão da UFC que diz ser um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabilizando a relação transformadora entre universidade e sociedade. Destacamos que, no âmbito da UFC, as atividades de extensão envolvem áreas como: Educação, Direitos Humanos, Saúde etc, além de programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços.

O nosso estudo é resultado de uma das ações do projeto de extensão intitulado "Cultura de Paz na FACED: Ações de Educação, Espiritualidade e Saúde". Visa a promover ações de cultura de paz na Faculdade de Educação – FACED / UFC que, por meio de ações diversas e articuladas, buscam uma formação humana, como o desenvolvimento de aulas de Yoga, aplicação de Reiki e formação de educadores. Esse projeto está sob a coordenação da

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Kelma Socorro Lopes de Matos que há 10 anos atua com trabalhos nessa perspectiva por meio da coordenação do Grupo de Pesquisa “Cultura de Paz, Juventudes e Docentes” (UFC / CNPq).

Essas ações têm como intuito contribuir com a promoção da paz nos diversos espaços educativos, em especial a escola, proporcionando um ambiente em que as relações sejam mais cuidadosas, formando pessoas que se preocupem com o bem-estar do outro e, conseqüentemente, do planeta. Dentre as ações, pontuamos as aulas de Yoga que se alicerça no compromisso social que a universidade possui com a comunidade, prezando o desenvolvimento equânime das capacidades intelectuais, físicas e emocionais. Incluem-se também a aplicação de Reiki, o curso de “Educação em Valores Humanos” (EVH), que é realizado por meio da parceria com o Instituto Sri Sathya Sai de Educação do Brasil (ISSSEB), núcleo de Fortaleza. E o curso, objeto de nossa pesquisa, “Formação de Educadores em Cultura de Paz”.

A educação, de acordo com nossa Constituição Federal de 1988, é um direito de todos e deve ser garantida pelo estado e família. A extensão encontra-se neste documento como preceito constitucional, o que podemos constatar no artigo 207, no qual é descrita a exposição da obrigatoriedade do seu desenvolvimento nas universidades, quando este dispõe que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa, de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Assim, temos que essa função deve fazer parte das ações dessas instituições, articuladas com as demais funções para fortalecer o que se propõe. Com essa perspectiva, procedemos da forma que se segue:

Trouxemos a comunidade para ocupar os espaços acadêmicos e dentro deles trocar ideias, levantar discussões e construir conhecimentos que têm como propósito melhorar as práticas educativas, levando outras possibilidades para as escolas e os diversos espaços educativos. Ou seja, dando retorno às demandas surgidas na sociedade, estabelecendo relações entre os saberes, pois “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (FREIRE, 2006, p. 36).

Embora essa proposta de trabalho tenha envolvido a extensão, ela tem como ponto central a função da pesquisa, pois foi a partir dessa formação vinculada à extensão que buscamos saber as contribuições desse processo formativo no sentido de desencadear práticas

voltadas para a educação para paz, ou seja, direcionando novos caminhos a seguir, resultando dos projetos semeados a partir do processo formativo.

O processo formativo dos educadores ocorreu entre os dias 16 de março e 02 de julho de 2016, realizado na modalidade semipresencial, com carga horária de 80 horas, distribuídas em 20 horas presenciais com 5 encontros, 51 horas a distância, utilizando o ambiente virtual de aprendizagem e outras ferramentas como e-mail e *facebook*, e mais 9 horas dedicadas à elaboração do plano de ação. A proposta formativa compreende cinco módulos, os quais contemplavam eixos da educação para a paz, iniciados presencialmente e ampliados no virtual, por meio do qual disponibilizamos a estrutura do curso, com a ementa, o conteúdo e a programação (Apêndice C).

A seguir conheceremos como foi realizada a formação que ocorreu por meio do curso de extensão, já citado, trazendo todo o processo, seja presencial, com o desenvolvimento das oficinas, seja virtual, conhecendo como ocorreu a parte virtual.

#### ***4.1.1 As oficinas da paz como espaço de formação***

A formação voltada à promoção de uma Cultura de Paz ajudará o educador a melhor desenvolver sua prática, agregando ao seu fazer cotidiano ações e instrumentos que ultrapassem aspectos mecânicos e apenas conteudistas. Em Freire (1996, p. 14) “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”. Assim, nossa proposta de formação inclui posturas e ações que busquem criar um espaço onde as relações sejam mais harmônicas e a escuta esteja sempre presente.

Foi considerando essa perspectiva e ampliando esse campo que estruturamos as cinco oficinas da formação de educadores em Cultura de Paz. Elas proporcionaram aos educadores conhecimentos teóricos e práticos que permeiam a educação para paz. As oficinas da Paz tinham como base as orientações contidas no instrumental proposto por Guimarães (2006), estruturadas da seguinte maneira:

a) Primeiro Momento – composto pela dinâmica de integração e sensibilização.

A Integração: tem como proposta estabelecer um momento de convivência que oportunize uma comunidade de trabalho.

A sensibilização: visa ao despertar para temática a ser estudada.

b) Segundo Momento – o aprofundamento da temática a ser estudada.

Nesse momento descobriremos as nuances que envolvem o tema central.

c) Terceiro Momento - a reconstrução da prática, que possibilita o desenvolvimento do conhecimento teórico adquirido no intuito de colaborarem com mudanças efetivas.

d) Quarto Momento – Retomada da reconstrução da prática e Síntese.

Nesse momento os participantes são levados a refletir e discutir ações práticas que envolvam o tema em questão, assim como sistematizar o saber grupal acerca da temática trabalhada.

e) Quinto Momento – Avaliação e encerramento.

Aqui os participantes são convidados a expressar seus sentimentos sobre o trabalho realizado durante o encontro, seguido da avaliação do significado do aprendizado adquirido para suas vidas. Já o encerramento está também relacionado à temática do dia e, para tanto, utilizamos músicas, vídeos, círculos etc, para, de forma breve, reafirmarem compromissos e trazerem suas descobertas.

Destacamos que cada oficina compõe um módulo. O primeiro módulo compreende os aspectos conceituais da Cultura de Paz e Educação para a paz. Pontuamos ainda que, neste trabalho, não foram tratados todos os momentos das oficinas.

A **primeira oficina** está dentro desse módulo e foi realizada no dia 16 de março de 2016, tendo como um dos objetivos em destaque formar multiplicadores para atuar na promoção da paz, assim como apresentar e discutir o conceito de paz, cultura de paz e educação para a paz, oportunizando a reflexão, sistematização e socialização de práticas de educação para a paz.

Os momentos iniciais foram dedicados à apresentação do curso e da proposta de trabalho dentro da extensão, realizada pela coordenadora do projeto professora Dr<sup>a</sup> Kelma Matos que também conduziu a dinâmica de integração.

Figura 2 – Primeira oficina do curso de formação de educadores em Cultura de Paz (2016)



Fonte: Elaboração própria

Seguimos com a apresentação dos objetivos da oficina e a construção da identidade pacifista, esta que dentre outros aspectos possibilitou entendermos melhor o que nos levou a despertar por essa temática. Dentre as questões pontuadas, destacamos a violência e os conflitos presentes no cotidiano das escolas, e a luta por uma educação de qualidade. A educadora (Alegre 1) pontua a necessidade de inserção de um trabalho na perspectiva da paz na escola pública. O que foi expresso por Matos (2006) ao dizer que o trabalho com Cultura de Paz precisa ser fortalecido, enquanto uma política permanente, nas instituições em geral e particularmente nas escolas públicas.

É importante destacar que, após a apresentação do curso, os participantes foram esclarecidos sobre essa formação e que as ações fruto dela constituem a proposta de um estudo de doutorado, portanto, também sendo parte de uma investigação. Além disso, por questões éticas, se concordassem, deveriam assinar um termo de consentimento (Apêndice B) de participação no doutorado, sendo, portanto, livres para concordarem e decidirem participar do citado curso. Pontuamos que todos assinaram o termo consentindo a realização do estudo.

Prosseguindo a oficina, fizemos uma atividade que tinha como propósito saber a compreensão dos educadores sobre paz. Estes deviam expressar tal entendimento por meio de um desenho e da apresentação oral tendo como referência as imagens da sua compreensão de paz.

A seguir, apresentamos as produções dos educadores e nestas conseguimos visualizar as expressões deles sobre a concepção de paz, as quais foram melhor compreendidas quando solicitados a falarem. Foi importante assinalarmos que nem todas as produções foram disponibilizadas. Selecionamos algumas, as quais foram analisadas em

pequenos grupos de acordo com eixos de discussão, elementos específicos que os educadores apresentaram. A primeira sessão de imagens apresenta, logo abaixo, as produções que associam a paz como estado de liberdade, leveza, tranquilidade etc.

Figura 3 – Produções da primeira oficina – a (2016)



Fonte: Elaboração própria

Sobre essas produções, destacamos algumas falas dos participantes expressas no momento da apresentação das imagens:

*Amor ao próximo inclui tanto amor, como pessoa humana e, também não só o próximo humano, a natureza. (Alegre 2).*

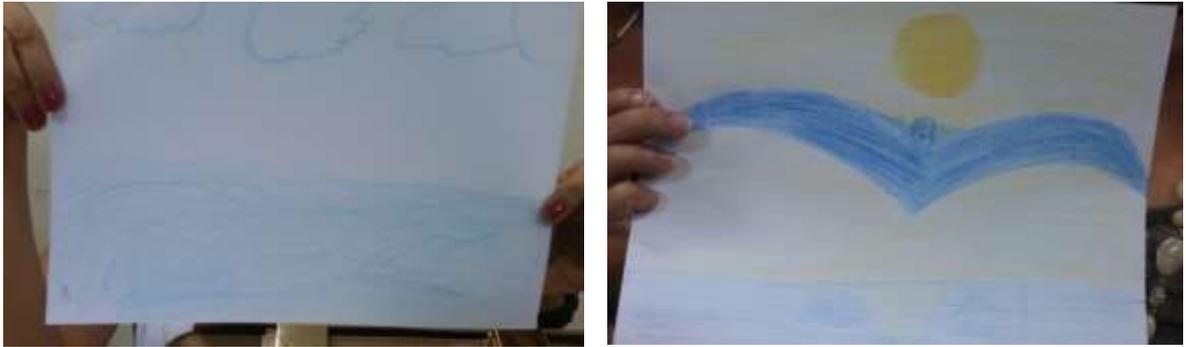
*A paz é um sentimento que só é sentida através do outro, com o outro e, para o outro. Quero dizer eu preciso do outro nas situações boas ou ruins, nas situações adversas. (Tranquilo).*

Essas imagens foram associadas à paz relacionando-a ao estado emocional: a paz como aquietamento, harmonia interior. De acordo com Weil (1993) a paz, como um estado de harmonia interior, é resultado de uma visão não fragmentada do saber. É uma tese de natureza espiritual, ligada às grandes tradições da humanidade, assim como aos recentes trabalhos da psicologia transpessoal. Ou seja, é uma ideia que já vem sendo concebida há anos e manifestada por muitos. Pudemos perceber nas exposições das imagens que muitos associam a paz a essa perspectiva, sendo a paz apenas individual.

Tal compreensão, de certa maneira, aproxima-se da que apresentamos a seguir, pois alguns educadores colocaram que o contato com a natureza trazia essa paz interior.

Portanto, os desenhos seguintes têm uma predominância das imagens representando a natureza. Alguns realmente expressam a natureza como elemento que transmite a paz; por sua vez, outros ampliam essa compreensão.

Figura 4 – Produções da primeira oficina – b (2016)



Fonte: Elaboração própria

Falas relacionadas a algumas dessas imagens:

*A paz é algo que me traz tranquilidade e contato com a natureza me faz sentir assim. (Alegre).*

*Paz é relacionar-se com o outro de maneira harmônica, é sentir-se bem, e o contato com a natureza me traz essa leveza, posso dizer paz. (Corajosa).*

Figura 5 – Produções da primeira oficina – c (2016)



Fonte: Elaboração própria

Trazendo a natureza, e também associando as interações com os outros nesse espaço, Weil (1993, p. 81) fala sobre a arte de viver em paz com os outros, expressando que “o homem em desarmonia cria uma sociedade violenta, doente e destrutiva”. Portanto, ao pensarmos em paz, não podemos pensar apenas como algo isolado e intrínseco. É preciso que existam interações, é necessário que eu seja capaz de compreender o outro, para assim criarmos a possibilidade de mudança e um ambiente favorável a vivenciar e sentirmos um estado de paz.

Figura 6 – Produções da primeira oficina – d (2016)



Fonte: Elaboração própria

Ressaltamos ainda que ter essa percepção do outro relacionando a inserção na natureza e a valorização desta no processo de conscientização nos leva a uma outra dimensão também manifestada pelos educadores. A paz social, segundo Ribeiro (2006), está associada a relações amigáveis com o ambiente. Portanto, não podemos pensar no bem social sem articularmos ações positivas a favor da conscientização ambiental e da sensibilização, seja coletiva ou individual, no sentido de possibilitarmos relações saudáveis em nível local ou global.

Prosseguindo com outro eixo, os educadores colocaram que a paz também estava associada aos valores humanos. Fortalecendo essa ideia, Ribeiro (2006, p. 63) diz que:

Valores Humanos elevados – como o altruísmo; a solidariedade; a tolerância para com a diversidade social e cultural; o sentido de justiça; a busca da paz pessoal, social e com a natureza; bem como o desejo de servir ou a busca da verdade – tendem a gerar ações com menores impactos negativos.

Com esse intento, trabalhar valores humanos implica em buscar minimizar e até mesmo anular os impactos negativos. Isso só ocorre quando o desenvolvimento de ações vislumbra a prática, a vivência desses valores nas relações. Valores para essa discussão significa, de acordo com Xus e Puig (2010, p. 40), qualidades desejáveis da conduta humana.

Quando alguém os adquire, transforma-os em norteadores que regulam o comportamento, outorgando sentido a ele. Portanto, aqueles que expressam em seu comportamento a prática desses valores contribuem para a vivência da paz.

Figura 7 – Produções da primeira oficina – e (2016)



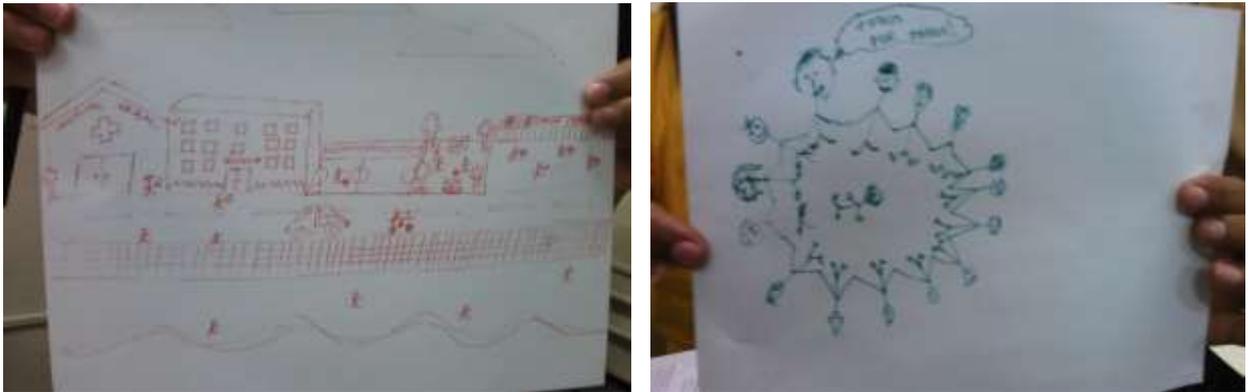
Fonte: Elaboração própria

Uma das falas que queremos registrar e que está relacionada a uma das imagens acima é:

*Paz é respeitar as diferenças, é o direito à democracia, o respeito, a igualdade de direitos, a capacidade de se colocar no lugar do outro e de aprender a conviver e respeitar a opinião do outro. (Alegre 1).*

O último eixo que queremos apresentar está relacionado com a paz que busca a justiça social, a igualdade de direitos, a democracia. Essa ideia é pontuada por Freire (2006, p. 1) quando diz que “a paz está intrinsecamente associada aos processos de transformação social pelos quais se torna possível superar a violência, instaurar a justiça, promover a igualdade e o respeito à dignidade da pessoa humana como condição para a paz.”

Figura 8 – Produções da primeira oficina – f (2016)



Fonte: Elaboração própria

Para o fechamento desse primeiro momento, queremos registrar a seguinte fala:

*A minha compreensão de paz parte de pessoas diversas, com pensamentos diferentes, ou seja, conviver com o outro aceitando a diferença, um ambiente em que se respeita o outro podendo conviver no mesmo ambiente. É pensar que essas diferenças devem impulsionar a luta por igualdade de direitos (Líder).*

Dando continuidade, estabelecemos um diálogo entre as concepções trazidas por esses sujeitos e a reflexão trazida pela música “A minha Alma” (Anexo B), pois a partir desta fizemos questionamentos que introduziram o conceito de paz, os quais discutimos no curso. Uma paz associada à justiça social que vise a melhores condições de vida a todos, assim como de convivência, sendo fortalecida com o estudo do texto “Repensando uma noção de paz”.

A partir dessas reflexões, fomos introduzindo outros conceitos que estão imbricados na proposta de trabalho, levando os educadores a entender que construir uma cultura de paz significa entendê-la, trabalhando as dimensões que envolvem a educação para a paz.

Finalizamos essa primeira oficina com os educadores socializando a vivência de alguma prática de cultura de paz.

A **segunda oficina** foi realizada no dia 20 de abril de 2016 e teve como tema central os “Valores Humanos”, tendo em vista que nos utilizamos de componentes da educação para a paz, a fim de realizar a formação e possibilitar a construção do processo de uma cultura de paz. Assim, temos segundo Jares que:

Educar para a paz é uma forma particular de educação em valores. Toda educação leva consigo, consciente e inconscientemente, a transmissão de determinado código de valores. Educar para a paz pressupõe a educação a

partir de – e para – determinados valores, como a justiça, a cooperação, a solidariedade, o compromisso, a autonomia pessoal e coletiva, o respeito, (...) (JARES, 2007, p. 45).

Portanto, trazer essa dimensão como uma oficina foi imprescindível dentro da proposta de trabalho voltada à promoção da paz. Pontuamos, assim que o objetivo desta oficina além de levar os educadores a compreenderem o que são Valores Humanos, foi também importante apresentar as possibilidades de trabalho com Valores dentro de uma ação voltada à Cultura de Paz, possibilitando os cursistas a conhecerem os programas que trabalham com Valores e suas metodologias. Para Matos e Castro (2012):

O trabalho com valores humanos na educação é relevante, pois por meio dele trazemos ensinamentos voltados para uma ação significativa para que possamos atuar positivamente diante da realidade que nos cerca. Carrega, portanto, uma proposta diferenciada por despertar na sociedade aspectos voltados para como vivemos, se nossas relações são saudáveis, se nos colocamos diante da situação vivida pelo outro independentemente de credo e etnia, e se nossas ações estão voltadas para potencializar o melhor que existe em nós. (MATOS; CASTRO, 2012, p. 58).

Somente possibilitando o conhecimento teórico e prático acerca da temática em questão é que poderemos contribuir com posteriores ações que vislumbrem a cultura de paz nos espaços educativos, onde esses educadores atuam.

Figura 9 – Segunda oficina – a (2016)



Fonte: Elaboração própria

Após a dinâmica de integração, realizamos uma explanação teórica sobre o conceito de valores humanos e sobre os principais programas que trabalham com Valores Humanos: “Vivendo Valores na Educação” (VIVE), “Cinco Minutos de Valores Humanos”, “Programa Sathya Sai de Educação em Valores Humanos” (PSSEVH).

Em relação ao conceito de Valores Humanos, pontuamos que existem diferentes formulações. Para Mello (2009), a depender da cultura ou período histórico, existe um conceito, portanto, há diferentes concepções de valores. Para ilustrar uma dessas concepções apresentamos a de Martinelli (1996) que conceitua valor humano como fundamentos moral e espiritual da consciência humana. Este conceito é reforçado por Paixão e Monteiro (2010) ao indicarem que os valores humanos são fundamentos éticos e espirituais.

Esses foram alguns dos conceitos apresentados ao grupo de educadores durante a oficina. Depois desse momento, realizamos a leitura coletiva do texto Educação em Valores Humanos (Anexo C) enfocando as principais reflexões que estes despertam, como a urgência de reflexões acerca dos valores.

No quarto momento, estive presente para apresentar o programa “Vivendo Valores na Educação” – VIVE um de seus coordenadores no Nordeste, Paulo Barros, a quem manifestamos gratidão pela parceria e contribuição. Ressaltamos que, de acordo com o TILLMAN (2004), os principais objetivos do programa, além de ajudarem os indivíduos a pensarem sobre diferentes valores, inspirar a autonomia para a responsabilidade na escolha de valores pessoais e sociais positivos, ajudam os educadores a perceberem a educação como filosofia de vida.

Figura 10 – Segunda oficina – b (2016)



Fonte: Elaboração própria

O coordenador do Programa VIVE, como mencionado, trouxe um pouco da história do citado Programa, da maneira como trabalha e, especialmente, possibilitou vivenciarmos de forma prática a proposta do Programa enriquecendo assim o citado momento. Um dos momentos vivenciais foi a visualização criativa que os educadores foram convidados a experienciar. Podemos considerar a visualização criativa um tipo de

harmonização. Para Castro, Matos e Almeida Matos (2011) as práticas de harmonização são fundamentais para a iniciação de quaisquer atividades que o Ser humano exerce. A imagem a seguir ilustra esse momento.

Foto 11 – Vivência segunda oficina (2016)



Fonte: Elaboração própria

Em seguida, formamos grupos de trabalho, nos quais distribuimos alguns contos (Anexo D) solicitando que, a partir deles fosse pensado como poderíamos desenvolver atividades, estruturando assim uma proposta prática de trabalho. Como podemos perceber, essas formações foram estruturadas articulando conhecimento teórico com o desenvolvimento de atividades práticas, que pudessem ser levadas a qualquer espaço ou grupo de trabalho.

Foto 12 – Segunda oficina – c (2016)



Fonte: Elaboração própria

Finalizamos a oficina expressando em uma palavra o que foi este momento para cada um, algumas dessas palavras foram: Interessante, Produtivo, Enriquecedor, Proveitoso, Reflexivo e Valoroso.

Por fim, pontuamos que a discussão e o trabalho com valores humanos são importantíssimos, pois estão presentes no nosso cotidiano. Levar esse tema às escolas é possibilitar ações que conduzam os alunos a vivenciarem valores e superar situações negativas. Assim, a oficina buscou apresentar uma metodologia possível de ser utilizada como recurso pedagógico nos espaços educativos.

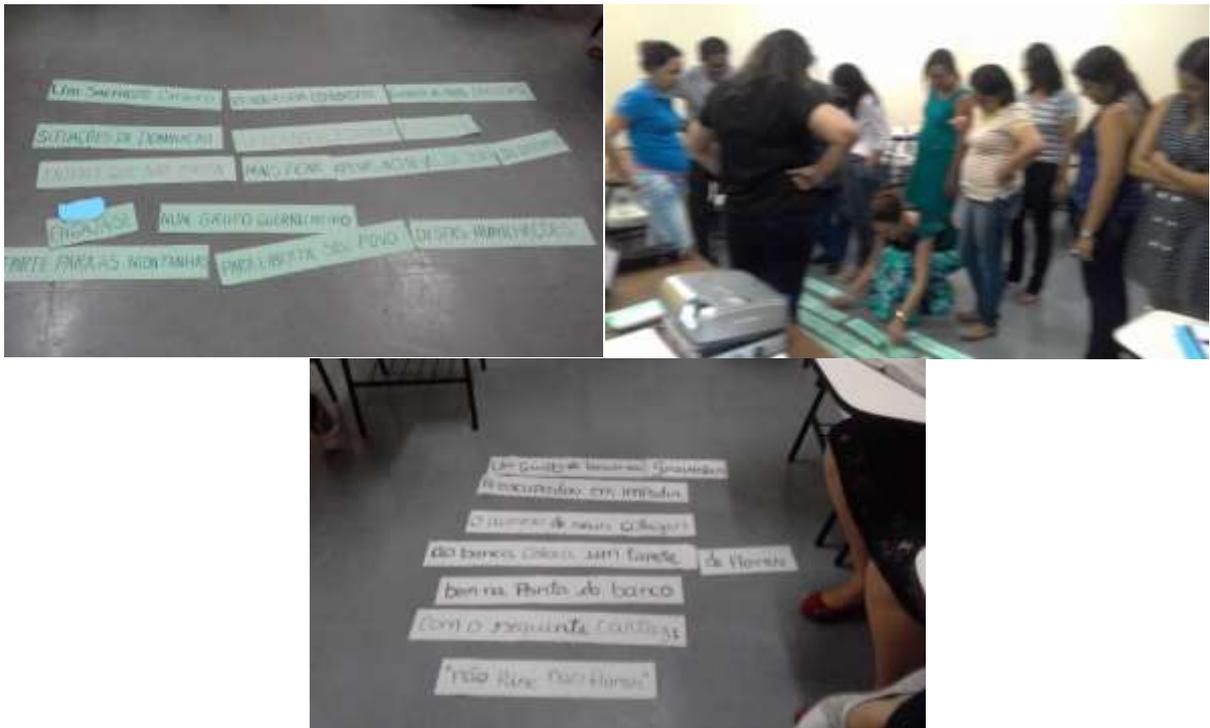
**A terceira oficina**, realizada no dia 19 de maio de 2016, teve como objetivo oportunizar a apropriação do referencial teórico e prático da não-violência e do conflito, possibilitando uma nova visão a respeito do conflito presente na vida humana, assim como conhecer algumas estratégias não-violentas de resolução de conflitos.

Mas, afinal, o que é conflito? Levando em conta a concepção tradicional, para Jares (2002) o conflito é considerado negativo em diversas acepções, que podem ser: conflito como sinônimo de desgraça, de má-sorte; como algo patológico ou aberrante; como disfunção, etc. O autor ainda destaca que essa concepção negativa está associada à violência. Já no material disponibilizado pelo MEC, o conflito é parte da condição humana: não é sempre bom ou sempre ruim, mas todo conflito traz consigo a possibilidade de mudança e transformação; não importa que seja para duas pessoas, uma comunidade ou vários países. Essa concepção aproxima-se do conceito com uma leitura positiva, este apresentado por Jares (2007) como dimensão natural e intrínseca à vida.

Nesse processo, o diferencial vai ser como ocorre o enfrentamento do conflito, surgindo assim dentro do processo a não-violência, uma das formas de enfrentá-lo. Para Jares (2007), a postura a ser adotada ante um conflito não é ignorá-lo ou ocultá-lo, o que a longo prazo promove sua cristalização e dificulta sua resolução, mas confrontá-lo de forma positiva e não-violenta. Partindo dessa compreensão demos início ao desenvolvimento da oficina.

Iniciamos com a identificação de ações violentas ou não-violentas, dividimos a turma em dois grupos, cada um deveria formar a frase e identificar a que ação se relacionava, ou seja, era violenta ou não-violenta. Nas imagens a seguir, temos o grupo tentando dar sentido às frases e estas já formuladas.

Foto 13 – Terceira oficina (2016)



Fonte: Elaboração própria

A primeira frase apresenta um enfrentamento não positivo, já a segunda mostra uma atitude não-violenta.

Outro momento que queremos destacar é a discussão do texto “Instrumentalizando a resolução não-violenta de conflito” que apresenta o conflito numa perspectiva positiva e destaca as duas formas básicas de resolução não-violenta: a negociação e a mediação. Para essa discussão, além da divisão dos grupos, utilizamo-nos de uma metodologia que possibilita a participação de todos de modo respeitoso, pois todos são convidados a trazer seus comentários à medida que o canudo chega em suas mãos, sendo os demais convidados convocados a desenvolver uma escuta ativa quando esse canudo não estiver em seu poder. Após a discussão em grupos distintos, elegeu-se um de cada para trazer as considerações para o grupo geral.

Foto 14 – Estudo do texto - terceira oficina (2016)



Fonte: Elaboração própria

No sentido de possibilitar uma maior reflexão, utilizamos o vídeo “A ponte” e o texto “Dois monstros” (Anexo E) relacionando-os para oportunizarmos a compreensão da estrutura do conflito. Importante dizer que o diálogo foi algo presente em toda a construção e desenvolvimento da oficina.

Ensinar-educar dialogicamente exige o saber escutar, pois é escutando que aprendemos a falar com [...], numa posição dialógica, que considera o outro também como sujeito de saber. Especialmente, exige disponibilidade para o diálogo no respeito à diferença e na coerência entre o que se diz e se faz (FIGUEIREDO, 2007, p. 89).

Portanto, em todo o processo formativo, prezamos pelo diálogo, este que exigiu a escuta ativa dos educadores participantes, enriquecendo assim o que nos propomos.

No penúltimo momento, propomos um trabalho em equipe que envolvia a elaboração de uma ação pedagógica tendo como referência alguns textos disponibilizados, envolvendo Jogos de papéis que, segundo Jares (2002, p. 226), “trata-se de uma técnica muito interessante para viver experimentalmente uma situação conflituosa, de tal forma que sua aplicação possibilite tanto a própria vivência e dinâmica do conflito como facilite possíveis opções de resolução”. Sobre textos literários, utilizamos, para essa possibilidade didática, o texto “Chapeuzinho vermelho”, narrado pelo lobo (Anexo F). Para Jares (2002, 234.) os textos literários são “uma prática habitual em nosso trabalho sobre resolução de conflitos e são utilizados em especial quando é preciso marcar certa distância emocional com o conflito ou problemática a estudar. Portanto, são recursos muito bons, pois possibilitam um envolvimento dos participantes de maneira prática e, em especial, por ser viável de aplicar também com os alunos. Esse momento foi finalizado com um vídeo, “O abraço”, mostrando a sua importância para acalmar emoções.

A **quarta oficina**, realizada no dia 01 de junho de 2017, teve como temática em destaque “Direitos Humanos e Cultura de Paz”, tendo como objetivo apresentar a relação existente entre esses conceitos.

Para pensarmos essa relação, é importante compreendermos três pontos essenciais que compõem a educação em Direitos Humanos, os quais são pontuados por Benevides (2000, p. 01) “primeiro, é uma educação de natureza permanente, continuada e global; segundo, é uma educação necessariamente voltada para a mudança; e terceiro, é uma inculcação de valores, para atingir corações e mentes e não apenas instrução, meramente transmissora de conhecimentos”. Tal concepção vai ao encontro com a proposta da Cultura de Paz, abordando a proposta de mudança e o trabalho com valores.

Herkenhof (2011) sugere que os Direitos Humanos constituem um projeto histórico a ser realizado por meio da luta. No entanto, não entendamos essa luta no sentido de guerra e sim de ações concretas no sentido de garantir direitos fundamentais a todos. Para Jares (2007), a necessidade de educar pela ação e para a ação liga-se aos direitos humanos. Ainda segundo este autor, a educação para os direitos humanos, como parte da educação para a paz, é uma educação pela e para a ação. Portanto, essa educação só existirá se formos além da teoria e efetivarmos ações práticas.

Nesse sentido, destacamos que essas experiências fortalecem a criação dessas ações nos diversos espaços, em especial na escola como veremos mais a frente.

Foto 15 – Momento inicial quarta oficina (2016)



Fonte: Elaboração própria

As imagens acima estão relacionadas ao momento inicial da oficina. Após a dinâmica de integração, tivemos um momento de sensibilização para desenvolvimento da temática com o título: “Jornalista por 10 minutos”, tendo como um dos principais objetivos saber as concepções dos educadores sobre os direitos humanos, e como esses direitos ou sua

violação são percebidos em seu cotidiano. A pergunta inicial que compõe o roteiro (Anexo G) desse momento foi “O que são Direitos Humanos para você?”, dentre as respostas tivemos:

*São direitos que envolvem cidadania, saúde, transporte, educação e a convivência na sociedade. (Solidária)*

*São os direitos que todas as pessoas devem ter para que a sociedade possa caminhar em harmonia. (Tranquilo)*

*É a capacidade de viver em sociedade com harmonia. Direitos Humanos pra (sic) mim está diretamente ligado a Respeito” (Pacificadora).*

Essa concepção aproxima-se do que nos apresenta Benevides (2000, p. 01) “a educação em Direitos Humanos é essencialmente a formação de uma cultura de respeito à dignidade humana por meio da promoção e da vivência dos valores da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz.

As definições acima dialogam com que assinala Jares (2008) ao dizer que os Direitos Humanos significam o pacto mais sólido para uma convivência democrática, além de representar o consenso mais abrangente jamais conseguido na história da humanidade sobre valores, direitos e deveres para viver em comunidade. Ou seja, a garantia desses direitos busca promover uma convivência harmônica da sociedade. Construir essa convivência abrange os diferentes âmbitos. As definições abaixo complementam as anteriores.

*São direitos concedidos a todos os seres humanos na promoção da justiça e da igualdade. (Alegria 1)*

*São direitos que são atribuídos a qualquer pessoa, independentemente de sua situação étnica, financeira, social ou religiosa e que assegurem princípios ligados à vida, ao bem-estar, à saúde (Líder).*

Para Benevides (2000, p. 03) são direitos considerados fundamentais a todos os seres humanos, sem quaisquer distinções de sexo, nacionalidade, etnia, cor da pele, faixa etária, classe social, religião, nível de instrução e julgamento moral.

Após essa sensibilização, possibilitamos também aos participantes conhecerem um pouco sobre a história dos direitos humanos por meio da exposição do vídeo “A história dos direitos humanos”, que faz uma retrospectiva histórica acerca dessa temática.

Para aprofundarmos a discussão sobre a relação com a Cultura de Paz, fizemos o estudo e explanação dialogada do texto “Direitos Humanos”. A partir deste identificamos, ampliamos e discutimos o conceito de direitos humanos como direito fundamental e ligado à qualidade de vida, além de debatermos sobre esse direito como conquista e a relação com a paz.

Os momentos seguintes estavam associados à identificação de casos de violação aos direitos humanos, como estes estão presentes no cotidiano e como podemos pensar em ações que possam superar as problemáticas identificadas, em especial, realizando ações no espaço escolar.

**A quinta e última oficina** foi realizada no dia 08 de junho. O objetivo era levar os educadores a compreenderem os aspectos metodológicos que fundamentam o trabalho na perspectiva da paz, assim como retomar a reflexão sobre a importância e necessidade de desenvolver ações a favor da paz.

Iniciamos com uma visualização, seguindo com a descrição de uma experiência significativa a favor da paz englobando a cidade, o país e o mundo.

Foto 16 – Quinta oficina – a (2016)



Fonte: Elaboração própria

Seguimos com a explanação de como seria estruturado o plano de ação, quais componentes deveriam estar presentes. Agregamos a esse momento a sistematização de algumas dinâmicas de planejamento e intervenção. Daí, pensamos que os participantes pudessem vivenciar uma das ferramentas possíveis de comporem o início de um trabalho voltado à construção de uma cultura de paz. Para desenvolver esse momento, tivemos a presença de Catarina Matos que há algum tempo vem realizando trabalhos com essa proposta metodológica, conhecida como “História de Vida”. Registramos aqui nosso agradecimento pela parceria.

Foi um momento rico e descontraído. Identificamos ainda que este poderia ter ocorrido na primeira oficina.

Foto 17 – Quinta oficina – b (2016)



Fonte: Elaboração própria

Por fim, os grupos expressaram por meio do desenho o que ficou como compreensão de Cultura de Paz, quais seus sentimentos, descobertas e percepções acerca da temática e do processo formativo.

Figura 18 – Produção na quinta oficina (2016)



Fonte: Elaboração própria

A imagem com o arco-íris trata sobre a Cultura de Paz que considera a convivência pacífica, na qual todos são respeitados e tem direitos iguais. O livro trata do processo de construção em que todos devem contribuir para esse processo e em que o diálogo

é fundamental nas relações humanas e, por fim, a lâmpada relaciona o despertar para esse trabalho a favor da construção de uma cultura de paz. Importante destacar que aos finais de cada oficina realizamos uma breve avaliação da formação, por meio da qual buscamos fazer com que os educadores pontuassem alguns aspectos, como as aprendizagens que ficaram.

A seguir, serão tecidas informações sobre a parte formativa que utilizamos tendo a educação a distância como ferramenta, mas não nos limitamos apenas à formação. Assim, discutiremos um pouco sobre essa modalidade de ensino que tem contribuído e facilitado o acesso à educação para muitos.

#### *4.1.1.1 Contribuições da educação a distância para a formação em Cultura de Paz*

Iniciamos esse item trazendo um pouco da história da educação a distância para assim termos uma compreensão melhor das suas contribuições no processo formativo.

A proposta de educação a distância, ao contrário do que muitos pensam, não é recente. Ela vem sendo realizada já faz algum tempo, sendo o diferencial apenas a maneira como é efetivada e os meios utilizados para tal fim.

Maia e Vidal (2010) apontam que as primeiras iniciativas em âmbito mundial que se tem notícia com a proposta de ensino a distância datam do ano de 1856, as quais passam a existir institucionalmente. Gouvêa e Oliveira (2006) pontuam que ocorre a proposta ensino a distância, com a criação do curso de idiomas para o ensino em francês, realizado por meio do uso de correspondências.

No que se refere especificamente à formação de professores, as primeiras turmas datam, segundo Maia e Vidal (2010), do ano de 1892, e eram voltadas para a formação docente em escolas paroquiais, utilizando como meio para difusão a correspondência e o material impresso.

No Brasil não foi diferente dos outros países, as primeiras iniciativas também ocorreram por meio de cursos por correspondência. Mundim (2006) diz que na década de 1940 foram ofertados cursos utilizando esse meio por algumas instituições, dentre elas o Instituto Universal Brasileiro e Monitor. É importante destacar que ao longo dos anos essa modalidade de ensino vem sofrendo avanços e modificações utilizando-se a cada período de meios diferenciados para promover as interações. No nosso país, tivemos quatro gerações de formação a distância, cada uma delas apresentando características específica. Para Castro (2015) essa metodologia de ensino vem evoluindo, agregando novas experiências e contribuindo com a expansão da educação no Brasil.

Para o prosseguimento do trabalho, é necessário também conhecer as definições de EaD. Dentre elas trazemos a apresentada pelo decreto 5.622 de 19/12/2005:

Art.1º - caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre a utilização de meios e tecnologias da informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005, p. 1).

É uma modalidade que possibilita o ensino-aprendizagem, a formação, utilizando-se das tecnologias – nos dias atuais, as tecnologias digitais, impactando no desenvolvimento de novas práticas. Tal concepção vai ao encontro a de Aretio (2001, p. 30) ao afirmar que Educação a Distância:

[...] é um sistema tecnológico de comunicação de massa e bidirecional, que substitui a interação pessoal, em aula, de professor e aluno, como meio preferencial de ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e o apoio de uma organização tutorial, que propiciam a aprendizagem autônoma dos estudantes.

Portanto, esse conceito associa-se ao uso das tecnologias. Destacamos que existem ainda muitas outras definições para essa modalidade de ensino, fazendo-se necessário apresentar aqui mais uma.

“Educação a distância é uma relação de diálogo, estrutura e autonomia que requer o uso de meios técnicos entre formadores de docentes para mediatizar essa comunicação [...] contribuindo, desse modo, para a aprendizagem, dos mesmos”. (MOORE, 1990 *apud* BELLONI, 2006, p. 26). É a partir dessa perspectiva que desenvolvemos nossa proposta de trabalho, utilizando-nos dessa modalidade para estabelecer um diálogo com os educadores participantes do curso, já referido, no sentido de ampliarmos as discussões incitadas inicialmente nos encontros presenciais, que visam a possibilitar aprendizagens sobre conceitos, experiências, dentre outros aspectos que compõem a educação para a paz. Além disso, é importante ressaltar, como mencionam Moreira, Arnold e Assumpção (2006), que essa modalidade de ensino é, antes de tudo, um processo de formação humana, que envolve a preparação para o exercício da cidadania, para resultar no atendimento aos direitos civis e no desenvolvimento de atitudes e comportamentos compatíveis com a cultura da educação para a paz.

Ressaltamos que tal iniciativa faz parte de um conjunto de ações pertencentes a um projeto de extensão. É importante ainda saber que os primeiros cursos de extensão a utilizarem dessa modalidade de ensino, de acordo com Gouvêa e Oliveira (2006), foram

criados no ano de 1980 pela Universidade de Brasília, sendo, portanto, a pioneira a se vincular a essa modalidade.

Ao longo dos anos de 1980 muitas outras experiências formativas foram realizadas, a partir de projetos de extensão foram expandindo-se por todo o Brasil. Nos últimos anos, temos constatado a presença dessa modalidade mais fortemente, dentre essas experiências podemos destacar a iniciativa do Estado do Ceará que, por meio do Centro de Educação a Distância – CED, vem possibilitando cursos destinados à formação continuada de educadores.

Ressaltamos que o curso proposto também esteve voltado para a formação continuada dos educadores. Uma formação que visa a capacitá-los em Cultura de Paz, viabilizando aprendizagens teóricas e práticas, as quais contribuirão para inserirem em suas práticas ações que visem a relações harmônicas, posicionamentos críticos, dentre outros aspectos ligados à vivência de uma cultura de paz.

Com esse intento, optamos por agregar a essa experiência duas modalidades de ensino, a presencial e a distância, pois, diante da dinâmica atual em que vivem muitos educadores, seria um equívoco promovê-la somente com encontros presenciais. Assim, encontramos na Educação a Distância - EaD possibilidade de desenvolver, compartilhar com qualidade os aspectos e componentes que compõem a proposta do curso a ser realizado.

A educação a distância apresenta-se como uma alternativa educacional importante, uma vez que permite ao professor receber sua formação sem se ausentar de suas atividades e aplicar novos conceitos e estratégias ao seu cotidiano. Permite, também, que um trabalho pedagógico de qualidade possa ser levado, equitativamente, a todo o país. (NEVES; MEDEIROS, 2006, p. 42)

Ressaltamos que a ideia é utilizar essa modalidade como complemento às práticas presenciais, na nossa proposta de trabalho. Temos como propósito, sobretudo, formar agentes que contribuam significativamente nos processos e implementações de iniciativas a favor da paz. Assim, compartilhamos a ideia de que é possível e viável utilizar a internet e as diversas linguagens possíveis no ciberespaço para comunicar ideias e divulgar ações promotoras de paz, com fins de evitar e/ou superar ações violentas. (SILVA, 2011, p. 264).

É preciso que se inicie a ruptura de ações que estimulam a violência, em oposição ao que a mídia vem fazendo com frequência, de certa maneira, naturalizando as diversas faces da violência, na medida em que a difunde de forma exacerbada. Portanto, é importante atentar-se ao que é proposto por Silva (2011) quando nos desperta para que esta prática seja revertida em ações que ensejem atitudes de preservação da vida. Assim:

Faz-se necessário lançar mão de todos os meios de divulgação e articulação local e global, pois é urgente a consciência planetária. Nesse sentido, os recursos tecnológicos e a internet exercem função importante, pois favorecem a divulgação, a comunicação, a interação e a colaboração online, que podem converter-se em ações práticas por meio da articulação entre as pessoas que acessam a rede (SILVA, 2011, p. 272).

Ou seja, é urgente que se utilize as novas tecnologias e os diferentes meios de comunicação a favor da paz, para isso propomos a divulgação das experiências positivas, e que se desenvolvam ações que possam utilizar a educação a distância nesse processo, daí nossa iniciativa. A educação para a paz, a partir das novas tecnologias, abre-se como mais uma possibilidade, uma bela possibilidade, de “agir em vista ao estabelecimento da paz” (GUIMARÃES, 2009, p. 186). Portanto, a educação a distância é fundamental quando novas tecnologias são utilizadas para a viabilização do conhecimento e da discussão sobre como os conceitos contribuem para a promoção da educação a distância, com fins de paz.

Reforçando essa ideia: afirmamos mais uma vez, acreditamos nessa abordagem como suporte ao desenvolvimento da formação de educadoras e educadores, por meio de reflexões e ações que se desdobrem em práticas a favor de uma cultura de paz. Consideramos que todos os módulos foram contemplados por momentos presenciais via oficinas, somadas à interação pelo ambiente virtual e *facebook*. Pontuamos ainda que serão apresentados apenas algumas das atividades propostas, possibilitando assim o conhecimento do que esteve contemplado em todos os módulos desenvolvidos no ambiente virtual.

O módulo 1 tinha como proposta discutir conceitos centrais da Cultura de Paz e educação para a paz. No ambiente virtual de aprendizagem iniciamos com um fórum que tinha como proposta a construção de um glossário, com a seguinte pergunta norteadora: o que eles compreendiam por Cultura de Paz? A ideia era conhecer essa compreensão e ampliar a discussão já iniciada na oficina. Apresentamos, a seguir, alguns dos conceitos formulados pelos educadores.

Para a educadora Corajosa,

*a cultura de paz está relacionada à capacidade da resolução de conflitos através do diálogo, igualdade e da justiça social. (Corajosa)*

*Cultura de paz é agir pacificamente, respeitando as posições contrárias, compreendendo o ponto de vista do outro e buscando um consenso nas tomadas de decisões através do diálogo. (Pacificadora)*

*Cultura de paz é aprender a conviver com as diferenças de maneira harmoniosa, respeitando o próximo e resolvendo os conflitos de maneira respeitosa. (Alegre 1)*

Para a educadora Dinâmica, Cultura de Paz compreende:

*hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano para ser aplicado a um determinado grupo um estado de tranquilidade e de equilíbrio evitando assim o clima de guerra.*

A conceituação dessas quatro educadoras associa-se à capacidade de resolver os conflitos de maneira que envolve e enfatiza o diálogo como um dos principais instrumentos dentro desse processo. Para Matos (2006) a Cultura de Paz não significa ausência de conflitos, e sim, a busca por solucioná-los por meio do diálogo, do entendimento e do respeito às diferenças.

Percebemos que os sujeitos envolvidos na formação já passam a expressar sua compreensão acerca da temática de uma maneira diferenciada do que foi apresentado anteriormente no primeiro encontro presencial. Essa dinâmica de ampliar os encontros presenciais com os momentos virtuais possibilita constatar que as aprendizagens passam a ser consolidadas e que os educadores envolvidos nesse processo formativo dão um novo sentido, queremos dizer, passam a ressignificar os conceitos trazidos.

*Compreendo a Cultura de Paz como uma forma de viver, uma forma de ver o mundo, uma concepção de vida, conseqüentemente, de Homem. Considero que para que se estabeleça uma cultura de paz, é preciso pensar, sentir, vivenciar, cultivar a paz no ambiente em que vivemos, mas, para isso, é preciso que ela seja nutrida dentro de mim. Entendo a cultura de paz como um instrumento, uma ferramenta e, ao mesmo tempo, uma prática, uma ação que parte de nós para alcançar o outro. Assim, para que eu me sinta em paz, necessito que o outro também esteja em paz, por isso eu preciso incentivar e colaborar para um ambiente pacífico. Como já nos foi esclarecido, tal ambiente não significa ausência de conflito, mas a resolução dos conflitos por meio da mediação. Desse modo, para que eu seja um sujeito que promove a paz, preciso estar preparado para saber mediar, intervir, favorecendo a superação dos problemas e buscando acordos. (Paciente).*

Por sua vez, Paciente, além de tratar do conflito, envolve outras dimensões como a paz interior, as relações com os outros e também com o ambiente. O que vai ao encontro com Figueiredo (2015, p. 212) “a paz é um posicionamento crítico frente à realidade; a amorosidade entre aos seres humanos; a possibilidade de aceitar, respeitar e conviver com a diversidade; uma base para a justiça social, a valorização da vida humana e o cuidado com a natureza.

*Cultura de Paz é um movimento que almeja o equilíbrio do homem em suas relações sociais e ambientais. Esse movimento deve abranger todas as instituições de uma sociedade e ainda ter como bandeiras os valores como: PAZ, AMOR, RESPEITO, SOLIDARIEDADE, AMIZADE,*

*RESPONSABILIDADE, LIBERDADE, TOLERÂNCIA, SIMPLICIDADE, HONESTIDADE e HUMILDADE. Exercitar a Cultura de Paz é um ganho social, visto que os frutos gerados por tal prática são elementos de resolução de conflitos, pacificadores ou mediadores. O homem que convive com esta prática, torna-se mais tolerante, pacífico e consciente. (Líder).*

Líder destaca as relações com o outro, o ambiente, enfatizando os valores, os quais podemos denominar de valores humanos. “Paz, ética e valores se retroalimentam, criam uma rede de sustentação para o projeto de vida que concebemos individual e coletivamente” (DISKIN, 2008, p.54).

Dando sequência às atividades, disponibilizamos e propomos a leitura do texto “Por uma cultura de Paz”, possibilitando assim uma melhor compreensão dos conceitos centrais discutidos no módulo 1. Nesse texto, a autora faz uma síntese do percurso da concepção de paz, destacando dentre os diversos aspectos como esta vem sendo compreendida nos dias atuais.

Para que os educadores conhecessem algumas das ferramentas possíveis de se trabalhar para uma cultura de paz, iniciamos mais um fórum que visava a incitar a discussão sobre os pacifistas. As perguntas norteadoras do fórum foram: O que é ser um pacifista? O que ele faz? Qual a importância dos pacifistas para o mundo? Para que os participantes conhecessem alguns dos pacifistas, disponibilizamos um vídeo e pedimos para que discutissem sobre as contribuições destes como construtores de paz. A seguir, apresentamos as respostas de alguns educadores:

Para a educadora Líder ser pacifista é:

*tentar promover a Paz em qualquer esfera social, independentemente onde você esteja. Seja na sua casa mediando um conflito ou comandando um país, o pacificador terá a mesma postura: ser um conciliador. Para ser um pacifista, antes de tudo, deve reconhecer a pluralidade da sociedade, que visões diferentes são importantes para que o processo de diálogo seja democrático, mas sem esquecer que o diálogo é o ponto alto dessa tarefa. Os pacifistas são a consciência do mundo, são eles que nos lembram que a justiça deve ser para todos, que as guerras e conflitos não devem separar os irmãos, que o diálogo vale a pena e que a tolerância é o melhor caminho.*

Já a educadora Paciência expressa:

*Ser pacifista é ser alguém que vive em função de ensinar às pessoas a importância da paz. É uma pessoa que dedica sua vida a contribuir para um mundo melhor, como mediador de grandes conflitos, por isso é uma pessoa que transmite paz em busca de paz e pela paz. Nesse sentido, mesmo que o pacifista não alcance, de imediato ou definitivamente a paz, ele contribui para uma cultura de paz, ele contribui para o diálogo e, conseqüentemente, para a reflexão em torno do conflito.*

O posicionamento das educadoras Líder e Paciência se aproximam quando destacam aspectos como mediação de conflitos e diálogo, fazendo parte do universo de um pacificador. Pontuamos que essas práticas fazem parte do fazer de grandes líderes mundiais como Gandhi e Martin Luther King, os quais se destacaram pela capacidade de terem uma atuação utilizando-se da não-violência. Para Diskin (2008, p. 36) “a não-violência é uma linguagem, uma modalidade de ser e de estar no mundo que se aprende com a prática”.

Já a educadora Alegria 1 faz uma importante reflexão sobre o cenário atual que vivemos agregando a discussão à atuação de um pacifista. Importante sabermos que esses que podemos chamar “líderes mundiais” têm atuação em diferentes segmentos como expressa Diskin (2008) realizando ações construtivas na esfera econômica, social, política, cultural e religiosa, e relacionando-as aos princípios mais elevados do amor e da justiça.

*Vivemos em uma guerra civil mascarada, um cenário político que ultrapassa o senso de responsabilidade que deveria ter um representante do povo. A escola deve ser um espaço de discussão de valores, em que os pacifistas devem ser citados e estudados, para que os alunos conheçam a possibilidade de uma vida em prol do bem comum da nação, a luta por direitos, a igualdade entre seres humanos. Ser pacifista é buscar justiça através do respeito entre os seres, a natureza, o meio ambiente. Através dos pacifistas podemos perceber que é possível um mundo equilibrado, com os direitos humanos assegurados (Alegre 1).*

É importante trabalhar essa dimensão, mostrando pessoas que têm contribuído com o enfrentamento da violência. “A cultura de paz começa quando se cultivam a memória e o exemplo de figuras que representam o cuidado e a vivência da dimensão de generosidade que nos habita, como Gandhi, Dalai Lama, Irmã Dulce e outros” (BOFF, 2006, p.26).

Enriquecendo esse fórum, dentre outras propostas, utilizamos o portfólio para que os educadores criativamente elaborassem um texto que retratasse um pacifista e sua ação realizada a favor da paz. Finalizamos o primeiro módulo com um poema produzido por um dos educadores, que faz de maneira poética a apresentação de um dos grandes pacifistas da história.

*Homem simples e franzino  
Forte e Robusto em seus ideais  
Gandhi promoveu a paz  
Sua primeira atitude  
Foi tentar unir Hindus e Mulçumanos  
Como irmãos em unidade*

*Lutou por igualdade e liberdade*  
*Para seu país sofrido e dilacerado*  
*Querendo melhorias para o povo abandonado*  
*Disse não a violência*  
*Lutou com as armas da Paz*  
*Fez protestos e passeatas sempre pautados na paz*  
*Exemplo a ser seguido*  
*Pelo mundo de hoje em dia*  
*Necessitado de luz e um guia*  
*Gandhi libertou seu país*  
*Tendo sempre como escudo*  
*O diálogo e a paz fortes em seus ideais.*

(Paciente)

Apresentamos agora o segundo módulo, o qual teve como objetivo falar sobre a importância do trabalho com valores humanos na construção de uma cultura de paz. Agregamos aqui a discussão sobre valores e afetividade, pois percebemos esses temas como importantes na constituição de espaços e convivência positiva. Para Brandão (2005), devemos agregar alguns valores – princípios de uma educação integrada visando à instauração de uma cultura de paz. Um desses trata da questão da convivência:

Convivemos porque confiamos no outro, confiamos porque o sentimento da essência do ser e do viver humano é o amor. É tempo de a educação redescobrir emoção como o ingrediente humano fundador da própria racionalidade, descobrindo no mesmo movimento o amor e a confiança como pressupostos de toda a pedagogia solidariamente emancipatória. (BRANDÃO, 2005, p. 149).

Assim, partindo dessa percepção, pontuamos as questões que abrem este módulo: Quais valores queremos vivenciar? Que valores queremos deixar para as próximas gerações? Ressaltamos a urgência de refletirmos sobre essas questões.

Deste módulo, dentre as muitas ferramentas de trabalho utilizadas para discussão dessa dimensão como fóruns e portfólios, gostaríamos de apresentar um fórum dedicado à discussão sobre valores, projetos de vida e convivência no âmbito escolar. Destacamos ainda que utilizamos músicas, vídeos, textos para envolvimento sobre a temática em questão. A seguir trazemos alguns diálogos, frutos do fórum em destaque.

A educadora Pacificadora expressa:

*Precisamos refletir sobre a importância da construção de espaços de convivência e a formação em valores humanos. A escola pode fomentar discussões éticas a partir de situações reais e práticas dos educandos vivenciadas no cotidiano escolar. Essas discussões não podem se tornar meros discursos morais que não produzem mudanças atitudinais, mas promover reflexões que os leve a pensar sobre a implicação de nossas ações e decisões no bem-estar de todos.*

Nesse sentido, para que essas discussões e práticas sejam vivenciadas, é necessário pensarmos a escola como nos propõe Freire (1996), como uma instituição que precisa enfrentar e vencer novos desafios, sendo, portanto, imprescindível desenvolver uma prática pedagógica que vai além das transmissões de conhecimentos sistematizados. Assim, pensando no projeto que visa à promoção da paz, “[...] a educação para a paz começa construindo relações harmônicas entre os membros da comunidade educativa” (GUIMARÃES, 2004, p. 17).

Nesse mesmo sentido, a educadora Paciência pontua:

*Devemos ter vários momentos de socialização, de integração, de harmonização, que levem tanto alunos como professores a refletir sobre a convivência harmoniosa e pacífica das pessoas. É fundamental que se pense nos valores humanos sempre... A todo momento, os valores humanos devem perpassar o conhecimento científico e nossas práticas sociais.*

Para Castro e Matos (2015, p. 54) “precisamos de uma educação em valores humanos para termos uma sociedade mais justa, solidária, gentil, compreensiva e saudável”. Portanto, a educação em valores humanos deve ser inserida nas escolas por meio de propostas e sobretudo ações concretas.

Por sua vez, Solidária destaca:

*A vida é um bem imensurável, a valorização da vida deve ser provocada, despertada e conduzida por nossas ações e atitudes com todos os seres vivos do nosso planeta. Nosso bem-estar não pode se contrapor ao bem-estar do nosso próximo. Devemos nos incomodar e tentar a cada dia ser melhor. Nosso projeto de vida deve levar em consideração o outro e nosso meio, nossas expectativas devem articular valores essenciais de promoção humana. Em relação ao âmbito escolar devemos crer que o nosso projeto escolar desperte em nossos alunos valores vivenciados ou não numa perspectiva de mudança, de melhorar o mundo para eles, para sua família e nossa comunidade.*

Os diálogos descritos convergem para a importância da convivência, da vivência de valores no espaço escolar, que, segundo Jares:

Toda relação humana implica determinado modelo de convivência que pressupõe determinados valores, formas de organização, sistemas de relação, normas para enfrentar conflitos, formas linguísticas, modos de expressar os sentimentos, expectativas sociais e educativas, maneiras de exercer o cuidado etc. (JARES, 2008, p. 15).

É necessário criarmos esses espaços de convivência, os quais devem possibilitar um clima saudável e democrático. Ressaltamos que, nesse processo, devemos considerar todas as aprendizagens e relações estabelecidas de modo que possam contribuir para enriquecer as relações.

O módulo 3 tem como proposta levar os educadores a conhecer e discutir a temática resolução não-violenta de conflitos, lembramos que essas temáticas todas compõem a proposta de uma educação para a paz que visa à promoção de uma Cultura de Paz. Apresentaremos aqui dois fóruns relativos a esses conceitos. O primeiro tinha como proposta discutir sobre o conflito e a possibilidade de uma ação positiva: a mediação. Vejamos algumas das considerações dos educadores acerca da mediação de conflitos.

A educadora Corajosa expressa:

*Ao pertencermos a vários grupos sociais, obviamente os conflitos ocorrem corriqueiramente. As reações são diversas, dependendo do grau de maturidade de cada indivíduo envolvido nesses desentendimentos. Quando não existe a possibilidade de um diálogo ou acordo entre as partes é crucial a intervenção de um mediador na busca de uma resolução desses confrontos. No cotidiano escolar essa mediação ocorre sistematicamente, pois os indivíduos não conseguem conceber a resolução desses conflitos a partir do diálogo. Acredito que o mediador deve ser um profissional preparado para realizar essas intervenções.*

Já Alegre 1 nos coloca:

*A mediação é um processo complexo que envolve muitas peculiaridades. Se há neutralidade ou não é uma tarefa difícil de se analisar, pois, quando lidamos com seres humanos o lado afetivo e emocional sempre pode vir à tona, entretanto, o mediador tem toda uma preparação para levar os envolvidos no processo a pensar sobre a situação para possíveis acordos e mudanças de posturas. A mediação pode resolver situações que podem se agravar senão forem discutidas e refletidas pelos envolvidos no processo.*

O que as educadoras Corajosa e Alegre 1 destacam relaciona-se com o que Diskin (2008) diz:

o processo de mediação assume muitas formas, já que pode ser aplicado às mais variadas situações, mas tipicamente o mediador tem um encontro em separado com cada uma das partes, identificando-se com e inteirando-se de

cada um dos lados da disputa. Depois, ele facilita o encontro entre as partes, assumindo um papel neutro. As partes poderão chegar ou não a um acordo, e o processo poderá se estender por muitos encontros. (DISKIN, 2008, p. 76).

Essa concepção nos mostra que a mediação é uma das maneiras de enfrentar os conflitos que permeiam diversas situações. Que o mediador tem um importante papel a desempenhar nesse processo e que o diálogo proposto por este é fundamental para resolução de qualquer impasse. Ressaltamos assim a relevância do diálogo, o qual entendemos a partir de Freire (2004) ou seja, um diálogo que se rege pelo respeito ao diferente e a crença na horizontalidade das relações.

Por fim, trazemos a fala da educadora Pacificadora:

*Os conflitos fazem parte da vida humana porque somos diferentes e podemos pensar diferente. Se tivermos essa compreensão, entenderemos que a troca de ideias ou posições é importante para desenvolvermos ainda mais nossa capacidade de pensar e agir mais eficazmente. Entretanto, enquanto nos mantivermos numa postura defensiva ou apenas centrado em nossos interesses, não teremos uma visão ampliada da problemática porque nossa percepção estará distorcida por um ponto de vista único. Algumas pessoas não conseguem lidar bem com os conflitos porque não analisa o todo, mas apenas uma parte, a sua, precisando, muitas vezes da intervenção de um mediador, que tentará negociar entre as partes envolvidas de forma a se ter o mínimo de prejuízo para as mesmas partes. Essa mediação é importantíssima para que a paz seja estabelecida e o conflito não chegue a um estágio de perda da integridade física, psicológica ou moral das pessoas envolvidas.*

Os destaques deste fórum são os tipos de conflito real e aparente. Real é o que na verdade impulsionou a existência do conflito e o aparente é o que está em nível apenas de percepção. A importância da mediação como estratégia positiva na resolução não-violenta de conflitos. De acordo com Guimarães (2006), a mediação é uma negociação na presença de uma terceira pessoa, aceita por ambas as partes envolvidas no conflito. Destacamos que, para Sales (2004), a mediação também possibilita a educação para a paz. O mediador nesse processo também exerce relevante papel.

É importante destacar que percebemos um crescimento na formulação dos conceitos sobre conflitos por parte dos educadores, considerando que passaram a ressignificar as ideias iniciais acerca das diferentes temáticas envolvidas no tema central, que é a cultura de paz.

O segundo fórum: “Resolução não-violenta de conflitos” buscou discutir sobre as ferramentas de ações não-violentas e pacíficas, orientadas por duas perguntas

norteadoras: Você já vivenciou algum conflito? Para resolvê-lo, você utilizou ferramentas positivas ou negativas? Eis alguns dos diálogos:

*Todos vivemos conflitos constantemente. A forma como lidamos com eles vai fazer toda a diferença para o estabelecimento de uma cultura de paz ou não. Procuro utilizar sempre ferramentas positivas, como por exemplo, não revidar a agressividade do outro da mesma forma que ele. Para isso tento entender sua posição, as razões que o levam a agir daquela forma e utilizo como instrumento a escuta, o diálogo, tentando elencar os aspectos debatidos e propondo soluções, as mais pacíficas possíveis. (Pacificadora).*

Nessa mesma perspectiva, temos o posicionamento da educadora Paciência, a seguir, ambas tratam da existência do conflito, da maneira como podemos resolvê-los. Portanto, compartilhamos com Matos (2003) e Jares (2007) sobre os conflitos existem, mas a forma como resolvê-los que será diferente. Ou seja, percebemos nas falas que as educadoras estão procurando estratégias que agregam dimensões como a escuta e o diálogo no processo de resolução, temos assim a utilização de ferramentas positivas.

*Tendo em vista que os conflitos são inerentes às relações humanas, não é possível viver sem eles, por isso é preciso saber resolvê-los da melhor maneira possível. Para isso, acredito que cada situação exige uma estratégia diferente, por exemplo, se estamos lidando com crianças muito pequenas que estão brigando entre si, a atitude deve ser muito clara e objetiva, visto que a criança precisa aprender as regras de convivência; se estamos lidando com adolescentes, a atitude já deve ser de levá-los a refletir sobre as consequências de seus atos, pois eles já são conhecedores das regras e de suas transgressões; se o caso envolve adultos, então, é preciso recorrer ainda mais a estratégias de mediação e, se for o caso, de conciliação. (Paciente)*

A educadora Corajosa agrega, além desses aspectos já citados, a presença dos conflitos no âmbito escolar. Sendo este um espaço de interações, sabemos que existem diferentes formas de se relacionar, gerando diferenças e, por vezes, conflitos. Para Jares (2008, p. 25) “conflito e convivência são duas realidades sociais inerentes a toda forma de vida em sociedade”.

Os conflitos fazem parte da nossa vida. O conflito se configura quando uma situação pode ser considerada incompatível entre as partes envolvidas. Essas situações geram desconfortos, as vezes a tomada de decisão por parte de pessoas ou grupos se tornam intensas, sem a possibilidade de diálogo ou resolução. Nunca foi necessário em minhas experiências pessoais recorrer ao uso de ferramentas negativas para resolvê-las, pois numa situação em que o diálogo não possibilitou a concordância entre as partes envolvidas, houve a intervenção de um

mediador que ajudou na resolução do problema. No ambiente escolar vivemos muitas situações de conflitos e tentativas para resolução das mesmas. (Pacificadora)

Precisamos assim pensar e efetivar formação aos profissionais que atuam nesses espaços, dando-os a oportunidade de agregar às suas práticas maneiras de lidar com as situações conflituosas que possam surgir no espaço educativo, possibilitando sentirem-se capazes de atuar e conviver na escola. Para isso, faz-se necessária a presença do diálogo constante, “o respeito à diversidade, procedimentos democráticos, resolução pacífica de conflitos e cooperação” (PIERRE; MATOS, 2015, p. 36).

O quarto módulo trata dos direitos humanos e da Cultura de Paz, nele apresentamos apenas o fórum inicial que propõe a discussão sobre os direitos humanos e sua relação com a paz. Para ajudar na discussão, recomendamos a leitura do texto “Educação em direitos humanos: educar para a solidariedade, a esperança e a paz”.

Para iniciarmos a discussão sobre a relação “Direitos Humanos e Paz”, trazemos um dos artigos publicado num dos documentos do Fórum Internacional sobre Cultura de Paz, em San Salvador, El Salvador no ano de 1994, o qual, de acordo com Diskin (2008, p. 69) está escrito da seguinte maneira: “a paz e os direitos humanos são indivisíveis e dizem respeito a todos. Um princípio norteador da paz é que os direitos humanos devem ser respeitados e garantidos – não só os direitos civis e políticos, mas também os direitos econômicos, sociais e culturais. [...]”. Portanto, falar dessa relação é falar da garantia de direitos e vemos isso expresso nas falas das educadoras abaixo.

Para Paciência,

*quando não há garantia dos direitos humanos, abre-se espaço para todo tipo de mazela social, o que, inevitavelmente, gera muitas formas de violência. Portanto, é dever do Estado e de toda a sociedade proporcionar meios para que esses direitos sejam garantidos a todos e, conseqüentemente, tenhamos um ambiente de paz.*

Essa educadora ainda acrescentou:

*a discussão em torno dessa temática faz-me pensar que a escola ainda se preocupa muito com conteúdos e preocupa-se pouco com a formação humana de seus alunos. Acredito que a escola deve aliar as duas coisas, pois só faz sentido transmitir, construir e gerar conhecimento se for para o bem da humanidade, se for para garantir que todos tenham melhores condições de vida. Assim, é preciso pensar em aulas que proporcionem aos alunos reflexões que os façam respeitar o outro, o meio ambiente e, principalmente, a vida. A escola deve, o quanto antes, incluir em seu*

*currículo o ensino dos Direitos Humanos, discutindo a sua importância e os meios de garanti-los. (Paciente).*

No sentido da inclusão dessas temáticas no currículo, como menciona a educadora Paciência, temos, de acordo com Carneiro e Diógenes (2015, p. 419), que “no Brasil, a malha curricular tem abrangido temas cada vez mais inovadores, como a Educação em Direitos Humanos e a Educação para uma Cultura de Paz”. Destacamos que apesar de não terem tanta visibilidade, esses temas, mesmo que de maneira tímida, vêm adentrando nas discussões das universidades e principalmente das escolas. O que podemos verificar na fala da educadora Alegria 1, a seguir, em especial quando destaca a inclusão da discussão sobre os Direitos Humanos dentro de um importante documento norteador das ações das escolas que é o Projeto Político Pedagógico – PPP.

*Vivemos em uma sociedade complexa e capitalista, em que, muitas vezes os direitos humanos são violados e desrespeitados. Precisamos mudar o atual quadro em que vivemos, e a escola é um espaço de possibilidades diversas; pequenas ações podem gerar grandes conquistas. Educar para a solidariedade, a esperança e a paz é um desafio, mediante um quadro social que incentiva em nossos jovens a disputa e a competitividade. Mediante esses problemas sociais que enfrentamos nas escolas, tais como: droga, violência, indisciplina etc. podemos utilizar a reflexão sobre os direitos humanos como parte integrante do PPP da escola, na tentativa de fazer o corpo discente e docente refletir sobre esses direitos. (ALEGRE 1).*

A educadora Pacificadora pontua:

*Os Direitos Humanos são fundamentais a toda e qualquer pessoa, como os direitos à vida, alimentação, saúde, moradia, educação etc. Quando esses direitos são negados a alguns, a sociedade se torna injusta e desigual, sendo necessário, muitas vezes, que haja mobilizações e manifestações destas pessoas na luta por seus direitos. Isso é necessário na busca da paz porque a desigualdade gera conflito de interesses e vice-versa. Para que essa desigualdade seja rompida é necessário buscar ferramentas como a elaboração de leis mais justas, mas também que deem garantia para que essas leis sejam cumpridas.*

Ampliamos a discussão trazendo Jares (2008, p. 29), pois falar em direitos humanos é tratar da “dignidade, inerente a todo ser humano”, portanto, para que essa dignidade prevaleça é necessária a garantia e efetivação dos direitos.

O quinto módulo dedicamos à elaboração do plano de ação, com orientações para que possa ser construído. Além de disponibilizarmos como seria composto em sua estrutura, também agregamos um fórum intitulado tira-dúvidas, no qual pôde constar, além

das questões acerca da construção da ação, mecanismos por meio dos quais pudéssemos nos colocar dando sugestões.

A utilização da educação a distância nesse processo foi enriquecedora, pois possibilitou ampliar os conhecimentos acerca do tema e a continuar as interações iniciadas nos encontros presenciais.

No próximo capítulo, apresentaremos o resultado das ações que semearam a paz partir do processo formativo desenvolvido.

## 5 EXPERIÊNCIAS RESULTANTES DA FORMAÇÃO: É POSSÍVEL SEMEAR A PAZ

### CULTURA DE PAZ NA ESCOLA

A cultura de paz  
 É pra quem faz  
 Um trabalho diferente  
 Com muita paz  
 E cuidado com o humano e com o meio ambiente

E, vale lembrar  
 Que com conflitos  
 Teremos que lidar  
 Usando a mediação  
 Para tudo amenizar

Que aos poucos,  
 A academia chegue perto da escola  
 E com conhecimento científico  
 Possamos contar  
 Para com sucesso  
 Os conflitos da escola superar  
 (Alegre 1)

Iniciamos este capítulo com um poema produzido por uma das participantes do curso, o qual foi declamado no último encontro da formação. Esse poema expressa a mensagem que nos propomos, ou seja, poder contribuir com a escola, possibilitando aos educadores estarem pensando e, principalmente, efetivando ações que busquem amenizar questões diversas nesse espaço, superando conflito e, conseqüentemente, as manifestações de violência, mas especialmente despertando os princípios da igualdade, de justiça e a vivência de valores humanos, contribuindo assim para promoção da Cultura de Paz. Ressaltamos que o poema também apresenta temas abordados nas ações realizadas pelos educadores que participaram da formação em Cultura de Paz.

Depois dessa reflexão inicial, revelamos a que se propõe este capítulo: a apresentação das ações em cultura de paz elaboradas e desenvolvidas pelos educadores, em

seus respectivos espaços de atuação, e os resultados de todo esse processo. Iniciaremos com a ação realizada no distrito de educação VI, que estabelece relação entre empatia e cultura de paz, dando sequência com o distrito de educação IV, o qual trabalha a dimensão do conflito. Finalizamos com algumas considerações acerca do distrito de educação V, que trabalhou a relação direitos humanos e cultura de paz. Destacamos que esses pontos, de maneira explícita ou não, estiveram presentes nas discussões realizadas durante o processo formativo dos educadores.

### 5.1 Empatia: caminho para vivenciar a Cultura de Paz

A ação realizada pela equipe do Distrito de Educação VI teve como proposta o desenvolvimento de uma oficina intitulada “Por uma Cultura de Paz: compreendendo o conceito de empatia”, realizada no dia 29 de setembro de 2016, no auditório do Distrito de Educação VI, no período noturno. O público para o qual foi direcionada a oficina era formado pelos coordenadores da Educação de Jovens e Adultos – EJA das escolas pertencentes a esse distrito. Nesse dia, estavam presentes quatorze coordenadores.

Figura 19 – Distrito Educação VI – oficina por uma Cultura de Paz: compreendendo o conceito de empatia (2016)



Fonte: Elaboração própria

A equipe responsável pela oficina supracitada era composta por cinco membros, sobre os quais utilizamos os seguintes adjetivos para identificá-los: Solidária, Alegre 1, Alegre 2, Pacificadora e Tranquilo.

A proposta foi realizar uma intervenção que fosse exequível para a promoção da paz, a partir da estratégia de sensibilização de coordenadores da EJA. A ideia, segundo Solidária, Alegre 1, Alegre 2, Pacificadora e Tranquilo foi levá-los a entender a teoria, além de vivenciar de maneira prática um conceito que consideram imprescindível para esse trabalho:

*a empatia, que é a capacidade de colocar conteúdos pessoais e teóricos seus, no sentido de buscar penetrar no mundo vivido do outro, compreendendo-o empaticamente e estabelecendo com ele uma relação de proximidade.*

(Pacificadora).

Quanto ao posicionamento dos referidos coordenadores, sobre o porquê escolheram essa temática, trazemos inicialmente o da educadora Alegre 1:

*uma das preocupações dos coordenadores é a questão das relações, sendo destacada a relação com os alunos, os pais e com os professores.*

Para Fagundes (2001, p. 17), “[...] a escola é um espaço que propicia as relações humanas, permitindo que os jovens possam conviver com as diferenças, aprender a respeitar os companheiros, compartilhar”. Nesse sentido, é importante que a escola passe a trabalhar dimensões que possibilitem uma convivência respeitosa, acolhedora e positiva. Atentar para essas dimensões levando os sujeitos a repensar suas posturas diante dos outros fazendo com que passem a praticar a tolerância e o respeito é exercer a educação para a paz.

Através da tolerância, do acolhimento, da aposta no potencial dos sujeitos integrais que somos nós e nossos jovens, sobretudo tendo como opção a educação dialógica, a prática pedagógica ético-amorosa redescobriremos e criaremos espaços de afetividade e conhecimento, para a construção efetiva de uma cultura de paz nas escolas [...] (MATOS, 2006, p. 174).

Ainda mais, é importante dizer que agregar esses aspectos citados acima, trabalhar e pensar a empatia no âmbito educacional relacionando-a com a temática da paz associa-se ao modelo como os citados educadores percebem a educação, no sentido humano e também social. Nessa perspectiva, Costa (2016, p. 37) diz:

Se compreendermos a educação como um processo-chave para o desenvolvimento de sujeitos autônomos, responsáveis consigo mesmos e com os outros e comprometidos com a construção de uma sociedade democrática, há que lançar um olhar muito mais cuidadoso e intencional às relações que se estabelecem entre as pessoas, entre as pessoas e as instituições educativas, entre as instituições educativas e o local, entre o local e o global. É nessa imensa tessitura de relações que uma educação comprometida com a transformação do mundo se ancora.

Assim, temos que perceber a educação como uma tarefa de todos, estabelecendo diálogo e ações nesse sentido, favorecendo a promoção da Cultura de Paz. Portanto, o objetivo é sensibilizar o público participante sobre a importância de realizar ações para a paz

nas escolas. Tendo como proposta inicial a discussão do conceito de empatia articulado ao de paz, refletindo, também, sobre o papel da educação nesse processo transformador.

A proposta inicial era iniciar com os coordenadores de EJA, podendo ser também multiplicada entre professores e alunos das escolas de onde esses coordenadores vieram, porém, devido às demandas das atividades do Distrito de Educação VI, de acordo com Alegre 2, não foi possível realizar outros momentos abordando diretamente a temática em questão, sendo trabalhados apenas alguns aspectos nos encontros posteriores. No entanto, Alegre 2 registra que a ideia foi lançada e chegar nas escolas dependia dos coordenadores.

Metodologicamente a ação realizada pelos educadores participantes da formação em Cultura de Paz do Distrito de Educação VI foi pensado em três momentos que se dividiram da seguinte maneira: o primeiro, dedicado à vivência da percepção de si e do outro; o segundo constitui-se de uma exposição dialogada sobre o conceito de empatia articulando-o com o conceito de paz; e o terceiro foi concretizado por meio de grupos de estudo com discussão do texto “O julgamento da colmeia” (Anexo H), destacando que esse texto também foi utilizado quando os ministrantes dessa oficina participaram da formação.

A seguir, temos uma foto que representa o momento da exposição dialogada do conceito de empatia e paz.

Figura 20 – Oficina ministrada pelo Distrito Educação VI (2016)



Fonte: Elaboração própria

O primeiro momento da ação iniciou após uma breve apresentação dos presentes. Pacificadora conduziu a dinâmica inicial, que se relacionava com a temática, pois a ideia era experienciar, de maneira prática, o conceito para depois construir uma formulação cognitivamente. Esse momento gerou questões como vulnerabilidade, proteção, equilíbrio, respiração, exercício do silêncio, essas foram as emoções expressas pelos coordenadores. Observamos resistência de alguns participantes, como fechar os olhos, e em especial fazer

esse exercício com qualidade. A dinâmica ainda levantou a questão da confiança, energia e sensações.

Iniciada a exposição dialogada sobre a temática, os participantes trouxeram a imagem de um quadro de Van Gogh (Anexo I), e fizeram uma reflexão sobre o semear; além disso, foi vista a importância de estarem dentro dos espaços educativos pessoas como nós, que semeiam ensinamentos voltados a vivenciarmos um ambiente em que se exercita um convívio harmônico. De acordo com Boff (2006), estas são pessoas seminais, que como uma semente, alimentam o mergulho em si mesmos, fazendo com que os outros ao seu redor passem a sentir-se parte do todo.

Continuando o debate, foram trazidas reflexões que incitam a compreensão sobre empatia, mostrando que na escola estabelecemos relações que devem ser permeadas pelas práticas de cuidado e acolhimento, construindo uma relação de reciprocidade, o que para a ministrante Pacificadora *nós temos afetação, o outro nos afeta e todos somos afetados pelo meio*, portanto, somos todos tocados. Ou seja, devemos trabalhar para que sejamos recíprocos em nossas relações, sensíveis ao que o outro expressa e dando retorno afetivo e positivo ao que já nos foi dado. Isso é parte do fato de estarmos inseridos no mundo. Para Olmos (2016, p. 4) “o educador, com o olhar afetivo, olhos nos olhos de cada aluno, a escuta atenta e o trato singular com cada educando, possibilita o vínculo, a ampliação da percepção e o autoconhecimento de cada aluno”. Em relação à afetividade, a referida educadora solidária assim se expressou:

a questão da afetividade é essencial, despertar essa dimensão faz todo um diferencial nas relações e no processo educativo. (Pacificadora)

Ainda sobre a dimensão afetiva de acordo com Figueiredo (2009, p. 65):

[...] somente em ambientes constituído com base na afetividade e solidariedade democráticas podemos pensar em potencializar relações autênticas, pensadas no contexto da autonomia, que não se opõem à disposição de se colocar no lugar do outro cognitiva, afetiva, sensitiva e intuitivamente.

Portanto, ambientes que se constituem com essas interações educativas possibilitam a vivência de práticas em que exercitam a empatia. Pudemos observar que vivenciar isso por meio das atividades realizadas não foi algo difícil, a receptividade dos que estavam envolvidos facilitou a compreensão do que propunham.

Nesse sentido, a equipe destaca que trabalha a empatia a partir da perspectiva de Rogers, em que percebemos, como Brolezzi (2014), diretamente a relação dessa temática com

a educação, expressando-se sobretudo por meio da relação professor – aluno. Ainda de acordo com Brolezzi (2014), as ideias de Rogers tornam-se mais evidentes à medida que compreendem o aluno como centro do processo, destacando a compreensão deste com o conceito de ser no mundo e evidenciando que estamos presente num fenômeno e somos influenciados por ele. Portanto, associando ao trabalho que visa à promoção da paz, quer dizer que, se as escolas passam a trabalhar a temática, envolvendo toda a comunidade, cria-se uma atmosfera de paz, as pessoas passam a conhecer e a se envolver de modo que serão mais que influenciadas, e também beneficiadas com as mudanças que passam a ocorrer.

Nessa perspectiva, segundo Ranieri e Barreira (2012), a afetividade é componente essencial. Trabalharmos dimensões que estão para além da cognição, ou melhor dizendo, se associarmos aos aspectos cognitivos um olhar sensível a outras perspectivas, teremos resultados mais efetivos. Para Sampaio (2007) o vínculo afetivo estabelecido entre docente e discente é de grande relevância, pois permite proximidade na relação, auxiliando e fortalecendo o desenvolvimento do potencial de cada um, além da criatividade de ambos.

O trabalho nesse sentido inicia as potencialidades individuais, uma consciência de si mesmo para só então poder explorar essa relação com o outro, verificando a partir daí as reverberações no meio. Dá-se, então, uma dinâmica de percepções, interferências, influências e interações. Cria-se laços de proximidade que são melhor compreendidos e desenvolvidos por meio das vivências, daí a importância de trabalharmos aspectos que contribuam para uma vivência pacífica em que prevaleça o respeito às diferenças, à cooperação, ou seja, os valores humanos se manifestam.

Na perspectiva dos docentes, a proposta de trabalho é romper preconceitos, em várias dimensões, levando o aluno a refletir e buscar resolver problemas, no que se refere à dimensão do cuidado, a fim de construir proximidade com o discente de forma clara e aberta, de acolhida. Portanto, é escutando o aluno e dando voz e oportunidade a ele possibilitará que este possa sentir-se pertencente ao contexto escolar e às relações, para que revele todo o seu potencial criativo e reflexivo. Destacamos que é importante termos olhares diferenciados, estarmos atentos a questões que precisam de um olhar mais apurado, expressando sensibilização e, acima de tudo, promovendo diálogo.

Partindo dessa perspectiva, que ampliamos a discussão em torno do tema discutido e trazido por esse grupo. Afinal o que é empatia? Moreira e Torres (2013, p. 1) pontuam que o termo empatia deriva da palavra grega *empathia*, que significa ‘paixão’ ou ‘ser muito afetado’ (SAMPAIO; CAMINO; ROAZZI, 2009). Para Motta *et al.* (2006, p. 2) dizem: A empatia consiste em uma habilidade de comunicação intrinsecamente relacionada à

formação de vínculos afetivos e à qualidade dos relacionamentos interpessoais (FALCONE, 1998; FREY; HIRSCHSTEIN; GUZZO, 2000; STEPHAN; FINLAY, 1999). No campo da educação, Fevorine (2016, p. 51) diz que o termo empatia é “a capacidade de educandos e educadores se identificarem com o outro, sabendo se colocar no lugar do outro do ponto de vista tanto cognitivo como afetivo”.

Partindo da concepção que norteia a discussão proposta pela equipe, trazemos o conceito apresentado por Ranieri e Barreira (2012, p. 01) da empatia “como uma vivência, como reconhecimento do outro como outro eu, desdobra-se eticamente como um movimento de compreensão da experiência do outro, um testemunho sensível daquilo que ele vive”. Esse conceito vai ao encontro ao que é registrado pela educadora Pacificadora que diz ser afinidade, colocar-se no lugar do outro, no sentido de ter a mesma vivência do outro. A capacidade de ser afetado pelo outro. Agir de forma consciente, com qualidade de presença e capacidade de escuta, realmente percebendo o outro. Pontuamos que foi tentado fazer com que os participantes vivenciassem isso desde a dinâmica inicial, e que as reflexões em torno do conceito “empatia” fossem ampliadas e fortalecidas no decorrer da oficina.

Depois da explanação, reflexão e diálogo, possibilitamos aos participantes a se colocarem e discutirem a relação do tema empatia e paz, assim como trazerem como percebem ou poderiam desenvolver algo na escola a partir do vivenciado. Foi solicitada ainda a formação de grupos para trabalharem com o texto “Julgamento da colmeia”, mostrando que podemos utilizar diferentes estratégias para realizar um trabalho voltado à promoção da paz. Uma possibilidade foi a utilização de textos literários. A seguir foto com momentos relativos à organização de pequenos grupos.

Figura 21 – Oficina Distrito Educação VI (2016)



Fonte: Elaboração própria

Com a discussão inicial nos grupos menores, posteriormente todos foram convidados a pontuar o seu posicionamento acerca de algumas questões levantadas a partir do texto. Constatamos, em sua maioria, convergência nas ideias expressas, pontuamos uma das falas dos coordenadores participante:

*a dificuldade que encontram no cotidiano escolar de lidar muitas vezes com questões conflituosas, ressaltando que o público que atendem já é bem diferenciado e surgem questões bem delicadas, como por exemplo, a questão das drogas (Coordenador)*

A partir desse posicionamento, destacamos a necessidade de políticas que prezem pela formação junto a esses profissionais que englobem dimensões não só acadêmicas. E enfatizamos que a formação realizada por nós, assim como as demais atividades promovidas pelo grupo de pesquisa do qual fazemos parte têm e podem contribuir para que esses profissionais insiram novas práticas nos espaços escolares que os auxiliem a trabalhar diretamente com questões como diferentes tipos de violência, seja verbal, simbólica, física, as quais têm surgido e abalado o sistema educacional.

No entanto, destacamos que um primeiro passo no sentido de que tal situação seja modificada já foi dado na medida em que esses profissionais buscam, mesmo sem formação específica para intervir em determinadas situações, compreender o meio em que estão inseridos e tentar solucionar o que se é apresentado. “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la [...]” (FREIRE, 1979, p. 27). Vimos que as discussões e vivências no momento foram importantes, afetaram os participantes fazendo com que refletissem sobre o que passam em sua realidade e a importância de tentarem articular as aprendizagens dessa ação com possíveis intervenções nos locais de trabalho.

Após esse momento, todos em círculo foram convidados a participar da finalização da oficina, momento em que puderam expressar como foi participar dessa ação, e em que osicineiros expressaram o desejo de que pudesse ser dado continuidade nas escolas, estando disponíveis a auxiliarem nesse processo.

Figura 22 – Vivência final oficina Distrito VI (2016)



Fonte: Elaboração própria

Após esse momento, tentamos estabelecer contato com os distritos que realizaram a ação, no entanto, alguns desafios foram encontrados por conta de questões burocráticas como calendário e atividades acadêmicas obrigatórias repassadas pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza e também pela conjuntura política, uma vez que o município se encontrava em pleno período eleitoral, o que dificultou o planejamento das atividades pensadas, pois muitos profissionais estavam atuando na campanha, bem como existiu uma reordenação de funções.

No início de 2017, estabelecemos novamente contato com as mesmas equipes que facilitaram as oficinas no sentido de verificarmos se a inserção e desenvolvimento dessas ações nos espaços educativos ocorreram, para analisar se as práticas iniciais puderam contribuir com a inserção e com o desenvolvimento de novas práticas em especial nas escolas.

Especificamente com a equipe do Distrito de Educação VI, conseguimos fazer entrevistas com quatro dos cinco educadores que realizaram a ação. Fizemos questionamentos relacionados ao momento facilitado e as suas elucidações. Indagamos então: qual o porquê da escolha da temática empatia.

Apresentamos duas respostas a esse questionamento, a primeira é da educadora Alegre 1, que expressou opção devido a:

*uma das preocupações por parte dos coordenadores que é a questão da relação com os pais e professores.*

Quando falam dessas relações, referem-se à maneira que vem se estabelecendo por muitas vezes conflitantes, desrespeitosas. Conclui-se, portanto, ser preciso trabalhar para

que estas relações possam ser modificadas. Podemos dizer como Jares (2008) nos alerta precisamos ensinar a conviver. Nessa perspectiva relacionam-se as falas das duas entrevistadas tendo em vista que, nas relações estabelecidas pelos diversos sujeitos, faz-se necessária uma compreensão do outro para que as relações sejam saudáveis e para que prevaleça sempre o diálogo. Assim temos:

*Durante as discussões propostas nos encontros presenciais da formação com o tema paz, me remeteu várias vezes o conceito de empatia. E acredito que este conceito seja essencial para promover essa paz. Por que você não consegue promover a paz se você não compreende a perspectiva do outro, que não é nem melhor e nem pior que a sua, mas é outra perspectiva que preciso considerar dentro de um diálogo. É como se eu tivesse uma nova lente. Afinal, para promover a paz é imprescindível que eu compreenda ou pelo menos tente o outro. Daí nós associamos a esse conceito. (Pacificadora).*

Assim, corroborando com Jares (2008), o diálogo é fator essencial para dar e melhorar a qualidade de vida das relações humanas.

Perguntamos ainda: Em que o curso facilitou no desenvolvimento da ação?

Para Alegre 2,

*o curso facilitou na construção de toda a ação desenvolvida, desde a dinâmica inicial, até a finalização. Pensamos a estrutura a partir do que vivenciamos durante os encontros presenciais do curso.*

Continuamos e questionamos se a ação ficou apenas naquele momento ou foi dada continuidade? Alguns posicionamentos:

*Assim, realmente as coordenadoras levaram para a escola o trabalho, tentaram ampliar esse trabalho dentro da escola, entretanto, assim a rotina da escola muito complicada é muita demanda da secretaria, acabou que .... ele chegou e parou, não teve continuidade. (Alegre 1).*

Numa outra perspectiva, a educadora Pacificadora disse que a ação por parte da equipe esteve presente em outros momentos.

*Por exemplo, a gente já trabalhou outros conceitos como o conflito e outras questões e na medida do possível a gente retoma, mas não houve uma outra ação mais diretiva, não houve uma continuidade no sentido de discutir a mesma temática, mas foi proposto que desenvolvessem atividade na escola, para tentarem multiplicar essa perspectiva na escola.*

Esse último posicionamento é confirmado por outra educadora que disse ter utilizado, dentre algumas coisas, as dinâmicas durante as formações.

*Tudo de certa maneira foi utilizado, após encontro presencial sempre na próxima formação aplicávamos algo aprendido, por exemplo as dinâmicas”.* (Alegre 2).

Portanto, de alguma maneira os momentos vivenciados durante o encontro presencial proposto na formação fizeram parte ou contribuíram com ações desenvolvidas por estes educadores nos seus espaços de atuação.

Um quarto questionamento foi: A partir da ideia inicial, por que não desenvolveram um trabalho mais amplo? Quais os desafios encontrados?

*As dificuldades que eu vejo é a questão de a secretaria não ver as dificuldades da escola e sim ela manda muita coisa já pronta e isso dificulta esse tipo de trabalho por que a questão da cultura de paz, toda formação que a gente teve e trabalhou necessita muito ver a realidade da escola, o que cada comunidade precisa.* (Alegre 1).

Esta educadora ainda reforça:

*a temática da empatia vem muito dessa relação com pais, alunos, relação coordenador-professor, mas assim a demanda que tem da escola, da secretaria ela sufoca o professor de tanta coisa burocrática, de tanto conteúdo, de tanto projeto que já vem pronto, que as questões que deveriam realmente ser levadas em consideração, as principais necessidades da escola, do professor pensar um trabalho a partir dessa realidade acaba sendo esquecido.* (Alegre 1).

Esse posicionamento foi fortalecido pela educadora Pacificadora que afirma

*eu acredito que muitas demandas da própria secretaria, outras coisas também intervêm.*

Para Jares (2002, p. 191) a estrutura do sistema educativo foi considerada como o elemento mais problemático com que se depara a educação para a paz, vista por muitos autores como uma estrutura violenta em si mesma.

Isso, de certa maneira, é confirmado pelas respostas dos educadores acima. A todo momento estamos condicionados a um sistema fechado. De certo ponto, até mesmo impositivo, em que prevalece ações voltadas a produções conteudistas, sempre deixando de lado dimensões que se preocupam com temas tão essenciais ao processo de formação. Esse trabalho na perspectiva da paz passa por muitos desafios, mas também é fortalecido. “Educar-nos na paz deve tornar-nos conscientes, em primeiro lugar, da contrariedade, às vezes insolúvel, que significa educar para a paz em um meio violento por sua natureza e funcionalidade” (JARES 2002, p. 191).

Portanto, é preciso superarmos de maneira majestosa esses desafios que se colocam a todo momento. E mesmo diante de um sistema ainda tão fechado a essas dimensões, irmos inserindo nosso trabalho e contribuindo para o fortalecimento de outras práticas dentro dos espaços educativos.

Destacamos que as demais indagações acabam entrelaçando-se, mas enfatizamos essas para uma melhor compreensão. Assim apresentamos mais esse questionamento: Que transformações surgiram, e que acrescentaram a sua prática a partir da formação?

*Eu acredito que a cultura de paz, ela só tem a contribuir com o trabalho dentro da escola, principalmente com a questão da indisciplina, a questão da droga, com muitos problemas que permeiam as comunidades escolares. Durante o meu processo que eu estava como formadora eu sempre tentava fazer momentos de reflexão, círculo de cultura, momentos que levassem os professores a pensar sobre o papel dentro da escola, como conduziam os processos a resolução de conflitos, a ser pacificador dentro da sua própria profissão, apesar de saber que não é fácil você ser uma pessoa que vai falar sobre paz, sobre prosperidade, sobre como Paulo feire tanto dizia a utopia de um mundo melhor. (Alegre 1).*

Percebemos que a educadora inseriu em sua prática muitas das propostas vivenciadas durante a realização do curso, mas também agregou outras práticas, tudo voltado ao fortalecimento e implementação de uma cultura de paz nos espaços educativos. Nesse mesmo sentido, temos a fala de outra educadora:

*Passei a reelaborar a condução das formações, tanto professores quanto dos coordenadores inserindo dinâmicas de integração, algumas abordagens que foram feitas durante o curso. Eu vejo que muitas ações podem ser feitas, apesar de não ter realizado, mas não quer dizer que não podem só estar em “stan bay”, pode ser resgatada, estudada e aplicada. Enfatizando a questão das relações, da mediação de conflitos. (Solidária).*

Essa educadora enfatiza que também utilizou o conhecimento adquirido; no entanto, ressalta que poderia ter feito e utilizado ainda mais, o que mostra a possibilidade de num outro momento reacender essas possibilidades de realização de um trabalho.

Por fim, a educadora Pacificadora destaca sua contribuição com maior esclarecimento em relação ao conflito. Ela pontua dentre as aprendizagens uma melhor compreensão em relação ao tema, dizendo: *ampliou minha visão sobre essa perspectiva do conflito*. Acrescenta ainda que:

*a experiência reforçou ainda mais a necessidade da gente trabalhar esses temas estudados transversalmente não só na escola, mas no ambiente de trabalho, aonde quer que você esteja.*

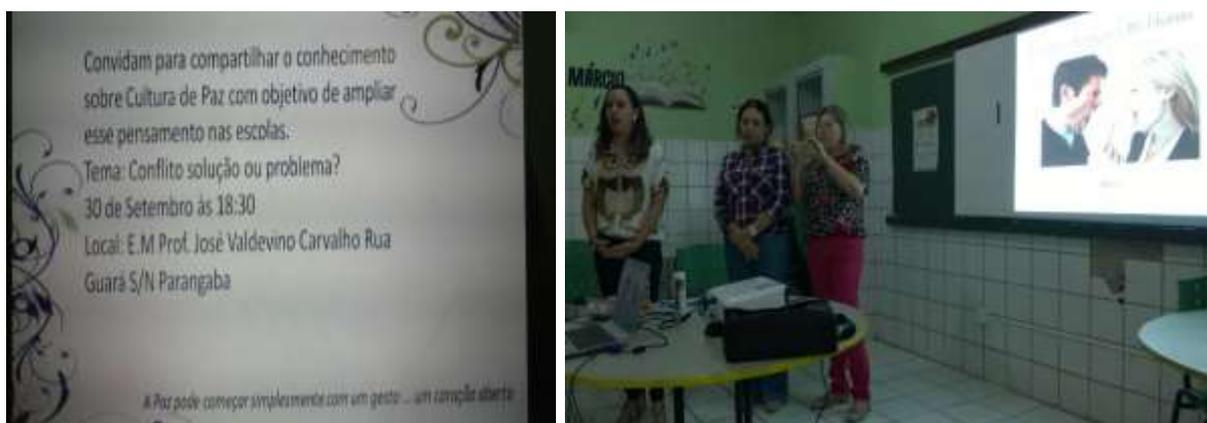
Portanto, vemos que a formação contribuiu de maneira teórica, mas sobretudo prática com esses educadores.

A seguir, conheceremos sobre o conflito a partir da experiência realizada pelo distrito de educação IV.

### ***5.1.1 Compreendo o conflito como parte do processo de construção da paz***

A equipe do distrito de educação IV também optou pelo desenvolvimento de uma oficina, que foi realizada no dia 30 de setembro de 2016, no período noturno, na escola E.M Prof. José Valdevino Carvalho, local onde atua como coordenadora a educadora Corajosa. Esta oficina teve como tema “Conflito solução ou problema?” O convite foi direcionado a todos os coordenadores de EJA pertencentes a esse distrito, mas somente participaram 10 coordenadores.

Foto 23 – Oficina Distrito Educação IV – a (2016)



Fonte: Elaboração própria

A proposta da referida oficina pretendia levar a escola a conhecer ferramentas alternativas para evitar que situações problemáticas do cotidiano se desenvolvam e atinjam um nível maior de violência. Agregado a isso, surgiu outra proposta: desenvolver ações que busquem verificar as práticas de gestão de conflitos realizadas nas escolas, buscando soluções e atividades que oportunizem o empoderamento dos alunos na gestão de futuros conflitos.

Partindo do que se propõe acima, foi estruturada uma oficina objetivando possibilitar estudo, diálogo e vivência aos coordenadores, para que se envolvessem em reflexões que têm como tema em destaque o conflito.

O primeiro momento iniciou com apresentação de todos que estavam presentes. Em sequência, foi introduzida uma dinâmica que tinha como objetivo fazer com que os participantes descobrissem a abordagem do estudo. A eles foram entregues balões e palitos, os quais deveriam enchê-los. Vencia quem ficasse com mais balões cheios. A partir disso, ocorreu um conflito, pois como conseguir acumular os balões sem que estes fossem estourados? Foi simulada uma situação, o grupo reagiu, sendo os participantes estimulados a arranjar uma solução, a qual teve como questões presentes a escuta e o diálogo, resultando disso uma negociação.

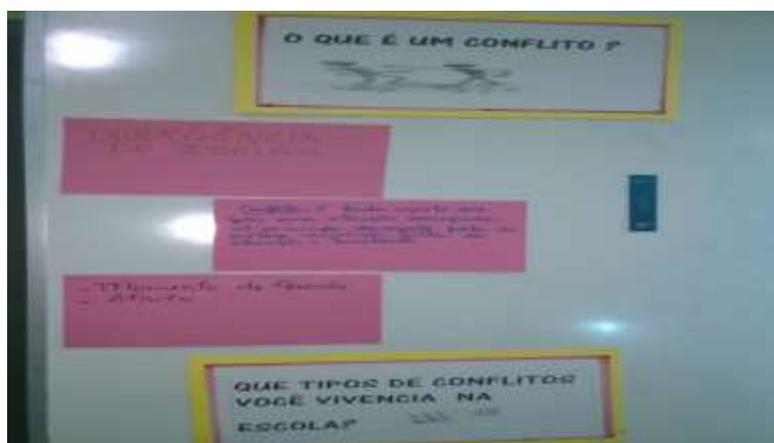
Figura 24 – Oficina Distrito Educação IV – b (2016)



Fonte: Elaboração própria

Depois dessa dinâmica, foi projetado um vídeo para introduzir a explanação e o estudo sobre o assunto. Trazendo os seguintes questionamentos: O que é conflito? O que vocês entendem por conflito? A imagem a seguir traz algumas das definições apontadas pelos participantes.

Figura 25 – Quadro de conceito – Oficina Distrito Educação IV(2016)



Fonte: Elaboração própria

O primeiro grupo disse ser divergência de ideais; o segundo disse referir-se a um momento de tensão; e o terceiro se pronunciou afirmando que tudo aquilo gera uma situação desagradável, por exemplo, desrespeito, falta de diálogo, competição, falta de educação e humildade. Essas são as percepções dos coordenadores participantes da formação. E são ideias associadas a aspectos da concepção tradicional de conflito. Contraditoriamente, a ideia é romper com essa concepção, trazida por eles, visando a construir coletivamente o entendimento do conflito, numa perspectiva positiva baseada num processo de formação.

Portanto, o trabalho visa a levar os coordenadores a compreenderem o conflito como “um processo natural e intrínseco à vida que, se focado de modo positivo, pode ser um fator de desenvolvimento pessoal, social e educativo” (JARES, 2007, p. 36). Afinal, temos que entender como expressa Guimarães (2006, p. 88), que “conflitos não são sinônimos de intolerância ou desentendimento, sendo a resposta dada que os torna negativos ou positivos, construtivos ou destrutivos. A questão é como se resolvem os conflitos, se por meios violentos ou não-violentos”. Assim, devemos criar estratégias não-violentas para enfrentá-los e resolvê-los.

Desse modo, os participantes vão se colocando, o diálogo vai sendo estabelecido junto à apresentação dos slides que contém aspectos importantes para a discussão dessa temática. Para enriquecer o momento, foi proposta a leitura coletiva do texto (Anexo J) e, em seguida, buscaram estabelecer diálogo no sentido de relacionar o que foi trabalhado com o que se apresenta na escola, tendo como pergunta norteadora: “Quais os principais conflitos que ocorrem nas escolas?”. Nesse momento procurou-se trabalhar a perspectiva criativa do conflito, que “nos leva a um aspecto central da convivência, a forma de nos relacionarmos com o conflito. Em outras palavras, não é possível separar a convivência do conflito” (JARES, 2007, p 169). E nessa convivência o diferencial será a maneira com que lidamos com o conflito, ou seja, se de maneira produtiva, positiva ou negativa.

No terceiro momento, utilizaram novamente um vídeo, que tratava sobre o conflito na educação e, no trabalho, o qual trazia algumas situações e dicas de como solucioná-los. O foco era o problema e não as pessoas; além disso, o destaque era a resolução não-violenta. Dentre as possíveis soluções, apresentaram a negociação, arbitragem e a mediação, esta última enfatizada como melhor procedimento.

Para Guimarães, a negociação é também compreendida como consenso direto:

[ ... ] as pessoas ou grupos tentam chegar a uma solução mutuamente aceitável do conflito mediante uma reflexão e uma tomada de decisões

comuns. Para isto, é preciso que ambas as partes desejem realmente encontrar uma solução e não derrotar ou subjugar a outra parte. Trata-se, não de impor um ponto de vista, mas de chegar a um terceiro termo (GUIMARÃES, 2006, p. 88).

Nesse processo não existe ganhador ou perdedor, ambos são beneficiados. Outra possibilidade de resolução não-violenta é a mediação, “técnica que vem sendo inserida na realidade de muitos espaços inclusive nas escolas de Fortaleza através da criação do núcleo de mediação escolar”, iniciativa que foi mencionada por alguns coordenadores. A mediação, de acordo com o MEC (2010, p. 14),

é uma alternativa para a resolução de conflitos em que as pessoas envolvidas buscam atingir seus interesses e suas necessidades. É um procedimento voluntário e envolve a participação de um terceiro imparcial que coordena o processo, estimulando as partes envolvidas por intermédio do diálogo.

Esse instrumento, segundo Guimarães, também pode ser chamado de consenso indireto:

Definido como uma negociação na presença de uma terceira pessoa, aceita por ambas as partes envolvidas no conflito. No consenso indireto, o mediador exerce um papel apenas de facilitador, ajudando as partes a obter uma solução e a estabelecer uma ação comunicativa, diferenciando-se da arbitragem ou da imposição coercitiva de uma solução (GUIMARÃES, 2006, p. 89).

Nesse momento, dividiram o grupo em trio para pensar numa questão de conflito que foi socializado recorrendo à escola para uma intervenção. Os destaques durante a socialização visavam a modificar a cultura do conflito tendo com ênfase a mediação escolar como alternativa importante nesse processo. De acordo com Sales e Alencar (2004, p. 92) “a mediação escolar se caracteriza por possibilitar, dentro da escola, a educação em valores, a educação para a paz e uma nova visão acerca dos conflitos”. Portanto, contribuindo para a promoção da Cultura de Paz.

Figura 26 – Oficina Distrito Educação IV – c (2016)



Fonte: Elaboração própria

Ressaltamos que um dos pontos importantes dessa oficina era levar os coordenadores a perceberem a convivência com conflitos como algo natural às relações de convivência. Afinal, como expressa Jares (2008, p. 25), conflito e convivência são duas realidades sociais inerentes a toda forma de vida em sociedade.

Para finalizar, pediram para cada um expressar o que resultou do processo de formação, qual sentimento foi despertado e o que destaca para vida prática. Dentre as falas registramos o fato de terem compreendido o conflito como algo pertencente a todo processo, convívio humano e de poderem levar essa concepção para as escolas no sentido de minimizar as diversas situações conflituosas que existem no contexto escolar.

Com a equipe do Distrito de Educação IV conseguimos realizar entrevistas com duas das três participantes, ainda no ano de 2016, no início de dezembro. Queríamos saber se deram continuidade com a ação, se tiveram retorno de alguma escola. Mais uma vez, as falas pontuaram as demandas da secretaria, projeto já fechados, atividades que já vinham formatadas. No entanto, expressaram vontade de darem continuidade ao trabalho, mas também dependiam de como ia ficar a equipe, pois com as eleições esta poderia modificar-se. Pensamos assim que essas ações deveriam estar presentes como políticas permanentes, não estando sujeitas a atuação ou não de governos, como assinalam Matos e Braga (2008, p. 35) “precisa ser fortalecido, enquanto uma política permanente, nas instituições em geral e particularmente nas escolas públicas”. Afinal, existe em nível mundial todo um trabalho que visa à promoção da paz e as escolas são peças importantíssimas dentro desse processo.

Em relação ao momento facilitado fizemos alguns questionamentos. Pontuaremos apenas alguns deles a seguir:

Qual o porquê da escolha da temática Conflito?

De acordo com a educadora Alegre a escolha da temática se deu devido aos muitos conflitos existentes nas escolas, em especial no turno noturno, quando diz “nas escolas existe muitos conflitos de relacionamento, de aceitação, até mesmo de tolerância”. Percebemos aqui certa aproximação com aquilo que também, foi apresentado pela equipe do distrito de educação VI ao falar sobre as relações conflitantes. Acrescentamos ainda que a educadora dinâmica menciona as questões apresentadas acima, mas enfatiza a opção dizendo “pela questão de afinidade mesmo com o tema”.

Perguntamos ainda se a ação produzida pelos educadores ficou apenas naquele momento ou foi dada continuidade a esta?

A educadora dinâmica disse que “por parte da equipe do distrito de certa maneira ficou apenas naquela ação”. Por sua vez, a educadora Alegre diz que pretendem retomar em 2017, “estamos esperando a equipe ser reestruturada e assim iniciar um planejamento mais direcionado”.

Continuamos e questionamos a partir da ideia inicial: por que não desenvolveram um trabalho mais amplo? Quais os desafios encontrados?

Assim como a equipe do distrito VI as educadoras apontam as dificuldades manifestadas pelo sistema. “São muitos os desafios, a própria estrutura da rede, os professores são muito cobrados com outras ações de forma emergencial, a questão da alfabetização, outras demandas relacionadas a questão de conteúdos mesmo” (Dinâmica).

Acrescentamos, ainda, um outro questionamento: Que transformações surgiram, e acrescentaram sua prática a partir da formação?

Corajosa diz: passei a ter uma noção diferente do conflito, sabia que eu não imaginava que o conflito fosse assim. Hoje, em dia quando eu estou numa situação conflituosa, eu paro e penso, então eu acredito que vai por aí o resultado, em termo prático, mas além apenas da reflexão”.

Já a educadora Alegre pontua “passei a ter um outro olhar, um olhar diferenciado, percebendo os momentos de conflito como propícios a novas aprendizagens”. Nessa direção temos uma fala presente no texto de Sales e Alencar (2004):

Maria do Céu Lamarão Bataglia salienta que redefinir a noção de conflito implica no reconhecimento do mesmo como uma parte da vida que pode ser utilizada como oportunidade de aprendizagem e crescimento pessoal. Considerando-se que o conflito é inevitável, a aprendizagem da habilidade em resolvê-los torna-se tão educativa e essencial quanto a aprendizagem da matemática, história etc. (SALES; ALENCAR, 2004, p. 92).

Ainda no sentido de ressignificar o conceito de conflito temos a fala de outra educadora:

*O curso assim ampliou a minha visão sobre cultura de paz porque eu tinha uma visão muito limitada no sentido mais teórico e nem se fala da prática, eu não conseguia visualizar muito a aplicação desses conhecimentos na prática. Hoje, já vejo que é possível a utilização desses conhecimentos no meu cotidiano, passei a dar novos direcionamentos e incluir tanto na minha vida pessoal quanto profissional alguns conhecimentos adquiridos. (Dinâmica).*

Finalmente, constatamos que o curso contribuiu para a formação desses educadores, no que se refere a ressignificação do tema conflito, pontuamos que possibilitou aos educadores uma visão libertadora. De alguma maneira e de modos diferentes estes foram afetados, pois estão expressando e desenvolvendo o que aprenderam seja através do discurso, seja através de ações práticas. As reverberações podem não ter sido explícitas, de certo modo, acentuadamente, através das ações práticas, mas pelas falas, percebemos que essa formação mexeu, mobilizou aos educadores participantes de alguma maneira.

#### *5.1.1.1 Direitos Humanos, outros ensaios e achados*

Nesse tópico apresentamos mais uma das ações fruto da formação em Cultura de Paz e trazemos breve considerações acerca de outra iniciativa.

Figura 27 – Oficina Distrito Educação V(2016)



Fonte: Elaboração própria

A primeira ação a ser apresentada ocorreu em uma das escolas do Distrito de Educação V, esta envolveu duas técnicas e diretamente o coordenador participante da formação em Cultura de Paz que estimulou os docentes a desenvolver a proposta de atividade

junto aos alunos da educação de jovens e adultos, segmentos 4 e 5. Essa ação foi fruto da elaboração de um projeto intitulado “Paz: um direito de todos”. Importante dizer que Moehleche (2010, p. 15) destaca que “o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), aprovado em 2006, estabelece a educação e a escola como espaços privilegiados para a promoção de uma nova cultura em direitos humanos. E essa nova cultura estabelece total sintonia com a proposta da Cultura de Paz. O objetivo do trabalho era discutir a cidadania e paz, levando os discentes a conhecerem seus direitos, compreendendo que a garantia destes proporciona um convívio pacífico entre as pessoas, além de estimular as suas potencialidades como jovens, despertando e favorecendo seu papel enquanto protagonista a favor da paz. Destacamos que a equipe toda estava envolvida no desenvolvimento do projeto.

Cada professor ficou responsável por fazer uma abordagem. Assim tivemos, discussões sobre gênero e diversidade sexual, como podemos verificar na foto acima, racismo, influência da mídia, preconceitos de uma maneira geral etc. Foi agregado, também, um trabalho com os pacifistas, realizado tanto em duplas como coletivamente, pois, à medida que a equipe ia construindo textos sobre esses pacifistas, ia também conhecendo a história deles.

Figura 28 – Confecção Material – oficina Distrito Educação IV(2016)



Fonte: Elaboração própria

O trabalho na perspectiva da paz deve ser percebido e estimulado diariamente, expressando a cultura de cada protagonista nos seus simples gestos e palavras fortalecida com ações efetivas no nosso dia a dia. Desse modo, é preciso que façamos da expressão "*Paz: um direito para todos*" algo concreto, de forma que esses ideais sejam transformados em políticas e ações, públicas e privadas, para que mudem as vidas de nossos alunos. Para isso, ações devem ser realizadas no espaço escolar e projetos como estes devem ser fortalecidos. Afinal, é

importante termos a compreensão assim como Jares:

ao tratarmos de educação para os direitos humanos, estamos falando também de educação para a paz, para a democracia e para o desenvolvimento. Os direitos humanos, ‘engendram a necessidade de paz’ e vice-versa, ou seja, para que se dê uma situação de paz, é preciso cumprir-se os direitos humanos. (JARES, 2007, p. 77).

Nesse sentido, é necessário que temas como estes façam parte do processo educativo, promovendo a inclusão desses jovens, visando ao senso de responsabilidade e ao respeito às normas de convivência pacífica, compreendendo e vivenciando os direitos humanos, buscando recuperar e reconstruir valores positivos, como a solidariedade e o companheirismo. Portanto, tentando vivenciar e contribuir com a cultura de paz.

Pontuamos que os docentes das diferentes disciplinas deram sua contribuição: a metodologia utilizada foi bem desenvolvida e o projeto bem diversificado. Tivemos a construção e leitura de acróstico, produção de cordel, poesia, reflexões geradas a partir de fábulas, teatro e música e um estudo aprimorado da Declaração dos Direitos Humanos, um dos professores ia apresentando, explicando e estabelecendo um diálogo sobre cada tópico. Gostaria de destacar a participação da interpretação do hino da cidadania por uma aluna, cujo desempenho foi muito bom. Visualizamos alguns dos momentos por meio das fotos abaixo. A primeira retrata a questão do direito da mulher e a segunda o problema do preconceito.

Figura 29 – Momento apresentações – oficina Distrito Educação V (2016)



Fonte: Elaboração própria

Para nós, vivenciar essa experiência foi muito gratificante. Ver o potencial e envolvimento desses alunos, assim como conhecer suas respectivas histórias confirmou o potencial transformador da educação e reafirmou a esperança de um mundo mais justo. Essa esperança é entendida pela ótica Freriana (2006) como capacidade de realizar e proferir mudanças. Pontuamos, ainda, que tivemos contato com todos os docentes que estavam à frente do trabalho e estes falaram sobre a importância de realizar essa tarefa, bem como levar esse conhecimento aos educandos e da necessidade de a temática da paz ser incluída no espaço educativo, manifestando o desejo de participarem de novas formações nessa perspectiva.

Infelizmente, ao estabelecermos contato com as técnicas estas já não estavam mais exercendo a função devido à dinâmica em relação à gestão; com o coordenador da escola, fizemos várias tentativas de contato, mas não conseguimos estabelecer nenhum. Assim não pudemos verificar a continuidade desta ação, mas ressaltamos que já foi válido experienciar o momento apresentado antes, tendo em vista que nos proporcionou constatar a efetivação e culminância desta ação, obtendo resultados práticos na dinâmica da escola e ganhos positivos na vida dos discentes.

Gostaríamos também de compartilhar que estivemos presentes em uma das aulas que demonstravam o resultado do “Projeto Identidade: construindo valores”, pensado pela equipe da SME que concluiu o curso de formação de educadores em Cultura de Paz, originado da necessidade de desenvolver a Cultura de Paz com os profissionais que atuam nas casas de medidas socioeducativas, no município de Fortaleza. A equipe trabalhou diretamente com os docentes que ministram aula nos espaços de medidas socioeducativas, tendo como objetivo minimizar ou melhorar as relações entre sujeitos: aluno com ele mesmo, aluno com outro aluno, aluno com o professor e o aluno com a sociedade. Apesar de termos solicitado a oportunidade de estarmos presentes durante a formação, não fomos avisados. Só pudemos conhecer a proposta, de fato, quando esta estava sendo aplicada com os discentes.

Nesse momento, acompanhamos uma aula ministrada no centro de medida socioeducativa “Patativa do Assaré”. Nesse dia, a docente estava trabalhando o projeto de vida que procura envolver as dimensões da autoestima, das emoções, da saúde emocional, exercitando a pergunta: “Qual o seu projeto de vida? Essa demanda gerou reflexões e discussões. Percebemos, então, que parte dos discentes têm desejo de mudança, outros se

sentem fadados à situação que se encontram. Prosseguindo, a docente trabalhou a confecção de um painel pedindo aos alunos para apresentarem, utilizando imagens de coisas boas e coisas ruins. Essas aulas voltadas ao projeto foram ministradas todas as quartas-feiras. De maneira geral, acreditamos que as atividades propostas contribuíram para que todos refletissem e fossem estimulados a uma nova vida.

Destacamos que a docente, em conversa informal, disse que gostou muito da proposta trazida pela equipe da SME, pontuando que esses discentes são necessitados de diferentes ações, em especial aquelas que buscam possibilitar uma reflexão sobre um novo sentido as suas vidas. Infelizmente, não pudemos dar continuidade às observações durante as aulas que se voltavam ao projeto, devido às questões burocráticas da instituição quando às medidas socioeducativas.

Por fim, pudemos constatar que, apesar das dificuldades enfrentadas em relação a questões operacionais, é possível e necessário desenvolvermos ações nesse sentido nos diferentes espaços educativos.

## 6 CONCLUSÃO

“A cultura de paz é uma iniciativa de longo prazo que leva em conta os contextos histórico, político, econômico, social e cultural de cada ser humano e sociedade. É necessário aprendê-la, desenvolvê-la e colocá-la em prática no dia a dia familiar, regional ou nacional. É um processo que, sem dúvida, tem um começo, mas nunca pode ter um fim. A paz é um processo constante, cotidiano, mas não passivo. A humanidade deve esforçar-se para promovê-la”. (MEC, 2010).

É no sentido da Cultura de Paz ser um processo, ou seja, não inacabado que finalizamos aqui mais um trabalho que ajuda a manter acesa a chama da esperança e contribui com a promoção da paz. Como grafado nas páginas iniciais, nossa trajetória sempre esteve comprometida com estudos e ações que visam a possibilitar, em especial no âmbito educacional, vivenciarmos práticas que busquem oportunizar aprendizagens que compreendam muito além de conteúdos, mas que ensinem, assim como expressa Freire (2004), a termos tolerância com as diferenças; a exercitarmos uma convivência amorosa (FREIRE, 1996); aprendermos a conviver e lidar com conflitos (JARES, 2008); além disso, essas práticas favorecem uma aprendizagem, como pontuam Matos e Castro (2011, p. 32), permanente do diálogo e da escuta sensível, ou seja, que nos possibilita viver melhor.

Acreditamos que é possível vivenciarmos uma cultura de paz, pois o ser humano é capaz de construí-la. Nesse sentido, contribuir com a formação de educadores é fundamental, pois estes são agentes importantes no processo de desenvolvimento dessa cultura, podendo ser disseminadores dessa proposta nos espaços onde atuam, pois lidam diretamente com a formação de jovens e crianças. Portanto, investir em propostas formativas e em pesquisas acerca do tema paz irá oportunizar a semeadura dessa proposta.

No percurso realizado durante o desenvolvimento do trabalho, confirmamos ser o processo formativo imprescindível para o desenvolvimento das ações, pois foi por meio deste que os educadores passaram a entender alguns conceitos como paz, cultura de paz, educação para a paz, conflito e, em especial, sua aplicabilidade na prática, ou seja, estruturar atividades e ações a partir das temáticas abordadas como direitos humanos e conflito assim como também relacionar o tema central a outras dimensões não diretamente trabalhadas, mas que têm sua concepção ligada à proposta. Assim, compartilhamos com Mattos (2006) a ideia de que o educador deve investir no seu aperfeiçoamento, para contribuir, efetivamente, com outras pessoas.

Destacamos que a formação não pôde se estender até a escola porque não era o objetivo, mas por si só, já produziu mudança no comportamento dos educadores que concluíram a formação.

Nessa perspectiva, retomando os objetivos propostos neste estudo e os dados coletados e apresentados pelos participantes, verificamos que, apesar das dificuldades elencadas referentes às demandas do próprio sistema educativo, é possível sim a realização de ações voltadas à construção de espaços de paz, e sobretudo, a possibilidade do desenvolvimento de práticas nesse sentido, pois, apesar dos entraves no que se refere a questões burocráticas, ao excesso de conteúdo que está atrelado ao currículo ainda voltado precisamente apenas para questão conteudista, sem considerar outros aspectos e dimensões também necessárias à formação humana, as ações foram realizadas e as sementes foram disseminadas.

Destacamos que a educação conteudista embarga a criatividade dos educadores na busca da cultura de paz em espaços educativos, é necessário buscar meios para que possamos incluir junto a matriz curricular temáticas que possam entrelaçar uma discussão que envolva aspectos da educação para a paz.

O percurso se revelou com muitas aprendizagens e trabalho árduo com muitos percalços. Pudemos contar com a colaboração de muitos educadores que se mostraram, a todo momento, sensíveis à discussão, acima de tudo, acreditando num trabalho voltado a essa questão e querendo, apesar dos desafios enfrentados em algum momento, continuar com a já iniciada disseminação da proposta.

Ressaltamos aqui o papel fundamental da ação ter sido realizada a partir do projeto de extensão desenvolvido na Faculdade de Educação, enriquecendo assim o papel e relação da academia com o ensino, pesquisa e extensão, possibilitando, assim, o acesso à comunidade externa, tornando favorável a troca de conhecimentos tão necessários à prática

educativa, bem como a produção de saberes, contribuindo para uma edificação da cultura de paz.

A pesquisa mostrou que a formação de educadores em Cultura de Paz contribuiu para que esses educadores não apenas repensassem ou agregassem às suas práticas uma nova maneira de atuação, mas também favoreceu o conhecimento teórico e prático sobre a temática em questão, podendo fortalecer assim trabalhos posteriores que envolvam componentes de uma educação para a paz.

Ao mesmo tempo, é importante destacarmos que educadores participantes da referida formação passaram a ressignificar os conceitos demonstrando ideias novas em relação a vivenciar conflitos, a conceber a paz não como passividade, o que pudemos constatar, em especial, nas discussões apresentadas durante os fóruns propostos no ambiente virtual de aprendizagem e em especial na realização das ações.

A ressignificação pode ser constatada no que se refere à paz antes compreendida apenas como tranquilidade e passividade. Passando a ser associada à prática do respeito, à convivência com as diferenças e a igualdade de direitos, podemos dizer que passa a ser visto a partir de uma ótica positiva (JARES, 2002). Ou como orienta Freire (2006) uma paz intrinsecamente associada aos processos de transformação social, sendo possível promover a igualdade e o respeito.

Além do tema paz, acrescentamos também uma nova percepção do tema conflito, visto inicialmente como algo apenas negativo; tal tema passou a ser visto como parte da vida, ou seja, inerente à condição humana, sendo o diferencial apenas a maneira que lidamos com estes e que ferramentas utilizamos para tal finalidade. Essa concepção é ligada a autores como Guimarães (2006) o qual diz ser o conflito um dos modos de existência em sociedade, não sinônimos de desentendimentos, sendo a resposta a estes que os torna construtivos ou destrutivos.

Importante dizer que, apesar de constarmos as contribuições dessa formação, a possibilidade e a efetivação de práticas nessa perspectiva, é imprescindível pontuarmos, ainda, outros aspectos identificados durante o desenvolvimento da pesquisa, os quais não contribuíram ou favoreceram para a efetivação e o desenvolvimento de um trabalho mais consistente, voltado à disseminação de uma Cultura de Paz, assim destacamos a questão da presença marcante de uma educação conteudista e de certa maneira engessada que não contribuiu para construção criativa e autônoma. Tal constatação é devida a não consideração da realidade e individualidade de cada espaço de projetos diversificados que se direcionem às

necessidades apresentadas em cada instituição, sendo um exemplo disso a necessidade de trabalho voltados à paz.

Destacamos ainda que outros aspectos poderiam ter sido considerados para análise, mas como não estavam contemplados pelos nossos objetivos, os apontamos como base para futuras pesquisas como a aplicação de técnicas de reflexão em sala de aula, intervenção no cotidiano escolar, grupo de controle para observação durante 3 ou 4 anos.

As práticas de educação para a paz em âmbito escolar serão possíveis mediante processos de formações continuadas e permanentes. Elas colaboram para modificar as concepções e práticas dos educadores em suas vidas e no cotidiano escolar.

Portanto, é preciso fortalecer cada vez mais ações de formação como essa, propondo outras atividades em outros espaços, propagando assim o trabalho voltado à paz, lutando por ações concretas e políticas públicas permanentes que tenham como principal intuito fortalecer e efetivar espaços de paz e a construção de uma cultura de paz.

Estamos colaborando para que isso se torne realidade, deixamos assim expressa nossa satisfação em ter realizado este trabalho e que sirva de inspiração a outros, assim, voltamo-nos à construção de um solo fértil de esperança, responsabilidade com novas práticas que tenham possibilidade de transformar vários espaços educativos.

## REFERÊNCIAS

AHMAD, Fernanda Broll Carvalho. Educação para Valores: uma alternativa para a convivência humana. **Revista do Ministério Público**. Rio Grande do Sul, n. 58, p. 91-128, maio/ago. Disponível em: <[www.mp.rs.gov.br](http://www.mp.rs.gov.br)> Acesso em: 15 jan. 2009.

ALMEIDA, Sílvio Vaz de. Viver a paz, viver em paz. *In*: DISKIN, Lia. **Vamos Ubuntar?** Um convite para cultivar a paz. Brasília: UNESCO, Fundação Vales, Fundação Palas Athena, 2008. 97 p.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3.ed. – ver e ampl. – São Paulo: Moderna, 2006.

ARETIO, Lorenzo Garcia. Para uma Definição de Educação a Distância. *In*: LOBO NETO, Francisco José da Silveira. (Org.) **Educação a distância: fundamentos e práticas**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional; Brasília: Plano Editora, 2001.

ATIÉ, Lourdes. Educação para a paz. **Pátio Revista Pedagógica**. Ano VI. n. 21. maio/jul. 2002.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

BENEVIDES, Maria Victoria. **Educação em direitos humanos: de que se trata?** Biblioteca digital interna da subsecretaria de direitos humanos da SEADH – ES. 2000. Disponível em: <[www.rcdh.es.gov.br](http://www.rcdh.es.gov.br)> Acesso em: 19 maio 2017.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

\_\_\_\_\_. Bases para a Cultura da Paz. *In*: MAGALHÃES, Dulce. **A paz como caminho**. Rio de Janeiro, Quality, 2006.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualidade em educação**. Portugal: editora Porto. 1994.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; MATOS, Kelma Socorro Lopes de. (Orgs.) **Juventudes, cultura de paz e violências na escola**. Fortaleza: UFC, 2006.

BORBA, Francisco S. **Dicionário UNESP de português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A canção das sete cores: educando para a paz**. – São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. **Decreto 5.622**, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o Art.80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm)>. Acesso em: 22 agos. 2015.

BROLEZZI, Antonio Carlos. Empatia na relação aluno/professor/conhecimento. Revista de psicologia. v. 17, Nº.27, Ano 2014. Disponível: <www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/download/2992/2812 Acesso em: 03 abr. 2017.

CARNEIRO, Maria Joyce Maia Costa. **Jovens da escola de ensino médio Wladimir Roriz: construção da cultura de paz e dos valores humanos.** 232 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CARNEIRO, Maria Joyce Maia Costa; DIÓGENES, Elione Maria Nogueira. Educação em Direitos Humanos & Educação para a Cultura de Paz: Componentes Curriculares Inovadores. In: MATOS, Kelma S. L. de. (Org.) **Cultura de paz, educação e espiritualidade II.** Fortaleza: Impreco; Eduece, 2015.

CASTRO, Livia Maria Duarte de; MATOS, Kelma S. L. de. Valores Humanos no Liceu Domingos Sávio: Projeto por uma Escola de Paz. In: MATOS, Kelma S. L. de. **Cultura de paz, educação e espiritualidade.** Fortaleza: Edições UFC, 2015.

CASTRO, Livia Maria Duarte de. **Valores humanos na escola:** em busca da sensibilidade na prática docente. 2012.146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

\_\_\_\_\_. **Qualidade do ensino na educação a distância:** visão de discentes do curso de especialização em educação a distância da UECE. 2015. 34f. Trabalho de Conclusão de Especialização. – Coordenação do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação a Distância da UECE. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

COSTA, José Wilson da; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M. **Redes sociais digitais na educação:** relatos de pesquisa. V Seminário Internacional de Educação a Distância. PUC Minas – Programa de Pós-graduação em Educação. 2013. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/ead/seminario/anais/pdf/Anais\\_V\\_SIEAD.pdf](https://www.ufmg.br/ead/seminario/anais/pdf/Anais_V_SIEAD.pdf)> Acesso em 10 jan. 2015.

COSTA, Natacha. Educação e empatia: caminhos para a transformação social. In: YIRULA, Carolina Prestes (org). **A importância da empatia na educação.** 1ªed. São Paulo. Instituto Alana. 2016.

DELORS, Jacques. **Educação:** um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo. Ed. Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento.** Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1996.

DIAS, Lúcia Vanda Rodrigues. **Se é de Paz pode chegar, entrar na roda e jogar:** formação de educadores da Associação Zumbi Capoeira em Cultura de Paz. 226f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

DIAS, Lúcia Vanda Rodrigues; MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Educando para a paz com Valores Humanos na Roda de Capoeira. *In*: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. (Org). **Cultura de paz, educação e espiritualidade II**. Fortaleza: Imprece; Eduece, 2015.

DISKIN, Lia. **Vamos Ubuntar? Um convite para cultivar a paz**. Brasília: UNESCO, Fundação Vales, Fundação Palas Athena, 2008. 97p.

FEVORINI, Luciana. Empatia e solidariedade. *In*: YIRULA, Carolina Prestes (Org.). **A importância da empatia na educação**. 1ªed. São Paulo. Instituto Alana. 2016.

FIGUEIREDO, João B. A. educação ambiental dialógica, eco – espiritualidade e cultura de paz: saberes e fazeres para a emancipação humana e transformação social. *In*.: MATOS, Kelma S. L. de. (Org.) **Cultura de paz, educação e espiritualidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

\_\_\_\_\_. O problema é a questão. *In*: SILVA, Maria Eleni Henrique da; FIGUEIREDO, João B. A. **Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire II**: reflexões e possibilidades em movimento. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 51 – 79.

\_\_\_\_\_. **Educação ambiental dialógica**: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

FREIRE, Paulo. A educação e processo de mudança social in **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.p. 27 – 32.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da tolerância**. Organização e notas Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2006.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, Ernani Batista; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-zook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em: 09 set. 2015.

GOUVÊA, Guaracira; OLIVEIRA, Carmen Irene de C. **Educação a distância na formação de professores**: viabilidades, potencialidades e limites. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

GUIA DO PROFESSOR ORIENTADOR. Disponível em: [www.cesupa.br/saibamais/Monitoria/Docs/Gui\\_do\\_professor-orientador.doc](http://www.cesupa.br/saibamais/Monitoria/Docs/Gui_do_professor-orientador.doc) 2007. Acesso em: 24 jan.2017.

GUIMARÃES, Dom Irineu Rezende. **Educação para a paz: sentidos e dilemas**. 2 ed – Caxias do Sul, RS: Educus, 2011.

\_\_\_\_\_. Educação para a paz e novas tecnologias. **Revista Conjectura**. Caxias do Sul, v. 14, n. 3, p. 167-188, set./dez. 2009. Disponível em: <[www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/39/37](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/39/37)>. Acesso em: 13 dez. 2013.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. A Educação para a Paz como exercício da ação comunicativa: alternativas para a sociedade e para a educação. **Revista Educação**, n. 2. p. 329-368, maio/ago. Porto Alegre. 2006 a. Disponível em: <[www.revistaseletronicas.pucrs.br](http://www.revistaseletronicas.pucrs.br)>. Acesso em: 13 maio 2010.

\_\_\_\_\_. **Aprender a educar para a paz: Instrumental para capacitação de educadores em educação para a paz**. Goiás: Rede Paz. 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação para a paz: sentidos e dilemas**. Caxias do Sul: EDUCUS, 2005.

\_\_\_\_\_. **Um novo mundo é possível: dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

HENGEMUHLE, Adelar. **Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HERKENHOFF, J. B. **Curso de direitos humanos**. São Paulo: Editora Santuário, 2011.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

JARES, Xesus Rodrigues. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2. Ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educar para a paz em tempos difíceis**. Trad. Elizabete de Moraes Santana. São Paulo: Atenas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da convivência**. Trad. Elizabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2008.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88 p. Disponível em: <<http://www.pgcl.uenf.br/2013/download/livrode Metodologia da pesquisa 2010.pdf>> Acesso em: 09 set. 2015.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO. Rosa Maria de Almeida. **Juventudes, cultura de paz e escola: transformando possibilidades em realidade**. 196f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MACEDO. Rosa Maria de Almeida. A Paz: reflexões em torno de um conceito. *In*: MATOS, Kelma S. L. de. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade II**. Fortaleza: Editora UFC, 2011, p. 100-113.

MAIA, José Everardo Bessa; VIDAL, Eloísa Maia. **Educação a distância na UECE: uma proposta estratégica para o Ceará do futuro**. 2010. Disponível em: <[www.uece.br/sate/index.php/downloads/category/17-ch012011texts?](http://www.uece.br/sate/index.php/downloads/category/17-ch012011texts?)> Acesso em: 20 fev. 2015.

MARTINELLI, Marilu. **Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos**. – SP: Petrópolis, 1996.

MATOS, Kelma Socorro L. Juventude, paz e espiritualidade: opção por uma prática educativa ético-amorosa. *In*: IBIAPINA, Ivana; CARVALHO, Maria Vilani (Orgs.). **A pesquisa como mediação de práticas socioeducativas**, apresentado no IV Encontro de Pesquisa em Educação. UFPI, Teresina: EDUFPI, 2006a. p. 167 – 177.

\_\_\_\_\_. Vivência de Paz: O Reiki na escola Parque 210/211 Norte – Brasília. *In*: BOMFIM, Maria do Carmo; MATOS, Kelma Socorro L. de. **Juventudes, cultura de paz e violências na escola**. Fortaleza: UFC, 2006b, p.15-32.

\_\_\_\_\_. Juventudes e Cultura de Paz: diálogos de esperança. *In*: **Linguagens, educação e sociedade**. Teresina, Ano 12, n. 16, p.65-70, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. A paz protege: Cultura de Paz, juventudes e docentes. *In*: MATOS, Kelma S. L. de. NONATO JUNIOR, Raimundo Nonato (Orgs.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2010, p.19-30.

MATOS, Kelma Socorro L.; PIERRE, Claudia Maria Moura. RODRIGUES, Lúcia Vanda. Apresentação. *In*: MATOS, Kelma S. L. de. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade IV**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

MATOS, Kelma Socorro L; BRAGA, Jaceline de Lima. Tornando visíveis as tentativas de paz nas escolas: a EMEIF Deputado Manuel Rodrigues. *In*: MATOS, K.S.L.A. de; NASCIMENTO, Verônica S. do; NONATO JÚNIOR, Raimundo. (Orgs.) **Cultura de paz do conhecimento à sabedoria**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 30-37.

MATOS, Kelma Socorro L; CASTRO, Livia Maria D. de; SILVA, Elida Mônica S. da; MATOS, Catarina da Graça A. História de Vida e Educação para a Paz: uma experiência com Oficinas. *In*: **Cultura de paz, ética e espiritualidade IV**. Fortaleza: Editora UFC, 2014, 51-65.

MATOS, Kelma Socorro L; CASTRO, Livia Maria D. de. Valores humanos e afetividade, conceitos importantes para a construção de relações no espaço escolar. *In*: MATOS, Kelma S. L. de. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade III**. Fortaleza: edições UFC, 2012.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Valores Humanos e Cultura de Paz nas escolas e na vida: o programa cinco minutos em valores humanos. *In: Cultura de paz, ética e espiritualidade II*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, 32 - 45.

MATOS, Kelma Socorro A. L.; CASTRO, Livia Maria D. de; MATOS, Catarina da Graça A. Cultura de Paz e formação de professores: oficinas pedagógicas com harmonização e valores humanos. *In: Cultura de Paz, ética e espiritualidade II*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, 46 - 55.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; PIERRE, Claudia Maria Moura. RODRIGUES, Lúcia Vanda. Apresentação. *In: MATOS, Kelma S. L. de. (Org.). Cultura de paz, ética e espiritualidade IV*. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

MATOS, Kelma Socorro L. de; SAMPAIO, Daniela Dias Furlani. Espiritualidade e Educação: Meditação pela Paz com Jovens em Fortaleza. *In: MATOS, Kelma S. L. de; NONATO JUNIOR, Raimundo Nonato (Orgs.). Cultura de paz, ética e espiritualidade*. Fortaleza: Editora UFC, 2010, p. 50-60.

MATOS, Kelma Socorro L. de; NONATO JÚNIOR, Raimundo. Escolas, Paz e Espiritualidade – Transversalidades na educação. *In: MATOS, K.S.L. Cultura de paz, educação ambiental e movimentos sociais*. Fortaleza: Ed. UFC, 2006.p17-25.

MATOS, Kelma Socorro L. de. VIEIRA, S. L. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Edições Democrática Rocha, 2001.

MEC. **Cultura de paz: da reflexão à ação – balanço da década internacional da promoção da cultura de paz e não-violência em benefício das crianças do mundo**. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010, 256 p.

MELLO, Maria Alba Guedes Machado. **A Educação em valores como um movimento de renovação pedagógica**. (2009). Disponível em: <[www.artigos.com](http://www.artigos.com)>. Acesso em 02 jan. 2011.

MESQUITA, Maria Fernanda Nogueira. **Valores humanos na educação: uma nova prática na sala de aula**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

MILANI, Feizi Masrour. Cultura de paz x violências: papel e desafios da escola. *In: MILANI, Feizi Masrou; PEREIRA, Rita de Cássia Dias de. (Orgs.) Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003, p. 369 -386.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

\_\_\_\_\_. O desafio da pesquisa social. *In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 32.ed.Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOEHLECKE, Sabrina. Por uma cultura de educação em direitos humanos. *In: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. (Orgs)*

**Impactos da violência na escola:** um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Editora FIOCRUZ, 2010.

MONTESSORI, Maria. **A educação e a paz.** Trad. Sonia Maria Alvarenga Barga. Campinas, SP: PAPIRUS, 2004.

MOREIRA, M; ARNOLD, S.B.T; ASSUMPCÃO, S B. A EAD no processo de democratização do ensino superior no Brasil. *In: SEED – MEC. Desafios da educação a distância na formação de professores* – Secretaria de Educação a Distância. Brasília. 2006, p. 191 – 210.

MOREIRA, Virginia; TORRES, Rafael Bruno. Empatia e redução fenomenológica: possível contribuição ao pensamento de Rogers. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 65, n. 2, maio/agos. 2013, p. 181-197. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229028926003>>. Acesso: em 19 dez. 2016.

MOTTA, Danielle da Cunha; FALCONE, Eliane Mary de Oliveira; CLARK, Cynthia. MANHÃES, Alex C. Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 11, n. 3, p. 523-532, set./dez. 2006. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v11n3/v11n3a07.pdf>> Acesso: 15 jan. 2017.

MUNDIM, Kleber Carlos. Ensino a distância no Brasil: problemas e desafios. *In: SEED – MEC. Desafios da educação a distância na formação de professores* – Secretaria de Educação a Distância. Brasília, 2006, p. 119-126.

NASCIMENTO, Elizangela Lima do. **Semeando paz nas escolas do Bom Jardim:** Estudo de Caso no Curso Jovens Agentes da Paz – JAP. 2012. 110.f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

\_\_\_\_\_. **RUAH, o sopro da vida:** Cultura de Paz, Sonhos e Esperanças nas Juventudes do Lar Fabiano de Cristo. 2014. 165.f. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

NEVES, C. M. C.; MEDEIROS, L. M. L. Mídias na Educação. *In: SEED – MEC. Desafios da educação a distância na formação de professores* – Secretaria de Educação a Distância. Brasília. 2006, p. 191– 210.

NOUSIAINEN, Saara. **Ensinando valores humanos a crianças e adolescentes.** 1ª ed – Fortaleza: Edições Caminhos de Harmonia, 2009.

\_\_\_\_\_. **Cinco minutos de valores humanos para a escola 5º ano 1º semestre.** 1ª ed – Fortaleza: Edições Caminhos de Harmonia, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 3ª.ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 2010.

OLMOS, Ana. Empatia: algumas reflexões. *In: YIRULA, Carolina Prestes (Org.). A importância da empatia na educação.* 1ªed. São Paulo: Instituto Alana. 2016.

PAIXÃO, Divaneide Lira Lima; MONTEIRO, Viviane Rodrigues Viana. **A importância dos valores humanos na convivência escolar**. Disponível em: <portifoliokaremevsusp.blogpot.com.br/2010/10/modulo-2-semana-2- construcao.html>. Acesso em: 06 abr. 2011.

PEREIRA, Teresa Maria Monteiro. Resenha de um tempo na FAGED. *In*: BRANDÃO, Maria de Lourdes Peixoto; MACIEL, Terezinha de Jesus Pinheiro; BEZERRA, José Arimatea Barros. (Orgs.). **Pedagogia UFC 50 anos**: narrativas de uma história (1963 – 2013). Fortaleza: Edições UFC, 2014, p.167 – 190.

PIERRE, Claudia Maria Moura; MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Cultura de paz e condutas democráticas. *In*: MATOS, Kelma S. L. de. (Org.). **Cultura de paz, educação e espiritualidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

PUREZA, José Manuel. Estudos sobre a Paz e Cultura de Paz. *In*: Prevenção de conflitos e Cultura de Paz. **Revista Nação e Defesa**. n. 95/96, out. 2000, p.33 – 42. Instituto de defesa nacional. Lisboa. Disponível em: <<https://eg.sib.uc.pt/bitstream/10316/13119/1/Estudos%20sobre%20a%20paz%20e%20cultura%20da%20paz.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

RANIERI, L. P; BARREIRA, C. R. A. (2012). A empatia como vivência. **Memorandum**. n. 23, p. 12 – 31. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a23/ranieribarreira01>>. Acesso: 16 nov. 2016.

RIBEIRO, Maurício Andrés. Caminhos para uma Cultura da Paz com a natureza. *In*: MAGALHÃES, Dulce. **A paz como caminho**. Rio de Janeiro, Quality, 2006.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima; PRATA, Michelle Santana; BATALHA, Taila Beatriz Silva; COSTA, Carmen Lúcia Neves do Amaral; NETO, Irazano de Figueiredo Passos. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**. Aracaju. v. 1 , n. 16, p. 141 – 148, 2013. Disponível: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/viewFile/494/254> Acesso em: 22 jul. 2016.

RODRIGUES, Igor Lima. **Ferramenta computacional**. Fortaleza, 2014.

SALDANHA, Lindyr. Memórias de meu tempo de aluna na FAGED. *In*: BRANDÃO, Maria de Lourdes Peixoto; MACIEL, Terezinha de Jesus Pinheiro; BEZERRA, José Arimatea Barros. (Orgs.). **Pedagogia UFC 50 anos**: narrativas de uma história (1963 – 2013). Fortaleza: Edições UFC, 2014, p. 161-166.

SALES, Lilia Maia de Moraes; ALENCAR, Emanuela Cardoso Onofre de. **Mediação de conflitos escolares**: uma proposta para a construção de uma nova mentalidade nas escolas. Pensar, Fortaleza, v.9, n, 9, p. 89-96, fev.2004.

SALLES FILHO, Nei Alberto. Formar educadores para a paz: entre utopia, demanda social e indícios de um novo paradigma educacional. *In*.: MATOS, Kelma S. L. de. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade II**. Fortaleza: Editora UFC, 2011, p. 156 – 174.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **A pedagogia do ser**: educação dos sentimentos e dos valores humanos. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SCHIFFER, Mônica Brunner; PEROZA, Juliano. **Educação em valores humanos e a proposta de Freire na formação docente**. Disponível em: <<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt10/ComunicacaoOral/MONICA%20BRUNNER%20SCHIFFER.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

SCHLEMMER, Eliane. Metodologias para educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem. In: BARBOSA, Rommel Melgaço (Org.). **Ambientes virtuais de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 29-50.

SERRANO, Glória Pérez. **Educação em valores: como educar para democracia**. Trad. Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. Editora S. A. 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Auricélia da. P@zeando na WEB. In.: MATOS, Kelma Socorro A. L. de. (Org.) **Cultura de paz, ética e espiritualidade II**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SILVA, Maria Eleni Henrique da. Perspectiva eco – relacional e proposta freiriana: contribuições para pensar a formação de professores. In.: SILVA, Maria Eleni Henrique da. FIGUEIREDO, João B. A. **Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire II: Reflexões e possibilidades em movimento**. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 95-127.

SILVA, Valéria. **Ensino, pesquisa e extensão: uma análise das atividades desenvolvidas no GPAM e suas contribuições para a formação acadêmica**. Vitória, nov. 2011. Base de dados do Scielo. Disponível em: <[http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf)>. Acesso em: 22 agos. 2016.

SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo. **A extensão universitária: definição, propósitos, estratégias e ferramentas**. 2001. Disponível em: <[zwww.cesupa.br/saibamais/Monitoria/Docs/Guia\\_do\\_professor-orientador.doc](http://zwww.cesupa.br/saibamais/Monitoria/Docs/Guia_do_professor-orientador.doc)>. Acesso em: 20 agos. 2016.

SOUZA, Gláucia Mirian de Oliveira. Redes Sociais e uso na EAD. In.: NUNES, João Batista Carvalho; SOUZA, Gláucia Mirian de Oliveira. (Org.) **Tecnologias da Informação e Aprendizagem**. Edição UAB/UECE. Edição Fortaleza, 2015.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, nº 14, maio/jun./jul./ago., 2000, p.61 – 88.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

\_\_\_\_\_. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

THIOLLENT, Michel; COLETTE, Maria Madalena. **Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade**. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences Maringá, v. 36, n. 2, p. 207-216, jul./dez. 2014. Disponível: [periodicos.uem.br](http://periodicos.uem.br) Capa v. 36, n.2 (2014). Acesso: 10 agos. 2016.

TILLMAN, Diane; COLOMINA, Pilar Quera. **Programa vivendo valores na educação.** Guia de Capacitação do Educador. Trad. de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Confluência, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz:** por uma nova consciência, por uma nova educação. Trad. Helena Roriz Taveira, Hélio Macedo da Silva. São Paulo: Editora Gente, 1993.

XUS, M.G; PUIG, J.M. **As competências básicas para educar em valores.** São Paulo: Summus, 2010.

YUS, Rafael. **Educação Integral:** uma educação holística para o século XXI. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

P1: Pela paz a gente canta, a gente berra. Pela paz eu faço mais. Eu faço guerra.

Você já participou de algum curso ou atividade sobre Cultura de Paz? Caso tenha participado diga qual (is)?

---

Quais suas expectativas em relação ao curso?

P2: Quais aprendizagens você pretende obter?

P3: O que você acha que o curso pode oferecer para sua vida profissional e pessoal?

P4: Explícite questões motivacionais e práticas que @ levaram a participação no curso.

P5: Para você o que é Paz?

P6: O que você entende por Educação para Paz?

P7: O que você compreende por Cultura de Paz?

P8: Você já desenvolveu alguma ação no sentido de promoção da Cultura de Paz? Caso positivo faça um breve relato.

P9: No local onde trabalha existe algum projeto ou ação que tenha como proposta a promoção da cultura de paz? Explique rapidamente.

P10: Como pretende realizar o trabalho de disseminação, formação com os professores em Cultura de Paz ou ações no espaço onde atua?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

### Termo de Consentimento livre e Esclarecido

Pesquisa: Formação de Educadores em Cultura de Paz

Pesquisador Coordenador: Livia Maria Duarte de Castro

1. Natureza da Pesquisa - Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa intitulado Cultura de paz e formação de educadores: estimulando a construção de espaços de paz que tem como objetivo analisar as percepções dos sujeitos envolvidos na formação, sobre o que compreendem por cultura de paz; identificando quais as contribuições dessa formação e propor o desenvolvimento de projetos analisando o processo.
2. Participantes da Pesquisa - Serão observados todos os educadores participantes do curso, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, onde coletaremos suas percepções, observações e experiências com a metodologia proposta.
3. Envolvimento na pesquisa – ao participar deste estudo você permitirá a pesquisadora Profa. Livia Maria Duarte de Castro que o observe em aulas, em formações, em atividades desenvolvidas nos espaços onde atuam. Você poderá ser convidado a uma entrevista conforme sua disponibilidade. Você tem a liberdade de recusar a participar e pode ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa sem prejuízo para você. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com a coordenadora da pesquisa Profa. Livia Maria Duarte de Castro no telefone 988453616 e e-mail liviaant22@yahoo.com.br.
4. Risco e Desconforto - A participação nesta pesquisa não traz complicações, nem desconforto. Os procedimentos de pesquisa utilizados nesta pesquisa seguem as normas éticas de pesquisa com seres humanos e não oferecem risco a integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece risco à sua dignidade.
5. Confidencialidade - Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Ao ser observado durante as atividades do curso e a ações desenvolvidas nos espaços onde atuam, a pesquisadora tomará notas, mas seu nome e o nome de seus colegas serão preservados. No caso de você ser entrevistado, suas respostas serão gravadas, para facilitar a análise das respostas, quando permitido; porém, sua identidade não aparecerá em nenhum documento. Em vez de seu nome, aparecerá um código nos relatórios dessa pesquisa.

Se você der autorização por escrito, a utilização das transcrições das gravações será efetivada somente para fins de ensino e pesquisa durante debates e encontros científicos.

6. Benefícios ao participar desta pesquisa – você terá o benefício de cursar a formação em Cultura de Paz, obtendo, se participar de todas as etapas propostas, certificado de 80h/a. Esperamos que, por meio desta pesquisa, você nos forneça informações importantes sobre suas percepções, aprendizagens e como irão trabalhar com Cultura de Paz. Esperamos que essas informações possam ser usadas no futuro em benefícios dos estudantes e docentes que compõem o espaço educativo onde atuam.

7. Pagamento – você não terá despesas ao participar desta pesquisa, e nada será pago por sua participação. Emitiremos ao fim da pesquisa um relatório contendo os resultados do estudo, onde a socialização dos resultados também poderá ser solicitada conforme o interesse dos participantes dessa pesquisa. Tendo em vista os itens acima citados, eu de forma livre e esclarecida manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de março de 2016.

---

Nome do Participante

---

Profa. Livia Maria Duarte de Castro (pesquisadora)

## APÊNDICE C – ESTRUTURA DO CURSO

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ FACULDADE DE EDUCAÇÃO GRUPO DE PESQUISA CULTURA DE PAZ, JUVENTUDES E DOCENTES CURSO FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM CULTURA DE PAZ

O curso será realizado na modalidade semipresencial com a primeira turma prevista para o primeiro semestre de 2016, com carga horária de 80h/a. Assim distribuídas: 20 horas presenciais com 5 encontros e 51 a distância sendo necessário disponibilidade de 3 horas semanais para desenvolvimento das atividades propostas através do ambiente virtual de aprendizagem. E 9 horas reservadas a elaboração de plano de ação.

#### PLANEJAMENTO DO CURSO

<b>Objetivo Geral</b>	Formar educadores dando subsídios para que aprimorem a compreensão do conceito de uma Cultura de Paz e de outros conceitos relacionados a constituição da temática e possam ser semeadores da proposta de uma cultura de paz nos diferentes espaços que atuam.
<b>Objetivos Específicos</b>	a) Discutir e oferecer suporte teórico para fortalecer as ações realizadas no sentido da paz, bem como a compreensão do conceito. b) Oferecer aos educadores ferramentas na perspectiva da paz que possibilite trabalharem com Cultura de Paz no dia a dia. c) Estimular os educadores a refletirem e atuarem junto ações e projetos no sentido da construção de uma cultura de paz. d) Contribuir com iniciativas voltadas para construção de uma cultura de paz nos espaços educativos
<b>Ementa</b>	Conceito Paz, Cultura de Paz e Educação para a Paz. Educação e Valores Humanos (conceito, programas e experiências). Paz, Harmonização. Resolução não-violenta de conflitos. Direitos Humanos. Referências Pacifistas. Oficinas. Elaboração de Plano de ação.
<b>Carga Horária:</b>	80 horas
<b>Início do curso:</b>	16/03/2016
<b>Término do curso:</b>	02/07/2016
<b>Requisitos para certificação.</b>	Participar dos Encontros Presenciais Realizar atividades Virtuais propostas através do ambiente virtual de aprendizagem. Elaboração de um plano de ação.
<b>Ministrante:</b>	<b>Livia Maria Duarte de Castro</b>
<b>Encontros Presenciais:</b>	<b>16/03/2016</b> – Presencial – 1º Encontro <b>20/04/2016</b> – Presencial – 2º Encontro <b>18/05/2016</b> – Presencial – 3º Encontro <b>15/06/2016</b> – Presencial – 4º Encontro <b>/2016</b> – Presencial – 5º Encontro

## ORGANIZAÇÃO DOS MÓDULOS:

<p><b>MÓDULO 01</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceito de paz, cultura de paz e educação para a paz.</li> <li>• Contextualização histórica, marcos geradores, referenciais pacifistas</li> <li>• Espaços e Experiências de paz</li> </ul>
<p><b>MÓDULO 02</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Valores Humanos: experiências promotoras da paz</li> <li>• Afetividade, escola, construção de espaços de convivência</li> </ul>
<p><b>MÓDULO 03</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Resolução não-violenta de conflitos</li> <li>• Mediação de conflito e escola</li> <li>• Explorando Agenda de Haia , Manifesto 2000 e Manifesto de Sevilha</li> </ul>
<p><b>MÓDULO 04</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Direitos Humanos e Cultura de Paz</li> <li>• Propostas, Orientações e Projeto Paz</li> </ul>
<p><b>MÓDULO 05</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Harmonização e Cultura de Paz</li> <li>• História de Vida</li> </ul>

### 3.7 Bibliografia

AGENDA DE HAIA. Disponível em: <[www.comitepaz.org.br/Haia\\_3.htm](http://www.comitepaz.org.br/Haia_3.htm)>. Acesso em: 01 set. 2014.

CANDAU, Vera. **Por uma cultura de paz.** Disponível em: <[www.dhnet.org.br/direitos/bibpaz/textos/cpaz.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/bibpaz/textos/cpaz.htm)>. Acesso em: 20 maio. 2010.

CASTRO, Livia Maria Duarte de. Valores Humanos e afetividade conceitos importantes para a construção de relações no espaço escolar. In: MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). **Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade III.** Fortaleza: Edições UFC, 2012.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <[unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf](http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf)>. Acesso em: 10 agos. 2014.

DISKIN, Lia. **Gandhi e a não-violência.** Disponível em: <[http://www.palasathena.org.br/arquivos/conteudos/Gandhi\\_e\\_a\\_naoviolencia\\_LiaDiskin.pdf](http://www.palasathena.org.br/arquivos/conteudos/Gandhi_e_a_naoviolencia_LiaDiskin.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2011.

GOLDBERG, Luciane Germano; OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da. Educação em direitos humanos: educar para a solidariedade, a esperança e a paz. In MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (org). **Cultura de paz, ética e espiritualidade IV.** Fortaleza: Edições UFC, 2014.

JARES, Xesus R. **Sobre a convivência e os conteúdos de uma pedagogia da convivência.** Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/download/Cap%C3%ADtulo%20I%20Pedagogia%20da%20conviv%C3%Aancia%20-%20excerto.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

LUVARTE CANAL. Os 30 artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos em animação - narração: Luciano Victor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tDzOf2-iryY>> Acesso em: 22 agos. 2014.

MACHADO, Bruno. Mudar o mundo. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=pJ5LjmO9FZ8](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=pJ5LjmO9FZ8)> Acesso em: 01 set. 2014.

MANIFESTO DE SEVILHA. Disponível em: <http://www.londrinapazeando.org.br/index.php/unesco/422>. Acesso em: 20 agos. 2013.

MANIFESTO UNESCO 2000. Disponível em: <[www.uel.br/prograd/trote/documentos/manifesto\\_unesco\\_2000.pdf](http://www.uel.br/prograd/trote/documentos/manifesto_unesco_2000.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2010.

MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. NASCIMENTO, Verônica Salgueiro do. Construindo uma cultura de paz: O projeto “Paz na Escola” em Fortaleza. In MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de [org]. **Cultura de paz, Educação Ambiental e Movimentos Sociais:** Ações com sensibilidade. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

\_\_\_\_\_. NASCIMENTO, Elizângela Lima do. CASTRO, Livia Maria Duarte de. Semeando a Paz: Escolas e Sujeitos em Busca de valores. In: NONATO JUNIOR, Raimundo; NASCIMENTO, Verônica Salgueiro do MATOS; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Orgs.). **Cultura de Paz do Conhecimento à Sabedoria.**- Fortaleza: Edições UFC, 2008.

\_\_\_\_\_. NASCIMENTO, Elizângela Lima do. Educação e Espiritualidade: Formação do Educando no Programa de Educação em Valores Humanos Sathya Sai Baba. In: NONATO JUNIOR, Raimundo; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Orgs.) **Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade.** Fortaleza: Edições UFC, 2010.

\_\_\_\_\_. CASTRO, Livia Maria Duarte de. Valores Humanos e Cultura de Paz nas escolas e na vida: o programa Cinco minutos em Valores Humanos. In: MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). **Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade II.** Fortaleza: Edições UFC, 2011.

MOURA, Marcos. **Um vídeo para refletir e resgatar seus valores.** Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=bhCNmp3VF3w](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=bhCNmp3VF3w)> Acesso em: 23 agos. 2014.

NOVA ESCOLA. Como a escola pode prevenir conflitos. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_dmFKoV5x6k](https://www.youtube.com/watch?v=_dmFKoV5x6k). Acesso em: 02 set. 2014.

REDE TVT. **Para você ver:** Cultura de Paz. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?feature=playerdetailpage&v=Izme8ty0zAc>> Acesso em: 20 agos. 2014.

SALLES FILHO, Nei Alberto. Paz Positiva, Paz Negativa e o Conflito como elementos centrais na construção da Educação para a paz. In MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de [org]. **Cultura de paz, ética e espiritualidade IV.** Fortaleza: Edições UFC, 2014.

SALES, Lilia Maia de Moraes. **Mediação de conflitos escolares**: uma proposta para a construção de uma nova mentalidade nas escolas. Disponível em: <[ojs.unifor.br/index.php/rpen/article/download/751/1613](http://ojs.unifor.br/index.php/rpen/article/download/751/1613)>. Acesso em: fev. 2005.

WEIL, Pierre. **Viver em Paz**. Disponível em: <<http://pierreweil.pro.br/1/Novas/Novas-61.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

#### **4. CRÉDITOS**

Autores do curso (proponentes).

Coordenação: Kelma Socorro Lopes de Matos

Ministrante: Livia Maria Duarte de Castro

Elaboração de material: Livia Maria Duarte de Castro

## APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista

- 1 - Quais as contribuições do processo formativo para que vocês compreendessem a cultura de paz. Que transformações surgiram, acrescentaram em sua prática a partir da formação?
- 2 - O que o curso facilitou no desenvolvimento da ação?
- 3 - Quais os desafios apresentados para desenvolvimento da ação?
- 4 – O que os levou a escolha do tema gerador para o desenvolvimento da oficina?
- 5 – Como e porque escolherem este público –alvo?
- 6 – Como receberam a ação?
- 7 – A ação ficou apenas no momento da oficina ou foi dado continuidade? Pensar em fazer outros trabalhos nessa perspectiva?
- 8 – A partir do momento realizado, vocês tiveram retorno se foi desenvolvido alguma ação por eles nas escolas?
- 9 - Por que não desenvolveram um trabalho mais amplo?
- 10- Existe possibilidade, desejo de retomar esse trabalho?

**ANEXO A – IDENTIDADE PACIFISTA****IDENTIDADE PACIFISTA****ESCREVA SEU NOME E SEU ADJETIVO.**

---

---

**ESCREVA UMA EXPERIÊNCIA MARCANTE DE SUA VIDA QUE O DESPERTOU PARA A PAZ E A JUSTIÇA.**

---

---

---

**ESCREVA O NOME DE UM HOMEM OU MULHER QUE LHE INFLUENCIAM NA PRÁTICA DA PAZ.**

---

---

**COMO PENSA EM DESENVOLVER PRÁTICAS DE PAZ?**

---

---

---

## ANEXO B – MÚSICA MINHA ALMA

### Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero) O Rappa

A minha alma tá armada e apontada  
 Para cara do sossego!  
 (Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)  
 Pois paz sem voz, paz sem voz  
 Não é paz, é medo!  
 (Medo! Medo! Medo! Medo!)

Às vezes eu falo com a vida  
 Às vezes é ela quem diz  
 "Qual a paz que eu não quero conservar  
 Pra tentar ser feliz?"

Às vezes eu falo com a vida  
 Às vezes é ela quem diz  
 "Qual a paz que eu não quero conservar  
 Pra tentar ser feliz?"

A minha alma tá armada e apontada  
 Para a cara do sossego!  
 (Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)  
 Pois paz sem, paz sem voz  
 Não é paz é medo  
 (Medo! Medo! Medo! Medo!)

Às vezes eu falo com a vida  
 Às vezes é ela quem diz  
 "Qual a paz que eu não quero conservar  
 Pra tentar ser feliz ?"

Às vezes eu falo com a vida  
 Às vezes é ela quem diz  
 "Qual a paz que eu não quero conservar  
 Pra tentar ser feliz ?"

As grades do condomínio  
 São pra trazer proteção  
 Mas também trazem a dúvida  
 Se é você que tá nessa prisão

Me abrace e me dê um beijo  
 Faça um filho comigo  
 Mas não me deixe sentar na poltrona  
 No dia de domingo (domingo!)

Procurando novas drogas de aluguel  
 Neste vídeo coagido  
 É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Às vezes eu falo com a vida  
 Às vezes é ela quem diz  
 "Qual a paz que eu não quero conservar  
 Pra tentar ser feliz?"

Às vezes eu falo com a vida  
 Às vezes é ela quem diz  
 "Qual a paz que eu não quero conservar  
 Pra tentar ser feliz?"

As grades do condomínio  
 São prá trazer proteção  
 Mas também trazem a dúvida  
 Se é você que tá nessa prisão

Me abrace e me dê um beijo  
 Faça um filho comigo  
 Mas não me deixe sentar na poltrona  
 No dia de domingo (domingo!)

Procurando novas drogas de aluguel  
 Neste vídeo coagido  
 É pela paz que eu não quero seguir admitindo  
 Procurando novas drogas de aluguel  
 Neste vídeo coagido  
 É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Me abrace e me dê um beijo  
 Faça um filho comigo  
 Mas não me deixa sentar na poltrona  
 No dia de domingo! (domingo!)

Procurando novas drogas de aluguel  
 Neste vídeo coagido  
 É pela paz que eu não quero seguir admitido  
 Procurando novas drogas de aluguel  
 Neste vídeo coagido  
 É pela paz que eu não quero seguir admitindo

É pela paz que eu não quero seguir  
 É pela paz que eu não quero seguir  
 É pela paz que eu não quero seguir admitido  
 É pela paz que eu não quero seguir  
 É pela paz que eu não quero seguir  
 É pela paz que eu não quero seguir admitido  
<https://www.lettras.mus.br/o-rappa/28945/>

## ANEXO C – TEXTO VALORES HUMANOS

Socorro Sousa

Na segunda década do terceiro milênio, onde os prenúncios de uma nova era se fazem presentes no imaginário popular, ainda vivenciamos indigências de valores humanos. Entendemos o papel da educação neste cenário, no entanto, continuamos mergulhados numa catástrofe ético-moral em que se faz urgente profundas reflexões acerca dos valores que cultuamos hoje. Não obstante as descobertas da ciência, o avanço tecnológico, as iniciativas louváveis de Organizações não governamentais (ONGS) e de voluntários em todo país, há conturbada insegurança em tudo que se almeja, se deseja ou sonha. Assalta-nos certo espanto imaginar nosso futuro, tomando por base o presente.

As notícias mais veiculadas demonstram os comportamentos **agressivos em jovens e adolescentes. A violência e o medo** jazem estampados em nosso mundo. A falta de **respeito** para com os idosos, crianças, autoridades, pais e educadores tem sido de tal monta que parece vivermos numa selva.

Alguns pais perderam o sentido de **educar** e confundem instrução com educação. Acreditam que basta colocar o filho na “melhor” ou mais cara escola. Nesse caso é suficiente apenas que estes se instruam, aprendam línguas estrangeiras etc. não importa os valores distorcidos que cultivem. Muitos estão preocupados apenas com uma profissão lucrativa, embora todos anseiem por um mundo mais solidário, mais saudável, mesmo que nada façam para que ele ocorra. Perderam a **autoridade**, tornando-se “amigo” dos filhos, o que é inconcebível, pois na relação familiar cada um tem seu papel. O diálogo amoroso e educativo não deve ser uma camaradagem onde, em nome dela, os filhos tratam pai e mãe, de quem dependeram a própria vida, como parceiros, sócios ou colegas. Respeito para com os pais chega a ser confundido com autoritarismo, tanto foi a perda de valores como respeito, obediência e gratidão etc.

**Honestidade** é conceito que perde força no mundo competitivo, onde vale mais quem possui, que pode e quem sabe. Beleza, fama, dinheiro, carro, casa também, são vistos como força de poder. Não há importância para o que **o ser humano pode ser**, mas o que ele pode ter para mostrar.

Em se tratando de **crenças**, muitos buscam as religiões para cura de doenças físicas, soluções financeiras ou mesmo para garantir um lugar no céu. Querem salvar a própria pele, poucos são aqueles que estão preocupados com a coletividade, o bem comum, o amor incondicional e ao próximo, tão propalados nas casas de oração. A **sensualidade** chegou em níveis degradantes e os **esportes** profissionais fabricam “celebridades” em pouco tempo, enaltecendo vaidade adormecida, fazendo desabrochar o **orgulho**, motivo de queda para tantos.

O **trânsito** das grandes cidades reflete o homem contemporâneo que o conduz. Continua-se na fase da **heteronomia** apresentada por Jean Piaget, (1896 a 1980) como etapas do desenvolvimento moral. Nesta fase, a criatura humana só cumpre normas ou leis apenas para não ser punida, não desenvolveu ainda a consciência moral. Diferentemente, na fase da **moralidade autônoma**, os deveres são cumpridos com consciência de seus significados, ou seja, se há princípios éticos e morais, age-se da mesma forma quando não há autoridade por perto.

O planeta precisa de educação em valores humanos e de mais ambientalistas. O Brasil, mais do que sempre. A natureza e a vida nos cobram cultivar valores humanos. É necessário discutir sobre tudo isso na escola, universidade, grupos religiosos, jornais e televisão, como valor a ser construído e assimilado ao fazer humano.

## ANEXO D – CONTOS TRABALHAR VALORES

### A Flor da Honestidade

"Conta-se que por volta do ano 250 a. C., na China antiga, um príncipe da região norte do país estava às vésperas de ser coroado imperador, mas, de acordo com a lei, ele deveria se casar. Sabendo disso, ele resolveu fazer uma "disputa" entre as moças da corte ou quem quer que se achasse digna de ser sua esposa. No dia seguinte, o príncipe anunciou que receberia, numa celebração especial, todas as pretendentes e lançaria um desafio.

Uma velha senhora, serva do palácio há muitos anos, ouvindo os comentários sobre os preparativos, sentiu uma leve tristeza, pois sabia que sua filha nutria um sentimento de profundo amor pelo príncipe. Ao chegar em casa, contou à garota e desesperou-se ao ver que ela pretendia ir à celebração, indagando preocupada: "Minha filha, o que você fará lá? Estarão presentes todas as mais belas e ricas senhoritas da corte. Tire esta ideia insensata da cabeça, eu sei que você deve estar sofrendo, mas não torne esse sofrimento uma loucura." E a filha respondeu: "Não, querida mãe, não estou sofrendo e muito menos louca. Eu sei que jamais poderei ser a escolhida, mas é minha oportunidade de ficar pelo menos alguns momentos perto do príncipe, e isto já me torna feliz." Na hora marcada, a jovem chegou ao palácio. Lá estavam, de fato, todas as mais belas meninas, com as mais belas roupas, as mais belas jóias e com as mais determinadas intenções.

Então, o príncipe anunciou o desafio: "Darei, a cada uma de vocês, uma semente. Aquela que, dentro de seis meses, me trouxer a mais linda flor, será escolhida minha esposa e futura imperatriz da China." A proposta do príncipe não fugiu às profundas tradições daquele povo, que valorizava muito a especialidade de "cultivar" algo.

O tempo fluiu e a doce criaturinha, posto não tivesse muita habilidade nas artes da jardinagem, cuidava com bastante paciência e ternura da sua semente, pois sabia que se a beleza da flor surgisse na mesma extensão de seu amor, ela não precisava se preocupar com o resultado. Todavia passaram-se três meses e nada surgiu.

A mocinha tudo tentara, empregara todos os métodos que conhecia, porém nada havia nascido. E findaram os seis meses.

Consciente do seu esforço e dedicação, ela comunicou à mãe que, independente das circunstâncias, retornaria ao palácio, no prazo combinado, pois não pretendia nada além de mais alguns momentos na companhia do príncipe. E lá se apresentou, com seu vaso vazio, bem como as demais pretendentes - cada uma com uma flor mais bonita que a outra, das mais variadas cores e formas. A jovem ficou admirada, jamais presenciara cena tão sublime.

Finalmente, chegou o momento esperado: o príncipe passou a observar a flor trazida por cada uma das pretendentes, com muito cuidado e atenção. Após minuciosa análise, ele anunciou um resultado surpreendente, indicando a cativante e humilde jovem como sua futura esposa.

O público presente, perplexo, quis saber o motivo: afinal, o desafio previa que se casaria com a moça que lhe trouxesse a flor mais irresistível e ele escolhera, justamente, a que não cultivara flor alguma...

Então, calmamente, o príncipe esclareceu:

"Esta jovem foi a única que cultivou a flor que a tornou digna de se tornar uma imperatriz: A Flor da Honestidade. Senhoras, senhores e senhoritas: todas as sementes que entreguei eram estéreis."

### O pote rachado

Um carregador de água na Índia levava dois potes grandes, ambos pendurados em cada ponta de uma vara a qual ele carregava atravessada em seu pescoço. Um dos potes tinha uma rachadura, enquanto o outro era perfeito e sempre chegava cheio de água no fim da longa jornada entre o poço e a casa do chefe. O pote rachado chegava apenas pela metade.

Foi assim por dois anos, diariamente, o carregador entregando um pote e meio de água na casa de seu chefe. Claro, o pote perfeito estava orgulhoso de suas realizações. Porém, o pote rachado estava envergonhado de sua imperfeição, e sentindo-se miserável por ser capaz de realizar apenas a metade do que havia sido designado a fazer.

Após perceber que por dois anos havia sido uma falha amarga, o pote falou para o homem um dia, à beira do poço:

- Estou envergonhado, quero pedir-lhe desculpas.

- Por quê?, perguntou o homem. - De que você está envergonhado?

- Nesses dois anos eu fui capaz de entregar apenas metade da minha carga, porque essa rachadura no meu lado faz com que a água vaze por todo o caminho da casa de seu senhor. Por causa do meu defeito, você tem que fazer todo esse trabalho, e não ganha o salário completo dos seus esforços, disse o pote.

O homem ficou triste pela situação do velho pote, e com compaixão falou:

- Quando retornarmos para a casa do meu senhor, quero que percebas as flores ao longo do caminho.

De fato, à medida que eles subiam a montanha, o velho pote rachado notou flores selvagens ao lado do caminho, e isto lhe deu ânimo. Mas ao fim da estrada, o pote ainda se sentia mal porque tinha vazado a metade, e de novo pediu desculpas ao homem por sua falha. Disse o homem ao pote:

- Você notou que pelo caminho só havia flores no seu lado do caminho??? Notou ainda que a cada dia, enquanto voltávamos do poço, você as regava??? Por dois anos eu pude colher flores para ornamentar a mesa do meu senhor. Sem você ser do jeito que você é, ele não poderia ter essa beleza para dar graça à sua casa.

## ANEXO E – TEXTO OS DOIS MONSTROS

### **Os dois Monstros – David McKee**

Era uma vez dois monstros. Um monstro que vivia tranquilamente no lado oeste de uma montanha. E outro que vivia do lado leste da mesma montanha.

Os dois monstros nunca se viram, mas algumas vezes falavam-se através de um buraco na montanha.

Uma tarde, um dos monstros disse: “Você viu que bonito? O dia se vai”.

O outro responde: “O dia se vai? Você estará querendo dizer que a noite chega, seu ignorante!”.

***Burro! Não me chame de ignorante, ficou com raiva o monstro!***

Pulou o primeiro monstro. E ele estava com tanto desgosto que quase não conseguia dormir. O outro monstro estava também muito irritado e dormiu muito mal.

Na manhã seguinte, o primeiro monstro se sente terrível após a noite ruim que ele tinha passado. Ele se aproximou do buraco e gritou: ***Acorda, cabeçudo, que não é mais noite!***

***Não seja estúpido, cérebro de mosquito - contestou o segundo monstro. É que vem o dia. Ele pegou uma pedra e atirou-a por cima a montanha.***

***Você tem muito má pontaria, rude- gritou o primeiro monstro quando a pedra caiu sem machuca-lo. Ele procurou uma pedra maior e jogou-o.***

***Também esta pedra falló.***

***- Você não tem nada para fazer, arruaceiro, peludo, nariz grande! Uivou o segundo monstro, e jogou uma pedra que desmanchou o topo da montanha.***

***Soprou um bom vento, obsoleto e gorduroso! - Gritou o primeiro monstro jogando uma pedra desalojada que destruiu o outro pedaço de montanha.***

***E você é um pateta e malcriado! Respondeu o segundo monstro, desta vez, variando deu um pontapé em uma pedra enorme.***

***No decorrer do dia as pedras foram sendo cada vez maior e os insultos a ficar mais fortes e longos.***

***Os dois monstros estavam ilesos, mas a montanha estava caindo aos pedaços.***

***Você é um idiota cabeludo, porco, cabeça oca e mandão! Gritava o primeiro monstro tirando uma pedra gigante. Por fim cada um agarra a última rocha que estava na monatnha.***

Essa rocha acabou destruindo o que restava da montanha e os dois monstros se vêem pela primeira vez. Isso aconteceu apenas quando se inicia um novo por- do- sol.

Incrível! Disse o primeiro monstro, soltando a rocha que tinha em suas mãos A noite está chegando. Você tinha razão.

É assombroso! - suspirou o segundo monstro, deixando cair sua pedra. Você tem razão, é o dia está indo.

Reuniram-se no meio ao desastre que tinham produzido e contemplaram juntos a chegada da noite e partida do dia.

Foi bastante divertido - riu o primeiro monstro.

Verdade que sim? - Riu o segundo – lastima de montanha!

## ANEXO F – CHAPEUZINHO, NARRADA PELO LOBO

O bosque era minha casa. Ali eu vivia e cuidava dele. Procurava mantê-lo sempre limpo e ordenado. Um dia de sol, enquanto estava recolhendo a sujeira deixada pelos domingueiros, ouvi uns passos. De um salto, escondi-me atrás de uma árvore e vi uma menininha, que descia pela vereda, levando uma cestinha na mão.

Logo suspeitei dela, porque se vestia de uma forma um pouco extravagante, toda de vermelho, com a cabeça coberta, como se não quisesse ser reconhecida. Naturalmente, saí para ver quem era. Perguntei-lhe como se chamava, aonde ia, e outras coisas desse gênero. Contou-me que ia levar comida para sua vovozinha. Pareceu-me uma pessoa honesta e bondosa, mas é certo que estava em meu bosque e era suspeita com aquele estranho capuz. Assim, apenas a adverti que era perigoso atravessar o bosque sem antes pedir permissão, e com um aparato tão esquisito. Depois, deixei que se fosse por seu caminho, mas apressei-me em ir ver sua avó.

Quando vi aquela simpática velhinha, expliquei-lhe o problema e ela concordou que sua netinha merecia uma lição. Acertamos que ela ficaria fora de casa, mas a verdade é que se escondeu debaixo da cama. Eu vesti suas roupas e fiquei dentro de casa. Quando a menina chegou, convidei-a para entrar no quarto. Em seguida, ela disse algo pouco agradável sobre minhas orelhas. Já antes tinha dito outra coisa desagradável, mas fiz o que pude para justificar que minhas grandes orelhas me permitiriam ouvi-la melhor. Quis dizer-lhe também que me encantava ouvi-la e que queria prestar muita atenção ao que me dizia, mas ela em seguida fez outro comentário sobre meus olhos saltados. Vocês podem imaginar que comecei a sentir uma certa antipatia por essa menina que aparentemente era muito boa, porém bem pouco simpática. Como já é meu costume, contudo, dar a outra face, disse-lhe que meus olhos grandes me serviriam para vê-la melhor.

O insulto seguinte me feriu de verdade. É certo que tenho grandes problemas com meus dentes, que são enormes, mas aquela menina fez um comentário muito duro, referindo-se a eles e embora saiba que deveria ter-me controlado mais, saltei da cama e lhe disse furioso que meus dentes me serviriam para comê-la melhor!

Mas sejamos sinceros: todo mundo sabe que nenhum lobo comeria uma menina. Mas aquela menininha louca começou a correr pela casa e eu atrás, tentando acalmá-la, até que a porta se abriu de súbito e apareceu um guarda florestal com uma faca na mão. O pior é que eu já tinha tirado a roupa da avó e logo percebi que estava metido em uma confusão e assim me atirei por uma janela que estava aberta e corri o mais veloz que pude.

Gostaria de dizer que foi assim o final de todo aquele assunto, mas aquela avozinha nunca contou a verdadeira história. Pouco depois, começaram a circular rumores de que eu era um tipo mau e antipático, e todos começaram a evitar-me. Não sei mais nada daquela menina com aquele extravagante chapeuzinho vermelho, mas, depois daquele percalço, nunca mais voltei a viver em paz.

(Lief Fearn. Juan de Vicente (1996): “Madrid aberto a otras culturas: emigración”. No livro coletivo *Transversalidad. Educar para la vida. Actas del primer encuentro, Comunidad de Madrid, Madrid, 1995, p, 74-75*)

**ANEXO G – JORNALISTA**

- 1 – O que são direitos Humanos para você?
- 2 – O que significam os direitos humanos para a comunidade em geral?
- 3 – Cite alguns dos direitos humanos?
- 4 – Quais são as maiores violações de direitos humanos?
- 5 – O que a humanidade devia fazer para avançar na proteção dos direitos humanos?
- 6 – Cite pessoas e grupos que você lembra quando se fala em direitos humanos?

## ANEXO H – JULGAMENTO DA COLMEIA

- “Oh! Minhas irmãs – disse a abelha -, somos faíscas de sol; nosso corpo é do mesmo metal. Somos as filhas do grande céu; nossas asas são do mesmo cristal. A justiça reina em nossas cidades: a razão nos conduz à felicidade; a música acompanha nossos atos.

Alimentamo-nos de luz líquida, de um açúcar incorruptível e diáfano. Somos as únicas criaturas que sabemos comer sem matar. Para nós, comer é nos unir à mais fina essência das coisas. Para nós, comer não é perseguir uma presa, abater um ser vivo, dilacerar um cadáver, arrancar e danificar o fruto; para nós, comer é fecundar a flor e fazer brotar a vida.

Mas, oh!, queridas, por que não somos totalmente perfeitas como os próprios astros? Somente uma coisa nos afasta da dignidade dos deuses: o ferrão que levamos no ventre. E quem utilizar esse ferrão mata, mas, ao mesmo tempo, se fizer isso, morre. Se o amor não os detém, então, que pelo menos o temor os paralise.

Quanto a mim, prefiro morrer nas mãos de meus inimigos a morrer por culpa de minha própria malícia. Oh!, Rainha!, devolvo-lhe o ferrão e de meu veneno farei mel.”

As operárias opinaram e disseram: “De que nos serve o mel sem o ferrão e sem o veneno? Quanto mais mel tivermos, mais exposta ao roubo estará nossa colmeia. Devolver o ferrão é converter-se em cúmplice do inimigo. Quem de vocês não vê o ferrão e o veneno da traição nas palavras melosas dela? A acusada merece a morte”.

Os marimbondos julgaram e disseram: “conhecemos nosso destino, que é perecer pelo ferrão. Mas quem suspeita de que somos covardes? O amor e a morte andam juntos. Querer um sem a outra é contrário à lógica, ao costume e à honra. A proposta nos ofende. A acusada merece morte”.

A rainha julgou e disse: “Se o raciocínio da acusada fosse justo, determinaria o fim da colmeia; portanto, é falso. Ela merece a morte”.

Assim, todos os ferrões se voltaram contra a abelha que havia renunciado ao seu. Todas as que a picaram morreram com valentia e toda a colmeia morreu lentamente por medo de tornar-se indefesa.

(Lanza del Vasto, Umbral de la vida interior)

Fonte: Original

(Publicado na unidade didática “Amemos la paz”, do Seminario de EP de la APDH (!())a) e da qual sou co-autor.

**ANEXO I – QUADRO VAN**

<http://lava360.com/20-amazing-vivid-paintings-by-van-gogh/>

## ANEXO J – CULTURA DE PAZ: TEORIA DO CONFLITO

O conflito pode ser definido como processo ou estado em que duas ou mais pessoas divergem em razão de metas, interesses ou objetivos individuais percebidos como mutuamente incompatíveis.

Para Deutsch, um processo destrutivo se caracteriza pelo enfraquecimento ou rompimento da relação social preexistente à disputa em razão da forma pela qual esta é conduzida. Em processos destrutivos há a tendência de o conflito se expandir ou tornar-se mais acentuado no desenvolvimento da relação processual. Como resultado, tal conflito frequentemente pode ser definido como um processo ou estado em que duas ou mais torna-se “independentemente de suas causas iniciais”, assumindo feições competitivas nas quais cada parte busca “vencer” a disputa e decorre da percepção, muitas vezes errônea, de que os interesses das partes não podem coexistir. Em outras palavras, as partes quando em processos destrutivos de resolução de disputas concluem tal relação processual com esmaecimento da relação social preexistente à disputa e a acentuação da animosidade decorrente da ineficiente forma de endereçar o conflito.

**O que são processos construtivos? Enumere três características de processos construtivos.**

Processos construtivos, segundo Deutsch, seriam aqueles em razão dos quais as partes concluiriam a relação processual com um fortalecimento da relação social preexistente à disputa. Para esse professor, processos construtivos caracterizam-se:

- a- Pela capacidade de estimular as partes a desenvolverem soluções criativas que permitam a compatibilização dos interesses aparentemente contrapostos;
- b- Pela capacidade de as partes ou do condutor do processo (e.g. magistrado ou mediador) motivarem todos os envolvidos para que prospectivamente resolvam as questões sem atribuição de culpa;
- c- Pelo desenvolvimento de condições que permitam a reformulação das questões diante de eventuais impasses e
- d- Pela disposição de as partes ou do condutor do processo a abordar, além das questões juridicamente tuteladas, todas e quaisquer questões que estejam influenciando a

relação (social) das partes. Em outros termos, partes quando em processos construtivos de resolução de disputas cocluem tal relação processual com fortalecimento da relação social preexistente à disputa e, em regra, robustecimento do conhecimento mútuo e empatia.

**Qual a importância do mecanismo de luta e fuga em processos de resolução de disputa?**

Em suma, o mecanismo de luta ou fuga consiste em uma resposta que libera a adrenalina causadora das reações da coluna da esquerda no quadro anterior. Por sua vez, ao se perceber o conflito como algo positivo, ou ao menos potencialmente positivo, tem-se que o mecanismo de luta ou fuga tende a não ser desencadeado ante a ausência de percepção de ameaça, o que, por sua vez, facilita que as reações indicadas na coluna da direita sejam alcançadas.

**O que são espirais de conflito? Qual a importância de se compreender a escalada de conflitos?**

Para alguns autores como Rubin e Kriesberg, há uma progressiva escalada, em relações conflituosas, resultante de um círculo vicioso de ação e reação. Cada reação torna-se mais severa do que a ação que a precedeu e cria uma nova questão ou ponto de disputa. Esse modelo, denominado de espirais de conflito, sugere que com esse crescimento (ou escalada) do conflito, as suas causas originárias progressivamente tornam-se secundárias a partir do momento em que os envolvidos mostram-se mais preocupados em responder a uma ação imediatamente antecedida sua reação.